

A close-up photograph of a man's torso. He is wearing a dark suit jacket over a light-colored dress shirt and a dark tie. His hands are positioned at the knot of the tie, appearing to be adjusting it. The lighting is dramatic, with strong highlights on his hands and the shirt, and deep shadows in the suit and background.

UM CASAMENTO
de mentira
PARA O CEO

ALINE PÁDUA



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

*poder, então nossa sociedade poderá enfim
evoluir a um novo nível."*





UM CASAMENTO
de mentira
PARA O **CEO**

ALINE PÁDUA

UM CASAMENTO
de mentira
PARA O **CEO**

ALINE PÁDUA

UM CASAMENTO
de mentira
PARA O **CEO**

ALINE PÁDUA

Copyright 2022 ©

1º edição - março 2022

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS A ALINE PÁDUA

Edição: AAA Design

Revisão: Sônia Carvalho

Sumário

[Sumário](#)

[Nota](#)

[Playlist](#)

[Sinopse](#)

[Prefácio](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Epílogo](#)

[Bônus](#)

[Nota](#)

[Contatos da autora](#)

Nota

Olá, minha gente!

Prontos para começar um novo entrelaçar de famílias?

Para quem não sabe, muitos dos personagens citados aqui já tiveram suas histórias contadas (os links estarão ao fim do livro, caso se interesse), mas se tornaram apenas secundários no momento, por serem parte da família de Gael Fontes - nosso mocinho, não tão mocinho assim, e da família de Talita Kang -

nossa mocinha, também não tão mocinha assim. Bom, acredito que durante a leitura vão entender bem o que quero dizer.

Eles são realmente humanos e tem muito a aprender a cada etapa que vão passando. E espero que queira passar cada etapa desse livro com eles.

Boa leitura!

Com amor,

Aline



Playlist

Posicione a câmera do seu celular para ler o QR Code e conheça um pouquinho das músicas que inspiraram este livro. Caso não consiga ter acesso, clique [aqui](#)



Sinopse

Nas voltas que a vida dá, Talita e Gael se encontram dizendo “sim” no altar.

A rejeição à frente de várias pessoas foi o que Talita Kang vivenciou aos dezessete anos, quando Gael Fontes a recusou e humilhou abertamente sobre o possível noivado dos dois.

Porém, como o carma nunca falha, tudo o que o herdeiro dos Fontes necessita quinze anos depois, quando retorna para recuperar a empresa da família, é justamente um casamento por contrato.

O que ele não esperava era que justamente a mulher que quebrou seu coração seria a candidata perfeita, e mais, que ela o

escolheria novamente.

Ele a humilhou por um casamento por contrato.

Ele precisa dela agora, pelo mesmo motivo.

Talita se apegou a esse contrato pela sua família, e por uma promessa que apenas ela pode cumprir. Mas nada lhe impede de se divertir com a infelicidade do homem que estará preso nessa mentira com ela. Entre o carma, uma rede de mentiras e corações partidos, até que ponto um casamento por contrato significará apenas isso?

Prefácio

“Sonhos alucinantes no silêncio da noite

Você sabe que eu peguei (oh, sim, você está certo, eu quero) Mau, garoto mau, um brinquedo brilhante que tem um preço Você sabe que eu comprei.”

Cruel Summer - Taylor Swift



Prólogo

“Você sabe que eu te adoro, estou mais louca por você Do que quando eu tinha 16 anos, perdida em uma cena de filme Acenando às rainhas do baile, a banda tocando

Estou perdida nas luzes” [\[1\]](#)

GAEL

No passado

Meu olhar percorreu o imenso salão.

Eu não queria estar ali.

Eu não deveria estar ali.

A chantagem da vez não poderia ser pior. Contudo, o que eu não imaginava, era encontrar Talita parada no meio do salão, com um sorriso tão grande, que parecia ser o melhor encontro da noite.

Como eu poderia ser o melhor encontro da noite de alguém?

— Bem-vindo ao seu noivado, querido.

A voz de Hellen soou baixa ao pé da minha orelha. Eu já estava mais alto que ela, mesmo em seus saltos, e mesmo que tentasse compreender os porquês de minha tia por parte paterna, eu nunca entenderia. Não aos dezoito, onde tudo o que eu realmente buscava era escapar dali. Era me permitir escapar, para livrar a todos nós.

Da miséria e vergonha que restou após a perda da nossa mãe. Eu vi de relance os seguranças saírem com Valéria,

Henrique e Paola. Ao menos, o prometido por eu estar ali foi feito.

Assim que os vi desaparecer de minha vista, contei cada minuto.

Afastei-me de Hellen e fui até o banheiro. No meio do caminho, notei o sorriso de Talita não vacilar. Ela parecia

brilhar quando me olhava. Mas a questão era que aquele olhar e expressão, eu encontrava em qualquer outra garota da mesma idade que eu, perdida por aquela festa.

A minha festa de noivado.

Com quem?

Para quem?

Eu sequer sabia quem seria a minha noiva.

Bati contra a pia, com força e senti a dor se espalhar por meu pulso. Gostaria apenas de um saco de areia naquele instante, para descontar toda a frustração e raiva que ser um Fontes depositou em mim. Se não fosse por minha mãe, eu teria saído dali. Se não fosse pelos meus irmãos, eu nunca estaria ali.

Enrolei o máximo que pude naquele banheiro, e vi-me saindo quando senti uma mão pesar sobre meu ombro. Meu pai, ou o que restou do homem que um dia ele foi. Ele poderia estar

ali para me apoiar e seguir contra tudo aquilo, mas a realidade era que estava já bêbado demais para se manter em pé.

Como um boneco comandado pela bebida e pela irmã.

Afastei-me do mesmo e me neguei a encará-lo. Já eram anos e anos, vendo-o se afundar. Já eram anos e anos, tentando mantê-lo a salvo de si mesmo, mas não adiantava. Não enquanto ele não quisesse. Não enquanto ele não nos quisesse também.

No momento que cheguei ao corredor, encontrei o sorriso resplandecente de Talita Kang. Ao menos, era como ela sempre se apresentava para comigo. Ela não parecia como os pais, que tentavam encobrir tal sobrenome ou fugir do que ele significava.

Eu sabia, já que existiam histórias sobre aquela família há muito tempo. Histórias até mesmo mirabolantes.

[— Gael Oppa\[2\]...](#)

A nossa descendência sul-coreana parecia apenas simples para ela, assim como as tradições. Nunca me incomodou o fato de ela se sentir à vontade para me chamar de tal forma, até achava carinhoso, porque existiu uma parte de nossa infância em que aquela proximidade fez sentido.

Um dia fomos melhores amigos, até que veio o acidente de seus pais e ela foi para fora do país. Depois daquilo, foi como se nos tornássemos estranhos, mesmo que ainda me chamasse daquela

forma

carinhosa

quando

nos

encontrávamos

esporadicamente.

Talita era mais nova cerca de um ano, ou seja, deveria ter feito dezessete há pouco tempo. Um aniversário no qual não estive, porque ainda estava me negando a participar dos

joguinhos de Hellen. E eu sabia que existiam jogos que poderiam envolver os Kang. E eu me negaria a deixá-la envolver Talita em qualquer um deles. Ela merecia mais do que aquilo.

E Hellen adoraria o poder e fama que eles possuíam.

— Eu tenho que ir, Talita. — falei, e tentei o máximo de um sorriso que me veio ao rosto.

Andei a passos largos e procurei a saída mais próxima. Eu já tinha aparecido e já era o bastante. Antes que Hellen me jogasse para o seu próximo negócio e realmente transformasse aquilo em um noivado. Eu já não duvidava de nada.

— Oppa...

O grito me fez parar ao fim do corredor, quando encontrava uma saída perfeita.

— Talita, eu realmente...

— É o nosso noivado — ela falou, como se fosse simples assim e com um sorriso enorme em seu rosto. — Por que parece estar querendo fugir?

Foi quando olhei ao redor mais atentamente e encarei as letras que se uniam como um símbolo. G e T... Gael e Talita.
O

que eu mais temia acontecia - Hellen me negociou em casamento.

TALITA

— Não seja ridícula.

Eu não esperava tal explosão e a voz em um tom mais alto.

Olhei para Gael, olhos escuros quase estrelados e não vi qualquer brilho. Por que ele não parecia nem um pouco feliz?

— Onde Hellen está?

— Ela disse que ia verificar algo e...

— Aquela... — ele a xingou em coreano e fiquei perplexa com o quanto ele parecia odiá-la. Eu sabia que a relação dos Fontes não era boa, mas nunca tinha visto Gael de tal maneira. —

Onde ela está?

— Isso importa? — perguntei, tentando aliviar o clima, e toquei seu braço. Senti-o tremer sob minha pele e foi quando uma luz forte quase me deixou sem enxergar direito. Demorei-me para me acostumar, e acreditava que o mesmo aconteceu com Gael.

— Acho que é a nossa dança...

— Isso é uma piada? — Gael então se soltou do meu toque, e sua voz soou como um estrondo pelo grande salão, enquanto eu tentava me acostumar com a claridade. — Isso é a porra de uma piada?

— Oppa, nós podemos... — tentei intermediar, mas me calei no segundo que sua voz soou cortante.

— Não sou nada seu, Talita. Nós nem nos conhecemos mais... — o tom debochado, áspero e inesperado, fez-me abraçar

a mim mesma. — Não vamos nos casar.

— Mas...

Eu me lembrei da carta e pensei em citá-la, mas o olhar dele era tão gélido, que me fez apenas dar passos atrás. Como uma garotinha assustada, apenas parei quando bati contra algo não tão rígido e de repente apenas senti meu corpo ceder.

Ceder sobre o chão, com pedaços do que deveria ser o bolo cortado mais tarde, caindo sobre o meu vestido favorito, que separei para aquela noite. Um vestido que comprei pensando no quanto ele poderia me achar bonita.

— Espero que estejam ouvindo bem! — ele falou alto e claro, enquanto sequer se aproximou para me ajudar, e neguei a ajuda de qualquer outro. Levantei-me após a segunda queda escorregando nos pedaços de bolo, e senti o meu sangue ferver, mesmo que as lágrimas quisessem descer. — Eu não vou me casar! Eu e Talita não vamos nos casar! Ela não será a minha esposa comprada!

Vi naquele momento, um lado meu que nunca antes tinha deixado aflorar.

— Op... — ri de mim mesma, suja de bolo e da ilusão que criei para um momento que só existia na minha cabeça. E pelo jeito, naquela carta. Agora eu entendia por que Vincenzo sempre dizia para Jeon que eu era muito inocente para ser uma Kang. —

Gael...

Minha voz quase não saiu, mas ele me escutou, parando no passo que daria para fora. Aproximei-me apenas o

suficiente para que ele pudesse ouvir, num arroubo de raiva que nunca antes me atingiu.

— Você é quem está à venda, Fontes.



Capítulo 1

“Nós éramos crianças no começo, acho que somos adultos agora, mmm Nunca poderia imaginar ter dúvidas

Mas nem tudo dá certo, não” [3]

Quinze anos depois...

GAEL

No presente

— Ela está com ele? — perguntei, enquanto tentava reorganizar minhas ideias. — Valéria realmente está envolvida com um Reis?

— Pelo que tudo indica, sim — meu amigo falou e eu respirei fundo. — Acho que ela precisa do irmão.

— Algum indício de que seja um contrato forjado por Hellen?

— Os Reis não se casam por contrato e mais, parece que sua irmã ama o cara. — Respirei fundo, e tentei não pensar tanto sobre.

— Obrigado — falei simplesmente, e desfiz a ligação, ouvindo apenas um resmungo do outro lado da linha.

Era estranho ter a notícia de que um dos meus irmãos estaria se envolvendo com alguém e que não era a respeito de um contrato de casamento. O quão fodida era a realidade em relações amorosas da família Fontes?

Negociações

em

casamentos

eram

algo

típico,

principalmente para minha família, ou o que deveria chamar

aquilo. Eu era um dos resultados de tais negócios, onde Somni Campos foi vendida em casamento para Leonel Fontes. Sendo aquele casamento que salvou o legado antiquado da família, assim como, trouxe a mulher responsável por tirar a Distribuidora Fontes da falência.

Contudo, ela sempre deixou claro que nunca me quis continuando tal coisa, de abrir mão das próprias escolhas e destino por um sobrenome. E foi assim que ela tentou criar a mim, e meus irmãos - Valéria, Henrique e Paola. Ela

tentou, mas infelizmente, a vida não quis que ela permanecesse conosco a ponto de que Paola pudesse conhecer a mulher incrível que ela era, já que acabou falecendo no parto.

Olhei para os papéis espalhados à minha frente, no pequeno cômodo que se tornara minha casa há cerca de dois anos, e onde estaria seguro e o mais perto possível de encontrar os reais documentos do testamento de minha mãe.

Levei a toalha aos cabelos, ainda todos suados, mesmo após uma caminhada pela noite fria. Meu corpo ainda se reacostumando e talvez pedindo por mais da adrenalina que as lutas me proporcionavam. Era difícil, depois de tanto tempo

correndo em círculos, se sentir realmente vivo longe de tudo o que conhece.

Tinha saído de casa com a promessa que voltaria para libertar meus irmãos, e de que Hellen não conseguiria fazer nenhum acordo de algo com eles, enquanto eu mesmo não estivesse casado. E era o que mantinha, até encontrar o verdadeiro testamento de minha mãe, que eu sabia, ela jamais teria deixado em algum lugar óbvio.

O óbvio seria facilmente encontrado por meu pai, se era que eu podia chamá-lo de tal maneira, e ainda mais, poderia ser descartado por Hellen. Ela fazia o que era necessário, segundo ela mesma - pelo bem daquela família. Depois de tantos anos, acompanhando o que podia de longe sobre ela, eu realmente notei que ela acreditava fielmente no que pregava. Imaginava que se tornasse os Fontes uma família cada vez mais rica e poderosa, fosse da maneira que fosse, ela seria uma boa matriarca.

Ela foi ensinada a ser assim.

Eu fui criado para ser o contrário.

E agora estava à frente de alguns papéis que tinha conseguido após meses e meses procurando por uma das mais

antigas amizades que minha mãe teve, e que provavelmente, nem mesmo Leonel sabia da existência. Encarei o nome e foto de Iuri Goulart e sabia bem por alto que os Campos, a família biológica de minha mãe, tinha uma relação próxima de parentesco com eles.

Era uma confusão tamanha, que me via com um quadro enorme, espalhado ao lado da cama, com ligações entre sobrenomes e famílias. Minha mãe não esconderia um testamento se ela soubesse que não existiam riscos. O que me fazia pensar e indagar, o porquê ela o fez para esconder de meu pai, que antes de seu falecimento, parecia ser o homem mais apaixonado que já conheceu.

Ela deveria saber muito mais.

Muito mais do que aquilo.

Eu, Valéria, Henrique e Paola, éramos apenas coadjuvantes da situação. Mesmo eu que acompanhei cada etapa, até a sua morte, não tinha ideia do que realmente uma mulher como Somni Campos escondia, e por que escondia. Mas me recordava de suas palavras, antes de dar à luz a Paola: “seja o bom menino que eu sei que é, e se precisar lutar, você tem a

força bem aqui...” ela então apontou para o meu coração e me deu um leve beijo no rosto.

Foram as últimas palavras dela, como se ela soubesse que algo aconteceria e precisasse se despedir. E o Gael de

apenas treze anos, nunca imaginaria que apenas perto dos trinta e três, ele estaria realmente próximo de ter aquela resposta. Só continuava repetindo a mim mesmo que era exatamente aquilo que fazia: eu lutava.

Lutava por ela.

Lutava por mim.

Lutava por eles – minhas três razões.

Virei algumas páginas e deixei a ficha de Iuri de lado, e um envelope de cor preta me chamou atenção. Não me recordava de ele estar ali mais cedo. Olhei ao redor, como se tivesse a certeza de que alguém entrou ali, mas sabia que se fosse para ter feito algo mal, com certeza, já o teria. Eu não estaria sequer mexendo naqueles papéis.

Quem diria, de herdeiro rico e intocável que colocava o terror na alta sociedade, para herdeiro renegado e que mal conseguia proteger a si mesmo. Tudo o que tinha e que me restava para proteger meus irmãos, era o que fazia. Mesmo de longe. Mesmo sabendo tão pouco. A segurança deles era o bastante, não a minha.

Assim que abri o envelope, encontrei mais quatro, seis dentro dele, e de cores variadas. Porém, quando virei um e reconheci meu nome e a letra ali escrita, senti meus dedos tremerem de imediato. Aquela caligrafia... Eu a conhecia tão bem como o meu próprio nome. Eu estava atrás da caligrafia de minha mãe há anos, da realidade que ela deixou para nós, diferente do que Hellen ou Leonel forjaram. E ali estava, de repente, à minha frente.

— Omma... — falei para o nada, e passei os dedos sobre a letra.

— É bom finalmente conhecê-lo.

A voz me fez agir de imediato ao engatilhar a arma até então largada ao lado do sofá, em direção à pessoa que estava até então escondida no final do pequeno corredor.

— Sabia que um dia viria, mas também que demoraria... —

o homem entrou no meu campo de visão e o reconheci da foto

que estava espalhada na mesa, mas ainda permaneci com a arma em sua direção. — Somni estaria orgulhosa.

— O que tem a ver com a minha mãe? — indaguei, e ele cruzou os braços, encarando-me com destreza.

— Tem os olhos dela. — falou, e então indicou algo sobre a mesa. — Sei que sua irmã tem os cabelos, o mais novo as covinhas e a caçula, uma cópia perfeita.

— Quem é você? O que significa isso?

— Sou o que tem procurado há tantos anos. — comentou, e abriu os braços. — Vou te dar as respostas e o que precisa para ter sua família de volta.

Fiquei em choque por alguns segundos, e encarei-o ainda mais desconfiado. Como aquele homem aparecia do nada e parecia trazer tudo pelo que busquei por tanto tempo? Contudo, ele não estava armado e muito menos parecia a ponto de me atacar. Permaneci com a arma em mãos, enquanto ele não mexeu um músculo.

Algo me dizia, ao vê-lo ali, que tinha finalmente chegado a hora de voltar.

Talita

— Eu tenho tantos seguranças que poderia montar um time de futebol com eles — falei baixo, com o celular na orelha, andando despreocupada pelo shopping e sabendo que muitas das pessoas ao meu redor não eram desconhecidas.

Tinha passado ali para pegar algo para comer durante o almoço e logo voltaria para a empresa. Contudo, estar exposta assim, diante de toda aquela preocupação que eu sabia que minha família tinha, me lembrava do porquê eu adorava pedir delivery. Mesmo que as outras pessoas comuns não tivessem nem uma vaga ideia do que acontecia, o fato de eu ter, me incomodava por completo.

— Sabe que apenas nos preocupamos e que não é exagero.

— Eu sei, Jeon. — Suspirei fundo, e continuei meu caminho até o restaurante que gostava. — Quando os verei em solo brasileiro?

— Em breve, já que Verônica se casou e estamos tomando todo cuidado necessário com os outros parentes. — falou com claro deboche a última parte. — Aliás, Vincenzo está desconfiado de que está aprontando algo.

— Ele sabe que estou procurando um marido.

— Ele está sabendo qual marido resolveu procurar de repente.

— Ele sabia que esse dia chegaria, todos vocês — rebati, e ouvi seu suspirar no fundo. — Não podem me proteger de uma promessa que meus próprios pais fizeram.

— Não estou aqui para julgar, nenhum de nós está, mas não queríamos você se envolvendo com alguém que te

machucou quando jovem.

— Eu sequer tinha um coração inteiro para ser quebrado, vocês sabem melhor do que ninguém. — Encarei as opções do

cardápio, tentando me focar na realidade. — Partes dele nunca foram recuperadas depois daquele acidente.

— Sentimentos e falta da sua mãe também, Ta. — sua voz era como um sopro no fundo, quando eu parava e relembrava da perda. Era difícil, mesmo depois de tantos anos, administrar tudo aquilo. O mais complicado, era saber que meus pais faleceram, mesmo diante de toda proteção possível que a família tinha para com eles.

— Meu pai ficaria tocado ao saber que não foi mencionado.

— Tentei brincar, não me permitindo adentrar a dor.

— Vincenzo relutou muito para aceitar esse casamento de sua mãe com um brasileiro, mas você sabe que Cha consegue dar um jeito de colocar algo na cabeça dele.

— Cha me apoia. — Tive que falar, com um sorriso verdadeiro surgindo. — Ele sabe que meus pais nunca me dariam algo a mais para carregar.

— Que ele não me escute, mas Cha já está velho e praticamente se aposentou.

— E existe aposentadoria na máfia? — revidei, falando em coreano e ouvi-o xingar baixinho.

— Quantas vezes vamos ter que dizer que não somos mafiosos?

— Até que eu me torne uma inocente garotinha que não tem ideia do poder e do que realmente fazem. — Rebatí, e fiz meu pedido para a moça que parecia se divertir imaginando com quem eu conversava ao telefone. — Eu vou me concentrar no almoço e obrigada pelo conselho que não vou seguir de não me casar por contrato.

— Também amamos você, Ta.

Ele desfez a ligação e guardei o celular no bolso da calça, enquanto esperava a moça anotar todo meu pedido e repassava os pilares que a família Kang tinha. Era mais do que uma família, na realidade, um clã que eles mesmo escondiam para proteção de quem fazia parte. No entanto, sempre que o sobrenome Kang vinha à tona, fosse no Brasil ou qualquer outra parte do mundo, ele era respeitado.

Cha Kang foi o chefe da família por muitos anos, até decidir que era hora de ser modificado e Vincenzo assumir. Uma família

formada por sangue, vontade e princípios. Não era necessário nascer na árvore biológica dos Kang para ser um, mas era necessário viver como um para ser reconhecido. Eu era filha de Rami Kang, braço direito e irmã de Vincenzo por anos, até se apaixonar quando veio para o Brasil e escolher uma vida mais calma para me criar.

A vida de minha mãe era o mais normal possível, a ponto de que eu apenas descobri que a nossa família era tão poderosa quando ela e meu pai faleceram. Os Kang apareceram e me protegeram. Eles me mostraram os caminhos que eu tinha para escolher, dentro e fora do clã. Eu ainda era família, mas poderia participar ativamente do clã se quisesse.

Eu ainda era muito jovem para qualquer escolha, mas mesmo quando fiz dezoito e com todo treinamento que tive, optei pela vida que minha mãe escolheu por mim, porque confiei na palavra dela. Sempre nela e em meu pai. E por aquilo também, eu assumi a parte empresarial que ela e ele ergueram no Brasil no ramo de joias e não me intrometia nos assuntos ilegais ou o que fosse do restante da família. Eu era a parte mais jovem e distante

daquela realidade. A realidade de Dove, Chae, Kalel, Jeon e Vincenzo.

— O seu pedido, senhorita.

— Muito obrigada. — falei, após receber o saco embalado e dei um leve sorriso para a atendente.

Notei de relance várias outras pessoas se movimentarem com o meu movimento, e segurei o riso preso. Por mais distante que eu estivesse, eu ainda era uma Kang e era protegida como uma. E por mais que eles quisessem me controlar para não optar por cumprir uma velha promessa, eles me respeitavam.

E mais uma vez, enquanto caminhava para sair daquela praça de alimentação e recapitulava o que teria que fazer, torci para que meu telefone tocasse e alguma informação sobre Gael Fontes surgisse.



Capítulo 2

“Carma venha e aproveite

Me sinto mal, mas não posso fazer nada

E aí? Já estou de volta

Puxe o gatilho” [4]

TALITA

— Eu tenho mais o que fazer Flávio. — Ele revirou os olhos, recolocando a camisa e me privando de encarar os gominhos da sua barriga. Quem visse de fora e pensasse que eu

era filha única, era porque nunca me conversando com essa peste que poderia ser a amizade mais inusitada que firmei.

Como poderia dizer que a gente se tornou melhor amigo no karaokê e errando todas as letras possíveis?

— E eu tenho que ir aturar Juan e sua tristeza eterna por ter sido abandonado.

— Guta ainda demorou muito para ir. — Eu não conhecia de fato a família dele, mas pelos retratos diários que meu melhor amigo me dava, aquilo estava longe de ser um bom casamento para ela.

Um casamento por contrato.

Um casamento de mentira.

As duas frases me remetiam ao passado e infelizmente, ao meu futuro.

— Eu vou atrás dela, assim que colocar o mais novo bebum para dormir — assenti e fiz um sinal de coração com os dedos, que era muito comum entre as pessoas da minha família, e tradicional da cultura sul-coreana. — Ainda temos que falar sobre o seu casamento por contrato de sucesso.

— Sabe que não vamos nos casar. — Revirei os olhos e ele riu abertamente. — Eu vou dar um jeito na bagunça que meus pais fizeram, mesmo que sem querer.

— Se precisar, só me dizer a data, hora e local, e eu estarei lá para dizer sim.

— Eu sei — ele assentiu, colocando seu chapéu de cowboy e apertou a aba. — Nos vemos amanhã, certo?

— Até daqui a meia hora no grupo do zap.

Ele piscou e desfez a ligação, fazendo-me rir para o nada.

Flávio Esteves era o melhor amigo que alguém poderia ter.

A gente se conheceu na noite em que eu fugi de casa pela primeira vez e na tola inocência, acreditava que seria fácil esquecer a humilhação que sofri, tomando algumas doses

em algum bar com desconhecidos. Flávio estava lá também, praticamente pelo mesmo motivo, e foi uma soma de dois bêbados no karaokê durante uma madrugada inteira.

No dia seguinte, acordamos no carro dele, que felizmente ninguém denunciou e fiz questão de oferecer-lhe um café da manhã decente em casa, assim como me ajudar a não ser

proibida pela eternidade de sair, e meus seguranças me encararam todos aliviados quando apareci.

Daí, foi uma década de amizade, que mesmo ele morando no interior e eu na capital, sempre encontrávamos um jeito de nos ver. Todos os dias. Flávio me conhecia melhor do que eu mesma, assim como eu com ele. Não poderia mentir que em algum momento, tentei virar a chavinha da amizade e buscar algo a mais nele, mas conscientemente, eu ainda tinha um fantasma que pairava sobre o rosto de qualquer um. Até mesmo aqueles, que diferente de Flávio, me atraíam. O sorriso arrogante e esnobe, que quase escondia seus olhos indecifráveis. O rosto de Gael Fontes ainda me atormentava.

Flávio dizia que era uma parte de mim que precisava colocar um ponto final. Segundo ele, funcionou para si, quando enfrentou seu antigo amor e o fez entender que estava findado.

Eu já tinha tentado encerrar aquilo, mas a realidade, era que piorou tudo. Piorou até mesmo o que não deveria existir.

Mas como eu poderia encerrar um sentimento que nunca existiu?

Eu não amava Gael Fontes quando ele quebrou meu coração. Ele era mais uma paixão e capricho jovem, do que

qualquer outra coisa. Ele era o troféu mais caro que eu queria colocar na prateleira - era o que dizia a mim mesma, sempre.

Então, o que me prendia, não era o amor. Era um sentimento oposto, que gritava assim que me recordava, por mais que eu desejasse a indiferença.

— Senhorita Talita?

Levantei o olhar, ao encontrar minha porta aberta e minha segurança particular adentrou, fechando-a em seguida.

— O que houve, Lore?

— Há boatos rolando de que a família Fontes adquiriu novas seguranças. — Olhei-a sem entender ao certo o porquê de tal informação, ao mesmo tempo que atenta. — Seguranças para Paola, Henrique e Valéria. — Ali sim tinha uma nova informação.

Fazia um longo tempo que não ouvia falar sobre Valéria Fontes.

— Eles foram contratados por Gael Fontes.

— Gael...

O seu nome saiu da minha boca como um desejo sendo realizado. Agora eu entendia por que Lore me trazia aquilo, ela foi instruída, desde que começou a trabalhar comigo de que qualquer informação sobre Gael Fontes, poderia ser passada para mim.

Uma das únicas pessoas que não eram contratadas diretamente por minha família, assim, eu conseguia ter as informações em primeira mão e não cortadas.

Mas agora eu precisava saber exatamente do porquê, depois de tantos anos se escondendo por aí, ele aparecera.

— Alguma coisa a mais? — ela então veio até perto da mesa e se encostou, como se fosse a fofoca do século. E não poderia negar, que eu amava uma boa fofoca.

— Os seguranças foram indicados pela senhora Reis.

Eu sorri abertamente, porque aquilo não me surpreendia.

Gael sempre foi previsível, e não me surpreenderia em encontrá-lo na próxima reunião dos acionistas da Fontes, que seria dali a alguns dias.

Eu estaria lá de toda forma, e neste momento, eu teria uma razão a mais. E ela tinha nome e sobrenome que eu tanto quis

enterrar quando ainda era tão jovem. Mas agora, estava pronta para cumprir com o meu próprio dever.



Capítulo 3

“Dizem que é loucura, mas qual a perda pra mim, hein?”

Me amaldiçoe sem dó, você vai perder pra mim, sim Algo como o amor não consegue deixar nem um machucado em mim.” [5]

GAEL

Homens Fontes compravam suas esposas. Mulheres Fontes eram vendidas como esposas.

Aquelas duas frases se repassavam por minha mente.

Várias e várias vezes. Como se não fosse o bastante para me

afogar no meio de tudo aquilo. Olhei para a grande fachada do prédio, em que eu, assim como meus irmãos, éramos herdeiros.

Os Fontes tinham certo poder e dinheiro, pela ambição e boa administração de minha tia. De incompetente, eu jamais poderia chamá-la.

A questão era que ela sempre fazia o que fosse necessário, mesmo que fosse destruir a própria honra, para manter o dinheiro e falso orgulho daquela empresa. Segurei novamente com força a pasta em minhas mãos. Foram tantos anos em busca daquilo. Lutas ganhas. Lutas perdidas. Mas eu tinha conseguido.

Eu tinha voltado, e comigo, o verdadeiro testamento de minha mãe.

Não havia paz em tê-lo comigo, mas ao menos, poderia trazer paz aos meus irmãos. Existia algo naquele papel, que eu tinha certeza de que minha mãe me destinou. Ela sabia do quanto nenhum de nós conseguiria simplesmente desistir do que ela construiu, e do que ela significava. A

rede de Distribuidora Fontes, era dele. E todos nós, até mesmo Paola, não deixariam que

aquilo ficasse nas mãos de pessoas que não sabiam o significado. Mesmo que isso custasse sermos quem não éramos.

E era minha vez, mesmo depois de ter fugido tanto, de ser quem não era, para poder trazer o sonho de minha mãe de volta, e ao mesmo tempo, livrar meus irmãos do que fosse.

Adentrei o saguão e notei os vários seguranças ao redor.

Minha mão foi como que por hábito até a gravata e a afrouxou.

Fazia tantos anos, que eu já tinha me desacostumado a usar tais vestimentas. Caminhei a passos decididos, a cabeça erguida e um olhar indiferente. Fui direto para o elevador privativo, e senti o momento em que um segurança parou à minha frente, tentando me impedir.

— Ele está comigo.

Aquela voz...

A última voz que imaginava escutar naquele momento.

Por mais que por fora eu estivesse parecendo apenas uma estátua, por dentro, estar naquele prédio novamente, me desestabilizava por inteiro. Chegou a um tempo que jamais imaginei que voltaria com algo concreto e que nos ajudaria, que

meu arroubo juvenil foi uma burrice, mas agora estava eu, ali, e de repente, Talita Kang, parada a alguns passos de mim, com o que parecia ser sua segurança pessoal ao lado.

Não tive tempo para reparar em nada de fato, apenas de que a última lembrança que tinha dela, era a mesma expressão indiferente como agora. Segui-a até o elevador e vi de relance, ela dispensando a segurança, e apertando o botão da sala da presidência.

— O que faz aqui? — perguntou, não parecendo surpresa e na realidade, eu não consegui distinguir absolutamente nada.

Só que seus cabelos estavam mais curtos, e com as pontas descoloridas, os olhos castanho-claros escondidos sob os óculos escuros, e um conjunto preto com um salto da mesma cor, que tinha como destaque apenas o batom vermelho em seus lábios.

— Como soube que eu estaria aqui? — foi a única coisa que saiu da minha boca, e seu olhar continuava preso ao espelho da parede do elevador.

— Não estou aqui por você. — respondeu simplesmente.

— Estou aqui para comprar um marido. Você está à venda, Gael?

Não Oppa.

Não Gael Oppa.

Por um segundo, senti a vontade de pedir desculpas e até mesmo perdão, mas como eu o faria? Já tinha passado tantos anos desde quando agi como um completo imbecil com ela. Na hora, eu senti que não tinha culpa por reagir contra aquele espetáculo. Mas a questão era que ela também não tinha.

Nenhum de nós teve. Mas o erro de maltratá-la de tal forma, era meu.

O elevador parou, e a resposta ficou presa em minha garganta.

Vi-a seguir na mesma direção que a minha, onde eu sabia agora, após tanto relutar e estudar como o faria, acontecia uma reunião entre os acionistas da empresa. Foi naquele instante que descobri que Talita L. Kang agora era uma acionista dali.

No momento que a porta se abriu, ela adentrou o ambiente, e foi quando me esqueci do meu passado com ela. Por um segundo, apenas o meu passado e presente, que consistiam em derrubar qualquer um que estivesse tentando impedir que

minha família fosse sentenciada pela mulher sentada na ponta da mesa.

O sorriso aberto de Hellen se fechou.

Foi possível notar a boca aberta de várias pessoas e como eles pareciam se perguntar sobre ser ou não.

Henrique e Paola tinham um brilho no olhar, ao qual me apeguei. E como sempre, a cadeira que deveria ser do meu pai, estava vazia. Nem mesmo aquela sala mudou muito, mesmo com todos aqueles anos.

A minha cadeira e de Valéria, ainda permaneciam vazias.

Caminhei a passos certos e parei ao lado da cadeira na qual Hellen estava sentada.

— Voltei, titia querida. — falei, e então encarei todos os outros à nossa frente. — Há papéis aqui, que irão interessar a todos vocês.

Depositei a pasta na mesa, e me prontifiquei a ficar de pé, indo em direção na qual meus irmãos mais novos estavam.

— Ten ten...

Ouvi o sussurro de Paola e me segurei para não beijar sua testa com carinho, bem ali. Sentia tanta falta deles, de cada um deles. E por um segundo, gostaria que Valéria estivesse ali também.

— Atrasada? — foi então que escutei a voz de minha outra irmã, que tinha os cabelos ruivos como os de nossa mãe, presos no alto da cabeça, e o olhar tão felino, que senti o orgulho percorrer meu corpo. — Como vão todos? — indagou, e então parou ao meu lado, apertando os ombros de Henrique.

— O que isso significa realmente, Gael? — Hellen pareceu encontrar sua voz e eu a encarei, não me afastando dos meus irmãos. Não mais.

— Que eu voltei, e vou cumprir o que está no real testamento da minha mãe, que consiste que nós quatro somos os maiores acionistas dessa empresa.

— Isso é um assunto de família, Gael! Por que está trazendo à tona algo que já foi findado há anos e numa reunião com acionistas? — sua voz era quase um sussurro.

— Você sempre adorou me colocar nos holofotes, nos colocar... — não pude evitar o sorriso no canto da boca. — E é de

interesse dos acionistas, que essa empresa terá um novo presidente.

— Não fale o que não sabe...

— O falso testamento deixava claro que todos nós deveríamos nos casar para que assim, tivéssemos algum direito às ações da empresa, e que mesmo assim, elas seriam menores do que as que você e o Leonel Fontes mantém. Mas a questão é que o verdadeiro testamento exige que o primogênito se case e assim, todos os outros terão sua parte da empresa, que corresponde há muito mais do que você poderia ter negociado.

Partindo do pressuposto que houve falsificação e muito mais durante esse processo, é de bom tom dizer que posso me casar e assumir a empresa apenas com meus irmãos. — Notei o olhar confuso de quase todos, mas conseguia perceber o terror no olhar de Hellen. — Acha que isso será bom para a empresa, titia?

— Você não sabe do que está falando — ela argumentou, levantando-se e olhando em direção a todos. — Encerro essa reunião aqui, e todas as dúvidas sobre esse teatro que meu sobrinho armou serão sanadas até amanhã. Não se preocupem, que suas ações estarão intactas.

— Mas você sempre gostou de um teatro, Hellen.

A fala de Talita fez todos se virarem para ela. Mas notei que seu olhar não parou no meu, nem um segundo qualquer.

Enquanto as outras pessoas deixavam a sala um tanto quanto confusas e perdidas, Talita saiu com um sorriso debochado e parecia ter muito mais a dizer. Fiquei perdido por alguns segundos, até que ouvi o estrondo da porta sendo fechada.

— Quando voltou? Como me enganou?

Duas perguntas de Hellen, que acreditava até hoje que estava me monitorando. O que ela não tinha ideia era do quanto eu tinha aprendido fora dali, e como seus joguinhos não me atingiam mais.

— Um dia, eu voltaria. — Afastei-me dos meu irmãos e a encarei. — Eu te disse isso há quinze anos.

— Com afirmações falsas e especulações?

— Com a realidade. — Bati na pasta sobre a mesa. —

Essa família e essa empresa são um legado da nossa mãe. Foi ela quem levantou a Distribuidora Fontes da lama que meu pai

enfiei, e ela sim, defendia esse sobrenome de forma limpa. E

o senhor controlou a todos e tudo por tempo demais. — Tentei me segurar porque eu tinha amadurecido e vivido o bastante para tentar entender o lado de Hellen. — Não sou mais o jovem revoltado que conheceu, tia.

— E é o quê? — rebateu, finalmente saindo do tom impecável que sempre tinha para com as outras pessoas. — O

justiceiro? O irmão que abandonou a todos e finge que é o melhor? Me poupe de falso moralismo, Gael.

— Eu vou me casar e ser o presidente dessa empresa —

falei por mim, cansado apenas de olhar para seu rosto. Mesmo depois de tantos anos, tudo o que aconteceu ainda

me remoía. —

E meus irmãos, vão ter o que é deles por direito - liberdade.

— Ninguém acreditará nesse pedaço de papel que está na pasta e se for ao tribunal, demorará anos ou mais...

Então eu sorri de lado.

— Eu tenho os Reis. — falei, e senti o aperto da mão de Valéria em meu ombro. — Nós temos os Reis.

— Verônica Reis nunca perderia o tempo dela com...

— Com a família? — Valéria rebateu, e foi quando notei o quanto ela tinha crescido. Fazia tanto tempo... — Não vai querer brigar no tribunal, Hellen.

— A prepotência, de se apoiarem em outros para me enfrentar... Quem pensam que são?

— Os filhos de Somni, que tanto confiou em você —

respondi, e era como se pudesse sentir que ela ainda estava ali, conosco. Por um segundo, notei o baque do nome da minha mãe sobre ela. — Bem-vinda à sua nova realidade.

— Ninguém se casará com você, Gael.

E foi naquele momento que o rosto de Talita me veio em mente, e eu tinha uma resposta clara para sua pergunta anterior.

Passado e possível futuro se colidindo, e eu não poderia evitar.

Eu faria o que fosse preciso. Mesmo que tivesse que voltar para o exato lugar no qual parei.



Capítulo 4

“Eu como garotos como você no café da manhã

E você sabe que já tentou o seu melhor

Eu nunca disse que estava certo

Mas eu vou continuar fazendo isso.” [\[6\]](#)

TALITA

— Vincenzo Oppa!

— O que pensa que está fazendo deixando sua segurança no saguão e seguindo para o elevador com Gael Fontes?

— Ainda me pergunto como não me encontraram na noite que fugi e conheci Flávio — comentei simplesmente, e sorri para ele, que me encarava com sua expressão indiferente de sempre.

— Humilhou ele? — a pergunta de voz feminina soou alta, e logo consegui enxergar apenas os olhos de Dove, que pareciam brilhar.

— Eu perguntei se ele estava à venda, já que preciso comprar um marido, Unnie[Z] — falei, sem sequer precisar fingir falsa inocência. Dove me conhecia muito bem.

— Já falamos sobre isso, Talita. — Vincenzo logo tomou o celular em mãos e vi Dove revirar os olhos, enquanto ele me encarava. — As decisões são respeitadas nessa família, mas sabe das consequências.

— Meus pais queriam isso, Oppa. — Tentei não me afundar naquela lembrança, mas sabia que era a pura realidade.

— Ao menos, alguma coisa eu farei por eles.

— Inventar...

— Dove. — Vincenzo a cortou, o único capaz de fazê-lo, e ela levantou as mãos em sinal de rendição. — Eu sei que é importante para você, cumprir um contrato que seus pais estabeleceram, mas sei que eles jamais iriam te querer infeliz.

— Vai ser divertido fazer Gael Fontes infeliz por alguns meses — comentei, pois realmente me soava bem. Ouvi a gargalhada de Dove ao fundo e notei o olhar sério que Vincenzo lhe mandou. — Eu estou bem, eu juro!

— Como uma Kang?

— Como uma Kang — respondi com firmeza, e Vincenzo assentiu, dando um leve acenar com a mão e desfazendo a ligação por chamada de vídeo.

Girei na minha cadeira e pensei em como eu gostaria de poder estar lá com eles, longe dali. Mas o meu legado, além de ser uma Kang, era ser a mulher que meus pais queriam.

Eles não me queriam no meio mais sombrio e complexo da família, mesmo que eu o tenha conhecido, apesar dos pesares. Quando os perdi, os Kang estavam lá por mim. E foi quando descobri que eles, na realidade, sempre estiveram lá por nós.

Eu era uma Kang, mesmo que as pessoas não me chamassem por aquele sobrenome. Todas elas sabiam. Assim como Verônica Reis, mais uma Kang, e a mais próxima a mim,

que mesmo sempre respeitando todo meu espaço, ajudou a me criar. Foi na família que meus pais não me permitiram conhecer antes, que encontrei uma razão aos doze anos. Uma razão para não pensar que o melhor fosse eu estar naquele carro também.

Uma razão para querer ser alguém, por todos eles.

Olhei para a foto na minha mesa de cabeceira, eu ainda em meus dez anos, com meus pais ao lado. Recordava-me de como foi difícil aceitar a perda, e até ali, com meus trinta e dois, era uma tentativa falha, a cada dia. De entender ou tentar entender o porquê de tê-los perdido.

Olhei então para a foto ao lado, com todos os membros atuais da família Kang, que estavam à frente de grande parte do que todo o sobrenome representava, e a saudade de cada um deles assolava meu peito. Até mesmo sentia saudade da forma ríspida com que Vincenzo nos ensinava a nos proteger.

Disquei o número do meu melhor amigo, e ele atendeu segundos depois, mas não por vídeo, o que era um tanto diferente, a não ser que ele estivesse no banho ou com alguém.

— Estou terminando de tomar banho — falou, e eu revirei os olhos, sem entender por que ele não esperava terminar o banho para me ligar de volta.

— Preciso chamar sua atenção de novo?

— Precisa é vir me visitar, porque eu não aguento mais meu próprio irmão. — Reclamou e eu ri alto, enquanto escutava o barulho de chuveiro e água descendo. — Juan até que gosta de você, por favor?

— Só se for meu padrinho.

— O quê? — ele praticamente berrou, e então barulho de chuveiro e água cessou. Seu rosto apareceu na chamada, todo molhado e ele parecia com os olhos quase fora de órbita. — Me diz que não é padrinho de batismo, porque assim... outro de você...

— Também te amo, ridículo. — Rebatu, e ele riu alto, mas mantinha a expressão curiosa. — Lembra do cara que fez a gente se conhecer?

— O gostosão que parece com o protagonista de “O que houve com a secretária Kim?”?

— Não sei o que me deu em mente para te apresentar ao universo dos doramas. — Bufei e ele riu baixinho. — Mas respondendo sua pergunta, o próprio Gael Fontes.

— Acho tão chique essa coisa de gente da cidade usar nome e sobrenome para falar.

— Foco, Flávio! — pedi, ele apoiou o celular, e o vi começar a secar o cabelo que ele sequer tinha, já que cortou quase

tudo. — Eu vou me casar com ele.

— Com o Park Seo Jeon do Paraguai?

— Flávio! — eu ri alto, sem conseguir me conter. — Eu não sei por que realmente te faço ver dorama comigo.

— Porque doramas são incríveis e eu, claro, sou incrível.

— Será que podemos focar no fato de que será meu padrinho de casamento.

— Uma pergunta, antes de aceitar tal honraria. —

Debochou, e eu me vi querendo socar a sua cara. — Ele sabe que será o marido?

— Vou comprá-lo, amanhã.

— E que diacho de homem é esse que tá à venda? —

perguntei, e ele pareceu pensar um pouco, antes de finalmente

me responder. — Ah, aquele que disse que não te compraria.

Eita, lasqueira!

— “Tudo o que eu penso é sobre o carma”, Taylor Swift -

sempre certa. — brinquei e Flávio pareceu buscar na memória.

— Eu que indiquei Brooklyn 99, de nada! — se achou e eu revirei os olhos. — Mas agora que estou aceitando tal honra, quando vem me salvar de Juan?

— Pode ser após o casamento?

— Como assim? Mas e a lua de mel? — debochou e eu apenas revirei os olhos.

— Eu caso, e daí a gente vai pra fazenda no mesmo dia.

Tudo bem? — perguntei, e ele apenas levantou as mãos em sinal de rendição.

— Eu que não vou discutir com gente da máfia.

— Se Vincenzo te escuta falando isso...

— Eu até hoje acho que tem câmeras na minha casa, puta merda! — fez o sinal da cruz, e eu sabia que meu parente mais velho, com toda certeza o deixou traumatizado. Pelo menos, ele

parecia ter superado um pouco. — Que dia eu vou pro casamento que nem o noivo sabe que estará?

— Semana que vem.

— Por que eu ainda me surpreendo com as loucuras que você me coloca?

— A última loucura, foi você que me colocou, me fazendo distrair Juan enquanto colocava uma das suas peguetes para fora de casa. — Relembrei-me do que ocorreu meses atrás, e que até hoje eu ria só de imaginar como o mais velho dos Esteves deve ter pensado que eu perdi minha mente ao tentar conversar com ele sobre gado. — Obrigada, e de nada.

— Chantagista... — apontou o dedo, e eu apenas lhe fiz uma carinha fofa. — A gente vai ver episódio da minha advogada

favorita hoje?

— Eu espero que sim, e espero não sofrer... — soltei o ar com força e posicionei o celular para que meus braços ficassem livres. — WOO TO THE YOUNG TO THE WOO. — Fiz o cumprimento de milhões do nosso dorama favorito do momento, e ele sorriu abertamente.

— DONG TO THE GET TO THE RAMI[8].

Gritamos o RÁ juntos, e sorri abertamente. Por um segundo, me vi pensando em como eu tinha encontrado pessoas boas e que se importavam comigo, e até mesmo, o quanto meus pais ficariam felizes e orgulhosos por aquilo. Eles ficariam também, ao saber que cumpri o desejo deles de me casar com o primogênito dos Fontes?



Capítulo 5

“Você sempre soube como me provocar

Você me deu tudo e nada

Esse louco, louco amor faz você voltar correndo Para onde você estava.” [9]

GAEL

— Aquela casa não é uma casa desde que nossa mãe se foi.
— Valéria falou, e vi seu olhar se encher de lágrimas. —

Nunca foi um lar depois que ela se foi.

— A gente até tentou — Henrique comentou, indicando as escadas e se sentando em uma das poltronas. — Mas a realidade é que Paola e eu mal ficamos aqui, só quando nosso pai está lúcido e não na clínica, e lembra que existimos. — Sua voz soou baixa e cortante.

Não sabia ao certo o que acontecia ali, mesmo que sempre tivesse colocado os olhos como podia sobre eles. Eu estava atrasado em muitos anos. Eu tinha errado muito ao deixá-los à própria sorte, mesmo que fosse para o seu melhor.

— Não sei se a emoção passou ou eu finalmente voltei a cair em mim, mas... — Paola se levantou e deu um leve olhar para Henrique. — Eu amo vocês dois, muito. — Seu olhar passou por Valéria com um sorriso, mas quando chegou em mim, o mesmo se fechou. — Eu já tive minha conversa com tin tin, mas ainda não tenho ideia do que conversar com você, irmão. Nem sei mais quem você é, a não ser o ten ten das minhas memórias.

— E das minhas. — Henrique complementou, e senti a culpa me atingir.

A forma como todos nós nos chamávamos, quando mais jovens. Não oppa ou unnie, mas a nossa própria tradição.

— Ten ten? — Valéria perguntou, com os cabelos ruivos presos em uma trança, e sorrindo abertamente quando tirei alguns pirulitos do meu bolso. — Tin tin!

Sabia que era o seu jeito ainda meio enrolado de me perguntar “Você tem?” e no final ela mesma respondia “Sim sim”.

E foi assim, que cada apelido sobre nós foi criado, da forma mais cafona possível. E então vieram tun tun – Paola, e ton ton para Henrique. Voltando para a realidade, sabia que eu sequer merecia a atenção de cada um deles, já que eu não estive ali, ao seu lado, quando mais precisaram.

— Eu espero ter a chance de contar tudo com detalhes, mas mesmo que eu conte, não é o bastante, nunca será suficiente para justificar o tempo que os deixei sozinhos, um por um... — encarei Valéria e me virei para os outros. — Dois por dois. — Passei a mão levemente pelo rosto, e não poderia disfarçar qualquer reação que fosse, mesmo que quisesse. Eles sempre foram a minha lembrança de que eu tinha um lar. O meu lar era cada um deles. E como se mente para a sua própria paz?

— Eu entendo que não me perdoem e talvez nunca me entendam, mas eu estou feliz por me permitirem estar por perto...

— Não é como se fosse o único a ter errado. — Valéria tomou a dianteira, e vi-a ir até Paola e abraçá-la levemente pelo ombro. — Mas não ter ideia se estava vivo ou morto... Te ver agora é uma bênção. Mas não te ver ou saber de algo por tanto tempo, foi uma maldição, Gael. Quando eu te vi de novo, foi como se estivesse alucinando... Até para mim, que também tive que me afastar foi difícil. Ainda é. Mas não me importa que nossa relação esteja um pouco distante ou abalada, o meu lugar é com vocês.

Sempre foi com cada um de vocês. Não de novo. Não vou aceitar ou ficar longe de vocês de novo.

— Tin tin...

A voz de Henrique mal saiu, mas vi-o se levantar e então ele se aproximou delas.

— Eu acho que é basicamente tudo o que queria dizer, mas com palavras bonitas.

— Pode me xingar ou chutar a minha bunda, os três —
falei, ao notar um sorriso se aliviar nos três rostos.

— Eu tenho um bebê para cuidar, passo o meu chute para os dois. — Valéria respondeu, e sorriu abertamente, seus olhos

quase sumindo ao mostrar as covinhas - as quais todas nós tínhamos.

— Ainda tem a velha área de academia, com a parte de box da mamãe — Henrique comentou, se levantando, e Paola fez o mesmo. — Alguns rounds, ten ten?

— Quantos vocês quiserem.

Já me preparava para me livrar daquela camisa social que há tanto não usava, quando meu celular tocou. Números desconhecidos eram algo comum em meu visor, ainda mais, agora que estava voltando.

— Fontes.

— Futuro marido? — a voz me atingiu por inteiro, e por um segundo, me questionei se já tinha me sentido de tal forma com qualquer outra pessoa. — À venda ou não? — os questionamentos me fizeram parar de pensar tanto e já sabia quem era.

— Talita... — pedi só um minuto com as mãos para os meus irmãos e me afastei em direção à cozinha. Felizmente, aquela casa mais parecia abandonada do que qualquer coisa.

Duvidava que a própria Hellen ficasse ali. — Por que está me ligando?

— Esperando minha resposta.

Ela parecia realmente pronta para jogar sobre aquilo, e por um segundo, eu só pensei nas consequências negativas que poderia ter, mas quais seriam? Divorciar-me dali a um ano não seria um grande problema, nem para ela, nem para mim. Ela parecia ser outra pessoa, diferente da Talita que eu tinha lembranças de lágrimas e um olhar mortal. Ao menos, a primeira parte não me parecia mais tão vívida.

— Qual o seu real jogo, Talita?

— Kang. — Corrigiu-me, e me vi quase sorrindo de sua ousadia. — Então?

A consequência positiva era que eu não precisaria contratar alguém e envolver-me em uma teia de mentiras e contratos. Talita Kang sabia exatamente no que estava se metendo e no caso, queria me envolver naquilo. Era como um sinal do destino de que eu estava fazendo algo certo. Ou o meu carma em pessoa.

— Qual o preço por mim, Talita? — usei seu nome propositalmente e ouvi uma leve respiração.

— Espera aí... — falou de repente, e acreditei que estava mexendo em algo, ou falando com outra pessoa. — Eu já até fiz pipoca, Flávio. Para de reclamar que estou atrasada!

—

praticamente xingou e ouvi uma voz masculina mais distante.

— Anda logo, diacho!

Quem era Flávio?

— O seu preço é ter uma esposa como eu por um ano. —

respondeu simplesmente e seu negócio era o mais perto da perfeição que teria para aquela ocasião. — O que me diz?

Vendido?

— Vendido, Talita — respondi, entrando em seu joguinho, e já pensei em como seria tirar aquele sorrisinho debochado que imaginava em seu rosto. Como eu poderia vislumbrar aquilo tão bem? — O que mais gostaria, minha senhora?

Se ela sabia debochar, e se lembrasse de alguma coisa a meu respeito, era que eu era muito bom naquilo também.

— Gostei disso — admitiu e xingou alto em coreano e o nome Flávio soou novamente. — Te envio os papéis amanhã —

falou e novamente o nome Flávio soou, antes de ela desligar.

— Quem é Flávio?

— Quem é Flávio? — a mesma pergunta soou na cozinha, e encontrei o olhar de Valéria, me encarando confusa.

— Isso que estou me perguntando também. — Franzi o cenho e apenas balancei a cabeça, deixando aquilo de lado. —

Vamos focar em eu ter a bunda chutada pelos mais novos?

— Eu vou adorar ver isso.

Passei um braço sobre seu ombro e caminhei com ela em direção à sala que meus irmãos foram, enquanto lembranças de como aquele lugar era cheio de luz e vida, muitos anos atrás, mas agora, não restava quase nada. A não ser nós quatro.

A não ser o verdadeiro legado de Somni Campos - nossa mãe. E por ela, eu até era um Fontes, mesmo que isso me remetesse ao pai que eu perdi, mas ainda estava vivo, e à minha tia.

Nós quatro éramos o legado dela.

Caído no meio do tablado, derrubado pelos meus próprios irmãos, aquele era o único ringue que me fazia sentir bem.

Nenhum outro me foi tão convidativo. Mesmo que tivesse passado grande parte da minha vida ganhando dinheiro em lutas ilegais.

Ali, era o lugar no qual aprendi o que era lutar e que na realidade, foi onde aprendi a me defender também. Não que nossa mãe pudesse prever, mas até mesmo parecia isso.

Quando ela morreu, após a primeira surra que tive do meu pai completamente bêbado, eu acreditei que ele apenas sofria. Na segunda, ainda tão recente, eu apenas aceitei calado. Na terceira, quarta, quinta... Até o momento em que perdi a conta de quantas vezes ele o fizera. E de quantas vezes ele simplesmente esqueceu que tinha quatro filhos, e que principalmente, Paola -

precisava dele, mais do que nunca.

Nossa mãe morreu no parto, e Paola se tornou o alvo das piores palavras dele. E era quando eu entrava na sua frente, para que ele me castigasse, e não a nenhum outro deles. Nenhum deles. Até o ponto em que eu fiquei forte o suficiente para deixá-lo tentar colocar sua raiva para fora, e não me machucar tanto. Mas eu me lembrava da primeira vez que reagi contra ele.

Foi quando ele chegou mais cedo em casa, e mesmo que não estivesse bêbado, ele esbofeteou Valéria, que tinha apenas quinze anos. Um momento em que Hellen não estava, e nem eu para aceitarmos suas surras. Pensar sobre minha tia, muitas vezes me causava o sentimento de pena. Ela era uma mulher que dedicava a vida a tentar ser reconhecida como importante, e no fim, era odiada pelos sobrinhos e nunca vista de bom modo pelos estranhos. Nem mesmo pelo próprio irmão, o qual sempre protegeu.

— Quantas vezes sonhou em estar aqui novamente? —

Valéria perguntou, com a cabeça jogada sobre minha barriga, enquanto os caçulas estavam comemorando sua vitória contra mim.

— Só quando ela estava aqui também — confessei, porque a realidade era que só poderia ser assim com eles. Só sabia me abrir, e em partes, com eles.

— Não acho que essa casa represente a luz que mamãe tinha, não mais... — suspirou profundamente. — Analisando bem, acredito que Hellen só não vendeu esse lugar porque Leonel é apegado a ele. Pois só ele pra querer todas as lembranças daqui.

— Não pretendo vê-lo.

Falei, sabendo que Hellen o mantinha em uma clínica de reabilitação, mesmo que ela soubesse que não era o álcool de fato que o fazia nos machucar. Na realidade, ela sabia muito antes de mim, o quão baixo ele já tinha sido. E esperava o dia que poderia compartilhar aquilo com meus irmãos.



Capítulo 6

“Venha e brigue comigo

É tudo ou nada, sou muito rebelde

Venha e brigue comigo

Fiquem todos em fila, agora parem, caiam

[Eu trago a dor tipo.”\[10\]](#)

TALITA

— Os papéis que me pediu, senhorita.

Aceitei-os da minha secretária e sentei-me na cadeira novamente. Já tinha uma mensagem no celular, de Verônica

Reis, minha prima mais próxima devido a ser a única que morava no Brasil, e que com certeza já sabia das minhas intenções com Gael Fontes. Os Kang não eram bons em guardar fofocas entre si. Ou quem sabe Gael já tivesse falado com ela sobre isso, o que faria ainda mais sentido, porque ela era mais como uma mentora pra ele. Famílias que os herdeiros tinham que segurar e reconstruir.

No caso, Verônica o fez cuidando dos quatro irmãos e o fazia até hoje. Já Gael, após ter desaparecido e voltado com um testamento real, segundo o mesmo, parecia uma situação completamente diferente.

— Cês me metem em cada uma — falei para o nada, mas que na realidade, era para os meus pais.

Poderiam ter deixado um pedido mais simples, mas não, tinham que envolver o meu ex-melhor amigo de infância e que eles não tiveram tempo de ver me humilhar à frente de todos. Eles realmente insistiriam naquilo se o presenciassem?

Eu duvidava que eles aceitariam aquele casamento comigo tão nova se estivessem vivos. Uma das escolhas inconsequentes

que eu fiz, em busca de sentir algo. Seria mais fácil sentir algo por alguém que eu já gostava minimamente, não era?

No fim, eu saí daquela noite com o começo de raiva que até hoje me assombrava.

Meu telefone tocou e o levei à orelha, enquanto lia o acordo pré-nupcial que minha advogada tinha preparado. Aquilo era o suficiente para cumprir o prometido e mais, só faltariam os 365 dias sendo esposa dele. Depois daquilo, eu estaria em paz.

— Senhorita Kang, Gael Fontes está na recepção.

Franzi o cenho, já me lembrava claramente de ter dito que lhe enviaria os papéis naquele dia.

— Diga a ele que pode subir — falei e a ligação logo foi desfeita. — Só me faltava essa, um cara sem paciência.

Deixei os papéis do contrato dentro da gaveta, e separei a cópia que seria enviada para ele sobre a mesa, colocando-a em uma pasta. Peguei meu iPad e caminhei para fora da minha sala, carregando a pasta também.

Assim que pisei fora da minha sala, o elevador que dava de frente para a mesma se abriu, e Gael Fontes, com o ar de dono

do mundo - o que realmente não mudou - me encarava.

— Aqui — falei, entregando-lhe a pasta. — Seria enviado para você hoje, mas adiantou um clique do meu e-mail.

Notei seu olhar passar de minha cabeça aos pés, o que me fez franzir o cenho e senti uma leve tendência do meu corpo de querer se aproximar. Foco, Talita!

— Pensei que seria bom conversarmos os detalhes sobre tudo — falou, e eu neguei com a cabeça.

— É uma semana bem ocupada, então, não tenho tempo.

— Dei de ombros. — Leia e depois me ligue para falar o que achou, O. O contato da minha advogada está nos documentos, então pode dizer pra seu advogado entrar em contato com ela e discutir mais detalhes.

— Não tem tempo agora no almoço? — perguntou, como se estivesse levemente ansioso e com algo a falar.

— Almoço de negócios.

Ele assentiu, e então abriu a boca novamente, mas nada saiu.

— Posso te esperar aqui, e quando tiver algum tempinho...

— Minha agenda está lotada até sexta, Gael. — Fui honesta.

— Não preciso de nada além de quinze minutos.

Analisei-o, tentando entender sua insistência, mas não consegui. Poderia ser algo que ele deveria deixar claro antes de se casar e não comportaria nos papéis.

— Vai ter que me esperar aqui, então, até o final do dia ou mais, porque não tenho como dizer quando vou terminar.

— Eu espero, sem problemas.

Assenti e fui em direção ao elevador que ele adentrou, senti minha segurança me seguindo, atenta a cada passo e tive um último vislumbre de Gael se sentando em uma das poltronas da recepção e finalmente abrindo a pasta.

Eu teria um homem insistente para lidar por um ano. Justo eu, que não tinha paciência para absolutamente nada, muito menos, para Gael.

GAEL

As horas passaram e fiquei perdido relendo talvez dezenas de vezes o documento que Talita me entregou. Os detalhes me deixaram um pouco surpresos, principalmente, pelo fato de que eu herdaria parte da sua empresa após o nosso

divórcio. E não existia nenhum benefício de tal forma para com ela, em relação à minha empresa.

— Senhor Fontes.

Levantei meu olhar e encontrei a que agora conhecia como Iara, a secretária de Talita e que foi uma boa conversa durante as várias horas que passei ali.

— Meu expediente já se encerrou — comunicou e eu assenti. — Tenho um recado da senhorita Kang, para que adentre a sala dela em silêncio e espere sentado na poltrona próxima à porta.

— Ok, muito obrigado — falei, e ela assentiu, ajeitando sua bolsa no ombro. — Obrigado pela companhia.

Notei-a corar diante do meu olhar, e abrir um sorriso que eu conhecia bem. Ela deveria ter pensado que de alguma maneira, eu estava flertando com ela. Suspirei fundo e fechei minha expressão, porque a última coisa que eu precisava naquele momento era flertar com alguém.

Eu estava prestes a entrar em um casamento por contrato, que não exigia fidelidade, mas mesmo assim, não era algo que passasse em minha mente. Era uma cláusula que não pretendia discutir com Talita, afinal, como eu poderia impedi-la de estar com alguém, já que algo entre nós dois não tinha chance alguma de acontecer.

Por que eu estava pensando sobre aquilo?

Levantei-me e caminhei até a grande porta, dando uma batida antes de abri-la. Assim que adentrei o ambiente, sua voz soava séria e ríspida, como se impaciente ao telefone.

— Eu te disse que não aceito menos que cinquenta por cento. — Ela ficou em silêncio, encarando a bela vista que tinha atrás de sua mesa, e notei-a levar uma das mãos à testa, batendo contra a mesma.

Sorri, ao me recordar de que ela fazia o mesmo quando éramos crianças. Quando estava impaciente ou chateada, ela batia contra a testa, e eu tirava sua mão, dando um leve beijo em seguida. Eram boas lembranças, até tudo se tornar pó e eu não a conhecer mais. Até o dia em que acabei negando o nosso casamento, mesmo que fosse a escolha certa naquela época, eu não me perdoava pela forma como reagi.

Ela merecia mais do que ser humilhada pelo seu antigo melhor amigo, que eu sabia, mesmo lá no fundo, que ela sentia algo mais.

Sentei-me na poltrona, a qual a secretária me avisou que Talita me queria, e apenas a assisti discutir como se fosse a dona de tudo. Levei uma das mãos ao queixo e o apoiei ali, enquanto Talita ouvia algo e poderia jurar que sua expressão era de pura raiva.

Notei que ela já não vestia o seu terno. Estava apenas com uma regata fina de cetim preto e uma calça de alfaiataria na cor marrom, combinadas com um salto alto também preto. Tive então, o vislumbre de algumas tatuagens em suas costas, pequenas, mas que consegui contar cinco.

— Eu vou dizer pela última vez, cinquenta por cento ou nada feito — falou, imponente e decidida. — Ou é isso ou esqueçam seus negócios com essa parte da família Kang. Até mais, Yardi.

Ela então se virou, quase jogando o celular na mesa e o quebrando, e soltou o ar com força.

— Sei que está lutando para ser CEO da sua família, mas vou te contar que isso aqui é uma merda às vezes — falou simplesmente, como se soubesse que eu estava ali o tempo todo.

Ela tinha uma pele mais clara que a minha, que com certeza não tomava sol há tempos, e estava toda vermelha talvez pelo nervoso que passou, e me vi perdido em como ela estava bonita. Talita Kang tinha ficado ainda mais bonita com o passar dos anos. Não que eu a tivesse olhado de tal forma antes, mas seria burro de não o fazer. A questão era que a inteligência de Talita quando mais novos sempre foi o que mais me atraiu nela, e nunca imaginei que alguém com aquela mente, cairia no joguinho que Hellen criou.

Algo naquele quebra-cabeça, mesmo tantos anos depois, ainda não se encaixava.

— Olha, eu tenho pouco tempo até algum outro imbecil me ligar tentando negociar ações que eu não vou abrir mão, então...

Fez um sinal para que eu me levantasse e fosse para mais perto.

— Eu só preciso que retire a parte de ter direito sobre as Joias Kang. — Ela arqueou uma sobrancelha, encarando-me como se surpresa. — Não quero nada além do casamento acordado, Talita.

— Kang. — Corrigiu-me, e eu assenti, tentando fazer uma nota mental sobre isso. — Ou “minha senhora”... — fez aspas com as mãos e deu alguns passos em torno da mesa, parando à frente de onde estava sentado, encostando-se contra a mesa. —

Gostei desse apelido.

— Gosta de ter controle das coisas, não é?

— Eu sou o próprio controle, Fontes. — Deu-me um sorriso sem dentes, piscando um olho, fazendo meu coração dar um salto no peito. Que merda era aquela?

— Então temos um pequeno problema, porque eu também sou controlador. — Ela deu de ombros, como se isso não importasse. — Não vou aceitar as ações que estão destinadas a mim após o divórcio.

— É isso ou não nos casamos — falou simplesmente, tratando-me exatamente como fez no negócio que acabou de ter ao telefone. — Acha mesmo que eu estou disposta a negociar?

— Não precisa desse casamento tanto quanto eu? —

indaguei, e ela negou de imediato. — Então, por que está nisso?

— Estou porque eu preciso e ponto — respondeu simplesmente. — Explicações sobre minha vida pessoal, eu não trato com parceiros de negócios.

Um negócio.

Nós éramos um negócio.

Exatamente como no passado. Exatamente como seria no agora.

— Precisa desse casamento para assumir a presidência o mais rápido possível e Hellen finalmente se aposentar, Deus sabe que ela precisa disso... — comentou, como boa

analisadora que sempre foi e me segurei para não continuar o assunto. — Não aja

como se não fosse bom para você ter um pouco disso aqui.
—

Indicou ao redor, e eu engoli em seco. — É pegar ou pegar, Gael.

— Posso me casar com outra pessoa, Talita — argumentei, e ela cruzou os braços, como se me desafiasse.

— Sua fama continua péssima, mesmo depois de quinze anos — comentou, e eu sabia bem daquilo. — Se contratar alguém apenas para o casamento, os acionistas da Fontes vão entrar com alguma ação para que Hellen continue e não te levarão a sério. As outras chefes de família não vão permitir um casamento com você já que é conhecido por ser o pior partido, mesmo que adorem o sobrenome Fontes. Eles vão correr até Henrique, como já fazem. — Ela me dissecava por completo. — A única que vai dar sentido e fazer disso algo certo, serei eu e meu sobrenome. Então, não tem como escolher.

— Ficou ainda mais inteligente e esperta — comentei, e ela semicerrou o olhar.

— Elogios não amaciam meu ego, Fontes. — Esticou a mão e pegou a pasta que estava nas minhas, jogando-a na mesa.

— Pode assinar agora ou na presença de nossos advogados, fica a seu critério.

— Por que eu, Talita? — perguntei, sem poder me conter.

Eu nunca fui bom em esconder o que sentia. De fato, por aquilo já tinha causado o pior para minha família em eventos importantes. Eu não sabia fingir e mentir que não estava infeliz promovendo a mim e meus irmãos como simples peças para casamento, o que me acarretou o apelido de “garoto problema dos Fontes”.

— Trabalho, razões pessoais — respondeu simplesmente.

— Não vai ter uma resposta, então nem adianta insistir.

— Eu só...

O telefone dela tocou e a mesma deu de ombros.

— Leve os papéis e pense até amanhã cedo — comentou simplesmente, dando a volta na mesa, e pegando o celular em mãos. — É só mandar entregar na minha casa ou aqui. Boa noite, Fontes.

Assenti, sem conseguir discutir ou ir contra ela. Como eu poderia?

Simplesmente estava preso em suas mãos e ela sabia bem daquilo. Sabia tão bem, que era como se tivesse se preparado

para aquele exato momento. Não que a vida de Talita Kang tivesse parado para reter a minha, seria arrogância demais de minha parte, imaginar que ela ainda pensava em mim, após tudo aquilo.

— Boa noite, minha senhora.

Soltei, no tom mais debochado que eu tinha, e a única coisa que eu poderia controlar naquele momento. Um sorriso surgiu no canto de sua boca, que logo se fechou ao ouvir

algo do outro lado da linha, e eu peguei a pasta sobre a mesa, afastando-me. Assim que me virei, senti todo meu corpo queimar sob o seu olhar e sabia que ela permanecia presa em mim.

Sendo que na realidade, era eu que estava preso a ela.



Capítulo 7

“Vou mudar meu caminho

[Vou transformar a crise em oportunidades.”\[11\]](#)

GAEL

— Coisa linda do titio — falei, segurando Vitor bem próximo ao meu peito, o qual se agarrou ao meu dedo e ficou ali, dormindo tranquilamente. — Ele está tão grande.

— Eu já estou pensando que vou piscar e ele vai fazer um ano, e não estou realmente preparada — Valéria falou, sentada

na poltrona do quarto, enquanto eu estava na cama com o seu filho no colo. — Essa ficou linda.

Levantei o olhar para minha irmã, que só então percebi que estava tirando fotos com o celular.

— Sabe que eu não gosto de fotos, tin tin.

— Está em falta por quinze anos de fotos, não tem lugar de fala aqui. — Rebateu, e eu não tinha realmente como ir contra. —

Vai mesmo me obrigar a perguntar.

— O quê? — indaguei, concentrado nos cabelos escuros do meu sobrinho que tinha algumas mechas da cor ruiva dela, como se o cabelo ainda estivesse se decidindo de que cor seria.

— Por isso me chamou tão cedo?

— Além de querer mostrar a minha nova casa para o meu irmão mais velho, e tê-lo por perto um pouco, eu preciso saber por que tem ido visitar tanto Verônica — comentou, e eu a encarei. —

Tadeu me contou que Nero não parecia muito feliz com isso.

— Nero nunca está feliz quando estou por perto.

— Bom, ele ainda não compreendeu que sua relação com Verô é basicamente fraterna, e sejamos honestos, você gosta de

provocá-lo. — Sorri de lado, porque era a verdade.

Verônica Reis antes de ser a cunhada da minha irmã, foi como uma amiga mais velha em meio a tantas pessoas inatingíveis e intocáveis dos ricos com quem tive contato. Ela sempre tentou me ajudar, mesmo que não pudesse

fazer muito, já que a mesma estava protegendo à própria família.

A questão era que eu tinha uma dívida eterna com ela, já que a forma como sempre consegui saber exatamente como meus irmãos estavam era porque Lauro tinha contato com alguém que trabalhava diretamente com ela. Sem saber onde eu estava, ela sempre permitiu que eu soubesse sobre eles.

O seu casamento por contrato com Alfredo Lopes pouco tempo depois que retornei foi algo que me surpreendeu, mas eu a conhecia bem o suficiente para saber que ela jamais entraria em algo assim sem qualquer motivo. E era claro no olhar dela para o tal Alfredo, mas conhecido como Nero, e no olhar dele para com ela. Tanto que ele com certeza adoraria quebrar minha cara, porque adorei dar um empurrãozinho em seu ciúme para que eles se acertassem.

— Sou um ótimo *formador* desse casal, vamos ser sinceros.
— Pisquei um olho e ela sorriu de lado.

— Bom, mas isso não responde minha pergunta...

— Verô Noona sempre me ajudou — falei e respirei fundo.

— Ela tem me aconselhado sobre algumas coisas a respeito do meu próprio casamento por contrato.

— Ela tem candidatas? — indagou e eu neguei de imediato.

— Minha esposa por contrato me encontrou... — encarei-a.

— Talita Kang.

— Puta que pariu, ten ten! — levantou-se, e já começou a andar de um lado para o outro. — Por que Talita faria isso?

— Nem eu sei, na realidade. — Dei de ombros. — Verônica me falou bem por cima sobre algum problema na empresa dela, mas pelo que tenho pesquisado, não tem nada tão danoso assim, então...

— É pessoal — complementou e eu assenti. — Você foi um babaca com ela, por que ela iria se casar com você?

— Obrigado pela parte que me toca. — Levei uma das mãos ao peito, fingindo-me ofendido, enquanto segurava meu sobrinho sonolento com a outra.

— Talita pode se casar com qualquer um. — Chegou à mesma conclusão que eu. — Qualquer um daria de tudo para ter o sobrenome Kang.

— E ela escolheu o Fontes problema — falei sarcástico e Valéria finalmente me encarou, parecendo preocupada. — Está tudo bem, tin tin.

— Posso fanficar sobre? — indagou, e eu neguei de imediato com a cabeça. — Vai me dizer que não seria uma ótima história se vocês se apaixonassem... De melhores amigos de infância, para inimigos, para casados por contrato...

— Acho mais fácil Nero gostar de mim do que Talita o fazer. — Fui sincero. — Eu já assinei os papéis e vou levar para ela assim que sair daqui.

— Avisou a Paola e Henrique?

Neguei com a cabeça, e de repente aquilo me pesou.

— Não está mais sozinho ou escondido, Gael. —

comentou, sentando-se ao meu lado e vi-a discar algo no celular.

— Precisa falar com a gente sobre as coisas.

— Há coisas que eu não estou acostumado a compartilhar...

— Vai ter que se acostumar, um pouco... — falou, e senti-a apertar levemente minha mão livre.

— São três da manhã! — ouvi o resmungo de Paola. — E

eu estou correndo para uma reunião chata na Fontes. — A voz de Henrique adentrou o local.

Só então notei que Valéria fez uma chamada de vídeo com os dois.

— Eu vou me casar com Talita Kang — falei, e ouvi o barulho de algo caindo no escuro, o que jurava ser minha caçula despencando da cama, e Henrique estava com a boca aberta a ponto de que quase consegui ver o céu da sua boca. — Surpresa, família!

— Eu estou voltando para o Brasil amanhã mesmo! —

Paola falou, enquanto Henrique ainda parecia sem reação.

— Bom, a tempo de estar no casamento...

— Isso nem eu sei, quando vai ser o casamento?

— O mais rápido possível, e pelos papéis, nesse final de semana — comentei e eles todos arregalaram os olhos, e senti até Vitor mexer no meu colo.

— Ok, informação demais para ser dita em telefone. —

Henrique argumentou.

— Reunião na casa da tin tin, amanhã às vinte horas.

— De onde vai tirar dinheiro para comprar uma passagem tão em cima da hora? — Henrique rebateu, e então pensei no fato de que até o nosso dinheiro era controlado por Hellen, por mais que estivéssemos na justiça há anos com aquilo.

— Sugar daddy.

Ela então desfez a ligação e eu encarei Valéria como se me perguntasse se aquilo era sério.

— Tadeu deve ter sido um cunhado generoso e depositado a mais do que ela precisa pro curso de moda — falou e passou as mãos pelos cabelos ruivos. — Eu vou ter uma conversinha séria com ele depois.

— Fui eu que mandei dinheiro a mais para ela, como eu não conseguia fazer antes, a não ser quando Lauro entregava maços de dinheiro para ela e Henrique em alguns momentos oportunos.

— Das lutas ilegais, né? — Henrique perguntou, o me trouxe à realidade e tive que assentir. Eu não conseguia mentir. —

Hellen comentou sobre elas... — falou e eu assenti.

— E eu não recebi dinheiro porque ia fazer Lauro engoli-lo antes de aceitar. — Valéria falou e eu assenti, sorrindo. Conhecia-a bem o suficiente para saber que ela me odiaria se lhe enviasse alguma coisa assim.

— Eu investi todo o dinheiro que tenho ganhado e Paola tem gastado na força do ódio... — eu ri do que meu caçula disse e que logo fez um zíper com a boca, dando um tchauzinho e desligando.

— Eles ao menos tinham alguma notícia... — notei a leve mágoa em seu olhar e ela me acertou um soquinho no braço, a ponto de que só me fez mover, mas não o suficiente para doer.

— Segurando o bebê. — Defendi-me. — Hellen sempre foi mais protetiva sobre você, e me culpo por não poder ter te achado

dessa forma...

— Dinheiro não era você, Gael. — Suspirou fundo. —

Mesmo que eles brinquem e achem bom ter se importado, nenhum centavo cobre a saudade de ter você.

— Eu sei, tin tin.

Virei meu olhar para Vitor, que me apresentou com os olhos escuros e um bocejo preguiçoso.

— Agora eu sou o titio Gael — falei, porque meu peito parecia querer explodir de felicidade.

— Já pensou que vai poder ter o seu também? — indagou, batendo um ombro no meu. — O que pensa sobre ser pai?

— Nunca parei para pensar sobre isso. — Fui honesto. —

Acho que estou há anos focado apenas em uma coisa e agora que consegui, e vou realizar ao me casar, só vou viver um dia de cada vez... Quem sabe um dia.

— E não vai mesmo nos contar como conseguiu o testamento?

— Um dia, tin tin. — Prometi, segurando sua mão e sorrindo para ela. — Um dia.

— Obrigada por lutar por todos nós — falou e notei seus olhos marejados. — Sei que pode parecer egoísta, mas eu sei o que fez por nós. Quinze anos é tempo demais para abrir mão da família, justamente para lutar pela gente.

— Valeu cada minuto, só por estar aqui agora.

— Então por que não parar e...

— Não, tin tin — cortei-a, porque sabia exatamente o que ela ia sugerir, pela milésima vez talvez, desde que nos reencontramos. — Não posso desistir agora.

— Vai mesmo se casar com Talita?

Assenti, e suspirei fundo.

— É o que me resta a fazer, e então, estaremos livres.

— Não você, ten ten.

Neguei com a cabeça e levei minha mão até seus cabelos, afagando-os.

— Nunca estive tão livre quanto agora.

A realidade era que o casamento com Talita Kang era meu passo para a liberdade. E até mesmo ela parecia saber daquilo, já

que era claro que seria minha única opção.



Capítulo 8

“Karma venha e aproveite

Me sinto mal, mas não posso fazer nada

[E aí? Já estou de volta”\[12\]](#)

TALITA

Uma casa tão grande.

Um coração tão sozinho.

Às vezes, eu me perguntava se não era uma boa opção apenas deixar meu país para trás e ir viver mais próxima do

restante da minha família. A questão era que cada canto daquela casa, mesmo grande, contava uma história. E talvez contasse a minha nova se eu me casasse.

Olhei para os papéis espalhados pela mesa de jantar, um deles em específico. Peguei-o, admirando a letra de meus pais, enquanto bebia um pouco mais do vinho branco que não deveria estar em minhas mãos àquela hora. Mas a

quem eu poderia enganar, estando sozinha e rodeada apenas dos meus sentimentos?

A ansiedade de uma resposta que percorria minha mente e que eu não podia desapegar. Soltei o papel, com flashes se misturando em minha mente, do que eu não deveria lembrar. Um dos conselhos que segui de Flávio e com toda certeza me arrependia.

Arrependia mesmo? A pergunta veio lá do fundo da minha alma.

A música de fundo não me ajudava em nada, fazendo-me pensar que eu comprei um garoto mau por um preço. Por que eu ainda ouvia Cruel Summer mesmo?

Mudei a playlist para BlackPink e ouvi uma das minhas favoritas: Pretty Savage. Comecei a cantar e dançar pela sala de estar, ignorando o fato de que eu não deveria estar pensando sobre a resposta do meu futuro marido por contrato ou preocupada sobre aquilo, e muito menos, pensando na imbecilidade que foi ter ido, um dia, até suas lutas clandestinas.

— *“Não quero falar de popularidade, apenas seria em vão Foda-se, meninos, não os meus meninos, os corto em pedaços...”*

Minha campanha soou e eu me neguei por um segundo de não ir até o refrão. Ela tocou novamente, e eu fui a contragosto até a porta, imaginando quem seria já que meus seguranças não avisaram e pior, porque a pessoa não teria entrado de vez.

— *“É, somos umas vadias*

Que você não aguenta

Eu torno isso difícil de novo

Somos lindas e selvagens

Somos umas lindas selvagens...” [13].

Continuei cantando enquanto abria a porta, com minha taça de vinho nas mãos e recebi a visão de Gael Fontes em uma roupa casual, que consistia em uma regata preta agarrada ao corpo, uma calça moletom e all-stars nos pés. Fingi para mim mesma que aquilo não me afetava, quando encarei seu rosto e uma sobrancelha estava arqueada, encarando-me.

— Poderia só ter entregado para a segurança.

— Estou surpreso que pude passar sem ser revistado —

comentou, apontando para si, e para a bolsa pendurada nos seus ombros. — Estou liberado na sua casa desde quando?

— Meus pais fizeram isso quando eram vivos, e você vinha por aqui... — dei de ombros e notei seu olhar mudar um pouco. —

Só para entregar?

— Podemos conversar? — indagou e eu fiz uma leve careta.

— Não me lembro de você gostar tanto de conversar assim

— falei, suspirando fundo, e abrindo um pouco da porta. — Tem quinze minutos, porque estou num compromisso inadiável de terminar uma das minhas músicas favoritas que você atrapalhou.

— Blackpink é muito bom — falou, passando ao meu lado e seu cheiro me acertou em cheio. O mesmo cheiro daquela noite.

Ele não tinha mesmo mudado o perfume? — Gosto das meninas do (G)I-dle.

— Não vem com papinho sobre kpop. — Cortei-o, fechando a porta atrás de mim, e indiquei-lhe o sofá. Pausei a música e virei o resto do vinho na taça, enquanto minha kpopper interior sofria por querer elogiar os girlgroups dos quais era fã. —

Então?

— Assinei os papéis.

Não demonstrei reação alguma, apenas estendendo a mão para que me entregasse os mesmos.

— Alguma dúvida? E sem advogado?

— Sou advogado, Talita. — Dei de ombros. — Mas tenho certeza de que sabe disso.

— Não importa muito o que sei, mas espere aqui — falei, caminhando até a cozinha, na mesa em que deixei algumas canetas jogadas, e encarei o papel que reli há poucos minutos, bem ali.

Voltei para a sala de estar e encontrei Gael no mesmo lugar, só que seu olhar varreu a mim enquanto caminhava até ele.

Sentei-me à sua frente e abri os papéis, assinando cada um deles.

— Não deveria confirmar que são os reais papéis que me entregou? — perguntou, e eu o encarei, após dar minha última assinatura.

— Sei que não mente — falei de uma vez. — Ou isso mudou nesses quinze anos?

— Acho que a única pessoa que não sabe nada sobre a outra aqui, sou eu — admitiu. — Como vamos fazer isso funcionar?

— Eu respeito seu espaço, você respeita o meu... Vai ter uma ala da casa praticamente para você e não vai nem saber quando estiver aqui. A não ser quando precisemos estar juntos em alguns eventos, como está descrito no contrato. Importante ressaltar esse casamento para algumas famílias que vão ver a Fontes com maior interesse, assim como a Kang.

— Um bom negócio para os dois, no qual eu ganho mais...

Há uma balança desfavorável aqui.

— Não há nada que possa me dar, Fontes.

— Caso mude de ideia, só me dizer. Farei o possível para reequilibrar isso — falou, levantando-se e esticou sua mão em minha direção. — Parabéns pelo casamento.

— Parabéns pelo nosso casamento. — Não pude deixar de provocar, levantando-me e apertando sua mão. Uma pequena corrente elétrica percorreu meu corpo e a ignorei, deixando lá, assim como minha memória. — Aliás, vamos fazer a cerimônia formal para registro no final de semana.

— Certo. — Um sorriso que não chegava aos olhos, apareceu em sua face. E eu, bom, permaneci com o mais debochado que eu tinha - o único que sabia manter para me proteger.

Mas por que eu me protegia tanto dele?

Por quê?

A resposta que eu não queria ter, e não queria admitir, mesmo que soubesse da mesma. Principalmente depois daquele reencontro, que ele, com toda certeza, não tinha ideia de que aconteceu.

Ele então afastou sua mão da minha e eu tentei me manter em toda a postura inabalável, assim como ele. Era tão frustrante não conseguir ler alguém, a ponto de querer fazê-lo e temer pela resposta. A realidade era que eu estava cometendo um erro, assim como a música que tocava e me lembrava dele – sempre dele.

“Me matando devagar, do lado de fora da janela Eu estou sempre esperando que você esteja esperando lá embaixo

Demônios jogam os dados, anjos reviram os olhos O que não me mata, me faz te querer mais...”



Capítulo 9

“Eu sei que você não é a pessoa certa para mim Vamos desejar nunca termos nos conhecido quando eu for embora

Eu te deixei de joelhos

[Porque dizem que o sofrimento ama companhia.](#)[14]

GAEL

— O imbecil deve estar por aqui.

Ouvi a voz ao fundo, e acreditei até mesmo estar delirando um pouco, já que não era em português. Quando a porta se abriu

e vi três pessoas que eu desconhecia, mas com claros traços sul-coreanos, talvez eu não estivesse de fato delirando. Olhei de relance para cada um, e tentei pensar sobre o pequeno aviso que Talita me havia dado por uma mensagem depois de assinarmos os papéis naquele dia.

— Gael Fontes? — a pergunta veio com um sotaque carregado, e notei o olhar intimidador do homem que parecia pronto para quebrar a minha cara.

— Kang? — foi tudo o que me veio à boca, já que realmente não reconhecia nenhum deles. Há muito tempo que não estava por ali, e mesmo que conhecesse Talita e Verônica, existia uma grande diferença em conhecer o resto daquela família poderosa.

— Pelo menos, sabe o nosso sobrenome — a mulher falou, e notei de relance que todos eles estavam de preto, o que me surpreendeu um pouco, já que era o casamento de um deles, mas ainda assim, não fiz questão de perguntar. — Então sabe por que estamos aqui?

— Pelo casamento de Talita? — indaguei, e o do meio, que era o único com um quase sorriso, negou com a cabeça.

— Eu acho que esperava mais aspereza do tal garoto problema dos Fontes — comentou, deixando-me intrigado.
—

Verônica parece estar certa quando nos disse que não é tão temível como te pintam.

— A fase de destruir festas de gente rica e insuportável já passou. — Dei-lhe a resposta que sequer pediu. — Estou aqui pela minha família.

— E sabe pelo que Talita está nesse casamento? — a mulher então deu alguns passos à frente, e pelo tamanho do seu salto, quase ficou da minha altura. — Tem alguma ideia do que vai te acontecer se ousar pensar em humilhá-la como fez no passado?

— Isso não tem a ver com o passado, e tenho certeza de que para Talita também não.

Notei-a trocar um breve olhar com os outros dois, como se soubessem muito mais do que eu. E com certeza, eles sabiam.

Estava fora daquela realidade e longe de Talita há quinze anos, como eu poderia saber suas reais razões?

— As razões para ela querer ou não esse casamento, não é algo que me importo. — Fui honesto. — Estou nisso pela minha

família, nada mais.

— Pelo menos é um egoísta sincero — ela comentou, afastando-se. — Mas isso aqui não é um aviso ou promessa, é uma realidade... — olhou-me novamente. — Seu ponto

fraco é a sua família, parece bem óbvio. Então, se a machucar, eles vão sofrer as consequências.

— Está ameaçando a minha família? — perguntei perplexo e dei um passo à frente, mas logo fui empurrado com força contra a parede, ficando preso entre o corpo do homem mais alto, até mesmo que eu, e apenas com a visão de todos eles.

— Está se casando com uma Kang, e estar com um Kang tem consequências — ele falou, finalmente me soltando e fiquei alguns segundos tentando compreender tudo aquilo.

— As consequências serem boas ou ruins, tudo depende de você — o outro homem falou e bateu duas palmas, puxando o que estava à minha frente para trás. — Bem-vindo à família por um ano.

Dei um leve aceno com a cabeça e logo os três se retiraram dali, como se não estivessem fazendo absolutamente nada demais. Olhei para o local vazio, sem conseguir crer no que

realmente acontecia, e assim que a porta se abriu novamente, e Verônica adentrou, olhei-a sem saber como indagar sobre aquilo.

— Os Kang vieram — falou simplesmente, e deu alguns passos para dentro, fechando a porta em seguida. — E com certeza, Dove, Jeon e Chae te deram olá.

— Há mais deles?

— Muitos mais. — Cruzou os braços e se aproximou. —

Talita é a nossa protegida, alguns vão ser mais óbvios outros apenas vão observar, mas todos vão protegê-la.

— Por que não fizeram nada contra mim quando a humilhei naquela festa de noivado?

— Porque isso não é uma novela — falou simplesmente. —

Somos uma família, mais do que por sangue, mas cada um sabe exatamente onde proteger e onde agir. A gente se respeita.

— Foi assim que aprendeu como cuidar dos seus irmãos?

— Foi assim que aprendi que cada família é uma —

comentou, e assentiu em seguida. — Só queria checar se Chae não deixou seu olho roxo para o casamento.

— Obrigado por tentar me ajudar, Noona.

— Eu nunca faço nada que não seja preciso, então... se puder te dar um conselho, não faça nada além disso, não com Talita.

— Eu não vou machucá-la.

— Mas ela pode te machucar — avisou, e ouvi batidas na porta, o que a fez se afastar até a mesma. Suas palavras se repassando em minha mente.

— Está na hora!

Ouvi a voz da minha irmã, que adentrou o ambiente com um meio sorriso, e trazia meu sobrinho nos braços.

— Quem diria que eu ia te casar — comentou, e veio para perto, mas sabia do peso que ela carregava ao me ver em tal posição. Ao mesmo tempo que eu estava feliz por ela ter encontrado o amor longe de tudo aquilo. Longe de contratos

e acordos comerciais, que não tinham nada a ver com o que acreditávamos.

— Vejo vocês lá fora.

Verônica então saiu, deixando-os sozinhos, até que meus outros dois irmãos adentraram aquele pequeno quarto, do que era

a casa de Talita, e que possivelmente, naquele ano, seria a minha casa também. Ainda não tínhamos acertado todos os detalhes minuciosos, mas estávamos prestes a ter uma cerimônia rápida de casamento.

— Talita já está lá fora, no altar. — Paola comentou, e a olhei um pouco descrente. — Ela não está nem atuando, o que achei ótimo. Ela parece realmente estar fazendo isso porque precisa por outros motivos, não pra ser uma história clichê de casamento por contrato que termina em amor.

— Ela é prática — falei, lembrando-me do acordo pré-nupcial. — Acho que é a melhor pessoa para isso.

— Sei que nada vai te fazer mudar de ideia, não depois de uma vida brigando por voltar e fazer o que mamãe queria, mas...

Nós não somos mais crianças que precisam ser protegidas de alguém, Gael. — Valéria falou, tocando meu rosto com a mão livre. — Podemos apenas resolver isso de uma forma que não implique em...

— Um casamento por contrato com uma mulher que quer isso... não é como antigamente, tin tin. — Segurei levemente na

mão do meu sobrinho sonolento. — Eu fugi demais para parar exatamente no lugar que deveria, e não posso mais fazer isso.

Eu precisava virar a página daquela história para nossa família.

Eu precisava encerrar o capítulo daquela história para nossa mãe.

Eu precisava que os meus irmãos mais novos tivessem a liberdade que mereciam e o destino que quisessem, sem se cobrarem porque o irmão mais velho não cumpriu com o que deveria.

Eu precisava me libertar daquilo também.

TALITA

— Eles realmente tinham que vir? — perguntei, segurando de qualquer jeito o buquê, que honestamente, nem sabia direito

porque tinha comprado, já que o vestido era um dos que estavam no meu armário.

— Eles foram no meu — Verônica comentou, ajeitando a alça do meu vestido pérola, e logo em seguida, minha franja.

Logo voltou a passar a mão em sua barriga já marcada sob seu vestido. — Mais escondidos do que isso, mas foram.

— Dove, Chae e Jeon são tão óbvios falando em coreano, e tenho certeza de que Vincenzo está naquele carro parado do outro lado do jardim. — Respirei fundo, tentando não pensar sobre.

— O peso de ser uma Kang. — Afastou-se levemente e eu dei de ombros. — Certeza de que o casamento por contrato é uma boa ideia?

— Sério isso, Unnie? — indaguei, ela deu de ombros, e notei então o formato arredondando da sua barriga de grávida. —

Não vou me casar por um antigo amor ou engravidar, eu vou só...

fazer o que tenho que fazer.

— Há promessas mais importantes que essas —

aconselhou, talvez pela milésima vez, e eu me vi apenas assentindo. — Mas confio em você, todos nós...

— O problema é que sou a mais nova, então... — levei a mão ao rosto, como se dando um tapa contra a testa em seguida, e dramatizei. — Eu passo cada vergonha com a superproteção de todos — sussurrei, e ela apenas manteve sua expressão neutra de sempre. — Aliás, meu padrinho tá atrasado e eu vou arrancar o couro dele.

— Você que está adiantada, diacho!

Virei-me ao som da voz do meu melhor amigo, que fez um leve cumprimento tirando o chapéu de cowboy. Verônica se afastou, pra ele me abraçar, o qual fez apenas uma menção, mas não completou o movimento. Sua boca veio para minha orelha e sussurrou: Vincenzo tá no carro do fundo, tenho certeza.

Eu gargalhei alto e empurrei seu ombro, notava a forma como ele parecia levemente apavorado já que meu parente mais velho o deixou realmente traumatizado. Na realidade,

todos os Kang. Mas aquela era uma história que Flávio gostava de fingir que nunca aconteceu.

— Irmão de Franco, certo?

— O mais bonito — respondeu de relance para Verônica, que o mundo era tão pequeno, e acabou por ser a cunhada do

irmão mais afastado que Flávio tinha e que morava em outra cidade do interior, e que eu vi uma única vez. — E solteiro —

complementou, todo galante.

— Ela é uma Kang também. — sussurrei, enquanto ele quase pulava para longe dela. — Vai pro seu lugar e sossega —

comentei, e notei que o juiz de paz já estava de pé, só esperando.

— E cadê o Park Se...

— Quem é você?

A voz de Gael estava diferente, e notei seus irmãos se colocarem nas poucas cadeiras disponíveis por ali, próximas as quais os Kang também estavam. Ao menos, os que queriam aparecer. Não pude deixar de notar o quanto ele ficou bonito no terno de cor preta e que tinha um significado muito maior do que imaginava. Ao menos, ele não tinha.

— Meu padrinho. — Adiantei-me, e indiquei Flávio. — E

Verô Unnie vai ser minha madrinha — comentei despreocupada, e Gael franziu o cenho. — Não tem padrinhos?

— Não sabia que era necessário — comentou, e acabei revirando os olhos da situação.

Estávamos no jardim, praticamente a postos de um casamento de mentira, e Gael tinha se esquecido de um item básico apenas para complementar aquele contrato – os padrinhos e no caso, testemunhas que assinariam.

— Nós podemos ir. — Tadeu Reis se levantou, junto com a esposa, e vi-o entregar o filho para Henrique, o irmão mais novo de Gael, que quase tremia com a criança.

— Isso aqui tá com uma cara de novela...

— Flávio. — Bati contra seu braço e ele se calou, dando um leve olhar para Verônica, que parecia neutra à situação, e não deixava nada passar. — Podemos só assinar tudo e acabou?

— Simples assim, então? — Gael perguntou, ofereceu-me seu braço, e eu o aceitei de bom grado.

Eu estava fazendo o que era necessário. Apenas necessário.

— Simples assim.

Paramos à frente do juiz de paz e soltei-me do seu toque por alguns segundos, apenas para me concentrar de que aquela era uma boa decisão. Eu estava certa daquilo, e que não

precisava me preocupar, mas algo dentro de mim, se revirava, como se fosse um aviso. Um aviso de que algo diferente do que eu previa ia acontecer.



Capítulo 10

“Desculpa se eu errei com você

Gritei com você

Desculpa se eu te faço mal só pra me entreter

Eu só queria ser normal

Eu só queria ser.”[15]

GAEL

— Ótimo, todo mundo expulso. — Ouvi Talita falando e empurrando a porta da frente, enquanto eu tentava me localizar dentro daquela casa. — Flávio!

O seu grito me fez parar o movimento de colocar o terno sobre a poltrona, e só então notei o homem descendo as escadas da casa como se aquilo fosse um costume, e me perguntei o quanto a família dela parecia confiar nele, e pior, o quanto ela confiava nele, para que ele transitasse de tal maneira.

Eles não pareciam ser fáceis assim.

Ela não parecia ser fácil assim.

— Já arrumou as malas?

— Eu nem trouxe mala, mulher — ele respondeu, e tinha o chapéu na cabeça. — Mas não é melhor a gente só ir...

— A gente combinou que ia hoje.

Observei a conversa como mero expectador e por alguns segundos apenas encarei a aliança dourada em meu dedo anelar esquerdo.

— Eu deixei minhas coisas prontas e podemos ir assim que eu tirar esse vestido. — falou simplesmente, e vi-a correr escada

acima, enquanto o homem a seguia, e não entendi absolutamente nada daquela dinâmica.

Eles eram um casal?

Eles eram melhores amigos?

O que eles eram?

O que eu era?

O marido dela... engoli em seco, sem entender aquela situação ao fundo, e porque estava me angustiando por dentro.

Os minutos se passavam, enquanto eu tentava descobrir alguma coisa sobre Flávio Esteves. Quando os dois reapareceram na minha linha de visão, Ele trazia uma mala de rodinhas na mão e Talita uma bolsa no colo.

— Tenho uma pequena viagem, e volto na próxima semana... Qualquer coisa que precise em alguma reunião da empresa, só me avisar que estou disponível por videochamada.

— Mas...

Eu não pensava no que dizer. Na realidade, eu não esperava nada perto do que acontecia bem ali. Não esperava que

a gente estivesse em um casamento por contrato, onde eu não teria uma conversa com ela no primeiro dia. Eu não sabia o que estava esperando, mas no fundo, eu imaginava que não era nem perto do que tinha ali, à minha frente.

— Boa viagem — falei por fim, e ela piscou um olho, seguindo com o que quer que aquele cara fosse para ela, para fora da casa.

E então ela me deixou ali, na sua casa, que agora também seria minha, completamente sozinho. Se um dia eu pensei que um casamento por contrato seria algo não bom, nunca imaginei a solidão que se instalaria no meu peito. Respirei fundo, porque talvez aquela fosse a forma de Talita não se apegar a nada, e não poderia julgá-la. A questão era que estava há tanto tempo sozinho, que estar ali, sozinho de novo, me deixava preso.

Levantei-me e resolvi que o melhor seria explorar aquele lugar. Comecei pelo lado de fora do jardim, no qual houve o casamento com a menor emoção em que eu já estive, e que um cômodo ao fundo e todo espelhado me chamou atenção mais cedo.

— Talvez uma academia?

Andei até lá, já tirando minha camisa e notando de relance que havia muita segurança por todo aquele local. Mesmo que a privacidade fosse clara, poderia dizer que existia uma pessoa, do lado de fora, vigiando aquela casa, a cada poucos metros, sempre.

Quando abri a porta, me surpreendi ao encontrar várias áreas de luta. E uma me chamou atenção, com o saco de areia pendurado, e algumas luvas espalhadas pelo piso. Respirei fundo, soltando a camisa no chão e fui até ela. Coloquei as luvas, que ficaram um pouco apertadas, mas foram o suficiente para que eu conseguisse me movimentar um pouco.

Lutar me fazia sentir vivo, mesmo quando parecia capaz de não sentir mais nada. Perdi meu tempo ali, sem contar ou raciocinar muito, apenas focando em colocar toda minha energia para fora. O suor escorria por todo meu corpo e foi quando senti a leve dor na minha mão esquerda, e me recordei de que agora eu tinha um objeto ali.

Retirei as luvas, notando meu dedo um pouco inchado, pela omissão daquela parte, e fiz uma nota mental de que teria que tirar a aliança quando fosse lutar novamente.

— O que faz aqui?

— Puta que pariu! — minha voz mal saiu, e me desequilibrei ao cair de bunda no chão.

Não tive tempo nem de reclamar, quando Talita adentrou o ambiente com os braços cruzados e a expressão séria.

— Não deveria estar aqui — falou tão baixo, como se não fosse para que eu escutasse, mas o fiz.

— Você também não. — Encarou-me de cima a baixo, parando em meu rosto, mas seu sorriso, nem mesmo o debochado me encontrando. — Não vai mais viajar?

— Flávio e sua boa educação me fizeram vir perguntar se gostaria de ir conosco.

— Com vocês? — perguntei, franzindo o cenho e me levantando. — Estilo, marido por contrato corno?

— Estilo, já estou arrependida por ter dado ouvido a Flávio por um segundo e vindo te convidar. — Soltou o ar com força, e notei seu olhar parar levemente no meu peitoral exposto. — E

qual o seu problema de ser corno? — sua pequena provocação era certa.

— Sei que não tenho nada a ver com isso, e fomos muito claros sobre como isso funcionaria... — fiz um sinal com os dedos entre nós. — Mas o que ele é pra você?

— Bom que você sabe que não tem nada a ver com isso.

— Passou as mãos levemente pela franja, e comecei a notar que ela fazia com frequência aquilo. — Flávio é alguém muito mais importante do que você pode imaginar, então não ouse tentar querer saber sobre ele.

— Não estou...

— Somos um contrato, Gael — falou, e deu passos à frente, levando um dedo para quase tocar meu peito. — Isso aqui, daqui a um ano, apenas acaba e não sobra nada. As pessoas importantes na nossa vida, elas continuam.

— Então ele é importante para você. — As palavras mal saíram, e cada uma delas me incomodava. A expressão preocupada e protetora no rosto de Talita me deixava completamente incomodado.

— Assim como deve ter alguém importante para você, por aí. — Deu de ombros. — Mas eu não me importo, essa é a questão. Estou aqui porque ele me pediu pra te convidar, nada mais.

— Não preciso da sua pena ou da dele, Talita.

— E agora estamos agindo como crianças... — ela respirou fundo e me encarou. — Sinto muitas coisas por você, mas pena não é uma delas — falou tão séria, que aquela era a primeira vez que enxerguei algo além da própria neutralidade em seu olhar.

— Essa é a hora que te peço perdão por...

— Por ter me humilhado para não nos casarmos e agora estarmos casados como seria naquela época? — rebateu, como se lesse meus pensamentos. — Não, você não quebrou meu coração. Se é isso que te preocupa.

— Mesmo assim, Talita, eu...

— Não. — Cortou-me novamente, e notei-a respirar fundo.

— Não vamos falar sobre isso agora. Apenas me diga se quer passar uma semana na fazenda de um desconhecido para você ou ficar aqui em casa.

— Vão mesmo partir hoje?

— Em quinze minutos, prazo máximo que eu dei para que você respondesse, mesmo que na realidade quisesse apenas cinco. — Deu de ombros. — Então?

Nem eu mesmo sabia o que acontecia ali, mas ali estava eu, parado à frente de Talita Kang, sem uma resposta simples para uma pergunta ainda mais óbvia. Meu coração estava acelerado e ao mesmo tempo, eu tentava não pensar tanto, mas ainda assim, eu pensava. Pensava muito sobre o quanto a vida era irônica em nos colocar em um casamento por contrato. Pensava muito sobre os avisos e promessas que me fizeram, e das consequências.

Eu não poderia me arriscar ou arriscar a ela.

Eu não poderia entrar nisso de uma forma que não conseguisse sair.

E depois de tantos anos apenas lutando e sobrevivendo, um sentimento que eu só conhecia com meus irmãos, me atingia

- o medo. O medo do desconhecido, ao adentrar qualquer momento simples com Talita. Uma realidade que ninguém sabia e talvez nunca soubesse, mas eu tinha medo de gostar de alguém.

Principalmente, alguém que eu já tinha machucado.

Mas nem eu mesmo compreendia aquele medo que me rondava.



Capítulo 11

“Eu estou bêbada no banco de trás do carro

E chegando do bar, eu chorei como um bebê (oh) Disse que estava bem, mas não era verdade

[Eu não quero guardar segredos apenas para manter você”\[16\]](#)

TALITA

— Então ele disse não? — Flávio perguntou, como se incrédulo e eu fiz apenas o movimento para que ele ligasse o carro e saísse. — Por que eu não consigo acreditar?

— Porque você é do tipo que sonha que eu vou viver uma comédia romântica, e você também — falei, e ele pareceu pensar sobre e assentiu em seguida. — Podemos ir agora?

— Por que eu acho que está fugindo?

— Vamos começar a análise de melhor amigo pelo caminho, por favor — pedi, e ele deu de ombros, finalmente ligando o carro.

Respirei fundo, ajeitando-me no banco do carona e liguei o som em seguida.

— Podemos falar disso depois? — indaguei, e puxei meu blusão até que meus braços ficassem cobertos.

— Sabe de uma coisa... — começou a falar, enquanto dirigia e eu tentava focar na música que começava. — Eu me lembro desse jeito escondido e inquieto... Da noite que a gente se conheceu.

— Flávio...

— Ele está te incomodando e você está se negando a acreditar nisso.

— Porque eu não posso me permitir isso, Flávio —

respondi, minha voz mal saindo. — Não posso me permitir ser a mesma Talita que acreditou em felizes para sempre só porque confiou que os pais estariam certos... Meus pais estavam errados.

E eu só estou fazendo isso porque eles fizeram uma promessa.

— Se machucando para que Gael não se machuque?

— É diferente disso. — Procurei me defender. — Eu não o amava quando tudo aconteceu, então não tenho um coração que foi partido por ele.

— Mas você tem um coração que pode ser partido agora, e isso está te aterrorizando. — Tentei abrir a boca para falar, mas ele encostou o carro no mesmo instante. Sua mão veio para o meu braço e o segurou. — Eu amo minha amiga para cima e que age como se a vida fosse uma festa, porque a

vida tem sido uma merda desde sempre, mas... Mas tudo bem você sentir, Talita.

Tudo bem sentir medo da possibilidade de gostar dele.

— Eu não estou com medo disso, eu estou... — respirei fundo. — Eu não quero confundir tudo. Por isso eu fico repetindo que isso não passa de um contrato, e não passa mesmo. É tão simples quando dito, mas aqui dentro. — Apontei para o meu

peito. — Aqui dentro, é como se eu tivesse me afundando. Me sentindo exposta, jovem e ingênua como a Talita de dezessete anos.

— Talvez a gente devesse beber como fez naquela noite e só pensar no resto depois, o que acha?

— E seu irmão? — indaguei, e ele riu de lado.

— Dias a mais ou menos comigo lá, não vão resolver os próprios problemas dele. — Deu de ombros. — A gente tem mania de querer resolver a vida dos outros, mas nunca a nossa. E

isso serve para você! — apertou novamente meu braço. — Você não precisa se sentir mal porque não está sabendo lidar com esse casamento por contrato, eu prometo que sou um ótimo guardador de medos.

— Cala boca! — bati contra seu peito e ele riu. — O nosso refúgio?

— O nosso refúgio.

Ele deu um leve grito e então ligou o carro novamente.

Respirei fundo algumas vezes, ainda tentando disfarçar meus próprios demônios, mesmo que fosse claro como água para

meu melhor amigo. A questão era que eu tinha tudo milimetricamente calculado, para chegar no momento em que encaro o rosto do homem que ficou na minha mente por tantos anos, e às vezes, apenas perder a fala.

Algo que eu não admitiria, nem mesmo para Flávio, nem para mim mesma, era a forma como a presença de Gael Fontes me dominava, me prendia e me fazia duvidar de todas as certezas que eu tinha. E era exatamente por aquilo, que eu estava correndo pro lado oposto.

Pernas trançadas e cabeça doendo. O corpo um tanto dolorido e a bile pronta para vir à garganta. Corri como pude em direção ao que me recordava ser o banheiro, e quase que caí de cara com o vaso sanitário. Ouvi a voz de Flávio mais ao fundo, mas chutei a porta de qualquer jeito e fechei. Odiava que alguém me visse vomitando daquela forma.

Eu não deveria ter misturado tequila, cerveja e uísque, o resultado seria mesmo desastroso. A questão era que quando pensei que finalmente tudo sairia para fora, o calor quente de algo me envolveu e fiquei estática por alguns segundos. O banheiro não deveria estar tão quente e eu não deveria estar com uma toalha molhada posicionada com cuidado sobre a minha nuca.

— Bota pra fora. — Ouvi a voz ao fundo, enquanto minha franja era presa para trás, e antes que pudesse me negar, o enjoo foi maior e acabei vomitando, quase perdendo a força de todo meu corpo.

Xinguei baixinho algumas vezes, enquanto buscava a descarga, a qual foi acionada antes mesmo que eu pudesse fazê-lo, e logo senti meu corpo ser colocado sentado e mãos apoiando minhas costas.

— Mais leve?

— Quem é você? — perguntei, minha visão um pouco embaçada e ouvi batidas na porta. — Flávio?

— Eu to vivo e você? — rebateu do outro lado da porta. —

Conseguiu vomitar?

— Sim, mas to podre — admiti, e quase fui mais para trás, enquanto mãos me seguravam. — Tenta não bagunçar muito no outro banheiro.

— Te encontro no tapete da sala depois de terminar.

— Pode deixar. — Minha voz mal saía, e então tentei me virar para encarar quem estava ali comigo. — Quem é você?

— Gael.

Fiz um simples “puff” com a boca e tentei me afastar.

— O que Gael faria no meu banheiro? — ri alto, e tentei forçar meu corpo para trás, para deitar, mas não fui permitida. —

Olha, cara, você deve ser um dos seguranças que mandaram, mas...

— O quanto você bebeu, Talita? — sua voz era tão conhecida, que me assustava, que eu não estivesse delirando. —

O que se lembra de ter feito hoje?

— Eu...

Foi então que eu tentei recapitular o dia todo, e a realidade finalmente me bateu. Eu estava no banheiro da minha casa, com

Gael Fontes me segurando, enquanto chegava bêbada com melhor amigo após ter me casado com ele.

— Eu bebi demais. — Respirei fundo, e então tentei me levantar com o restante de força que tinha.

Agarrei-me à pia, mas pisei em falso, e logo tive que sentir um corpo me envolver para que me estabilizasse. O cheiro de sabonete e xampu, misturados à água que ainda descia pelo peitoral exposto, e que agora eu via estar coberto apenas por uma toalha na cintura. Os cabelos lisos colados contra a testa, e o cenho franzido como se perguntando o que fazer.

Ele era bonito.

O maldito homem que eu tinha me casado e que não deveria, era mais do que bonito.

E talvez eu soubesse que a beleza dele fosse um problema, mas jurei que era madura o suficiente para lidar com aquilo. Lidar com tudo aquilo.

E no primeiro dia de casamento, eu estava bêbada e sendo cuidada por ele, dentro de um banheiro. Meu sorriso já estava quase morto, quando a realidade caiu. A realidade de que o

personagem que eu tanto montava para quem fosse de fora, não parecia funcionar com ele, mesmo que eu jurasse que o faria.

A exposição a quem quer que fosse, sempre me aterrorizou. Por aquilo, eu adorava ser considerada a Kang de língua afiada, já que isso fazia as pessoas não se aproximarem.

Agora, a exposição para com ele, me aterrorizava ainda mais.

Eu já estive naquele momento antes, e me sentia me colocando nele novamente.

— Só preciso de um tempo sozinha. — falei, tentando manter o sorriso de bêbada, e me forcei a sentar-me sobre o assento do vaso sanitário fechado. — Se quiser checar Flávio. Ele deve estar pior. — Ofereci, encostando a cabeça contra o azulejo, e fechando os olhos.

Meus olhos sempre foram expositivos demais.

— Vou ficar aqui até que melhore.

— Saia. — Minha voz soou certa no segundo em que senti a preocupação em sua voz, talvez pena. — Não estou pedindo, Gael.

— Está realmente bêbada...

— Eu já estive pior e não precisei de ninguém para cuidar de mim. — A fala saiu um pouco embolada, e não sabia como ele me observava, mas senti seu olhar queimar sobre meu corpo. —

Não vamos chegar quinze anos atrasados para cuidar de uma velha conhecida bêbada.

E ali estava eu, deixando um sorriso no final para mascarar a dor que eu senti naquela noite, mesmo que me negasse a aceitar.



Capítulo 12

“Não, é um vai e vem, eu disse algo de errado?”

É um vai e vem, sobre tudo que eu disse

É um vai e vem, eu fiz algo de errado?

[É um vai e vem, talvez, seja tudo sua culpa.”\[17\]](#)

GAEL

Eu lhe dei tempo.

Saí do banheiro apenas para que se acalmasse, já que pela primeira vez, desde que a revi, ela parecia estar reagindo a alguma coisa à minha frente. Esperei cerca de dez minutos, e bati novamente na porta. Como não obtive resposta, acabei a abrindo e então encontrei-a dormindo encostada com a cabeça na pia.

A cena era cômica, se não causasse um leve aperto em meu peito. Respirei fundo, apertando mais a toalha em minha cintura, e envolvi a outra em meu pescoço. Fui cauteloso ao puxar Talita para o meu colo, e ajeitei-a de forma que não escorregasse dali.

Era estranho, depois de tanto tempo tendo apenas a mim mesmo, estar pessoalmente cuidando de alguém. E eu estava realmente, quinze anos atrasados com ela, mesmo que ela jurasse que eu não parti seu coração e que foi algo inconsequente de jovens, ainda assim, eu sentia aquela culpa.

Mas não era a culpa que me fazia olhar para ela em meu colo, respirando tão serena, que parecia se encaixar perfeitamente ali. Caminhei com cuidado, passando pela sala, na qual encontrei Flávio, que parecia ser uma nova pessoa presente

em minha vida - enquanto eu estivesse na de Talita também, e ele estava apagado no tapete da sala.

Subi com cuidado as escadas e tentei me guiar pelos quadros da parede, que pareciam dar para um quarto no final do corredor, que provavelmente, era o dela. Abri a porta, e sorri satisfeito ao ver que o local estava todo decorado e parecia realmente ser usado, ou seja, deveria ter acertado o cômodo.

Lençóis roxos bagunçados, nos quais a ajeitei com cuidado na cama.

Ela se negou por alguns segundos a se soltar do meu aperto e tive que com muito cuidado, afastá-la e encostá-la contra travesseiros, aos quais se agarrou. Retirei o salto que ainda estava em seus pés, e os deixei à beira da cama. Olhei para sua franja bagunçada, e um pouco mais desfiada e

descolorida do que antigamente, e me segurei para não a tocar, da forma que eu fazia.

Da forma que a gente agia um com o outro.

Tentei não agir de forma ainda mais intrusiva, e já saia do quarto, mas um grande mural de fotos, espalhados em uma parede do lado esquerdo, fez-me paralisar.

Uma foto tão antiga que eu sequer me recordava. Estavam os meus pais, ao lado dos pais de Talita. Nossas mães com as mãos uma na barriga da outra, grávidas. Segui as outras fotos, que tinham um pouco de cada fase da vida dela e então encontrei uma nossa, ainda bem pequenos, chupando sorvete ao lado de bicicletas. Nós deveríamos ter o quê? Talvez três e um ano de idade?

Naquela época, as nossas mães ainda eram próximas, o que resultou em que nós dois também fôssemos. Mas eu não tinha recordações daquilo, não tão fortemente. Acreditava que nem mesmo Talita.

E as fotos vão se modificando, até o ponto de o sorriso de Talita não ser mais o mesmo e eu não a ver quase sorrindo em algumas de muitas delas. Mesmo no que parecia ser seu aniversário de vinte anos, até quando fez sua graduação. Uma última foto me chamou atenção, na qual ela sorria abertamente, para o pôr do sol e parecia brilhar junto com ele.

Demorou alguns segundos para perceber que eu estava sorrindo também.

— O que acabamos de fazer? — perguntei para o nada, e me afastei do mural, dando um último olhar para a mulher apagada na cama, e saindo dali.

Toda aquela sensação se acumulando dentro de mim e me deixando a ponto de não saber se conseguiria dormir. Caminhei até o andar de baixo, e busquei a pequena mochila que tinha trazido naquele dia, apenas porque não sabia o que esperar daquela noite, adiantei-me para terminar de me trocar no banheiro e me ajeitei num dos vários sofás vazios da sala, enquanto o melhor amigo dela estava roncando no tapete.

Eu poderia ir até um quarto de hóspedes e me deitar lá, mas ainda assim, sentia que precisava conversar mais dos pequenos detalhes com ela. Foi tudo muito rápido e de repente, a ponto de acreditar que o fato de ela estar bêbada ali, talvez comprovasse que não era apenas eu não sabendo lidar com a situação. Mesmo que devêssemos.

Nenhum de nós dois sabia.

Senti algo quente em meu rosto e pisquei algumas vezes, até que meus olhos se acostumaram com a claridade. Encontrei-me deitado no sofá, completamente sozinho no ambiente, e um papel branco deixado sobre a poltrona me chamou atenção. Fui até o mesmo e o peguei, ainda bocejando e sem entender que horas eram.

Aviso do primeiro dia de casamento marido por contrato, agora sim, fui para a fazenda. Como disse, se precisar que esteja presente em alguma reunião por chamada de vídeo, só avisar com antecedência. Até sexta-feira.

T. K.

Passei as mãos pelos cabelos, rindo daquela situação, mas não surpreso. Ela tinha realmente ido e me deixado ali, como se não tivesse bebido todas, estivesse claramente confusa e perdida como eu. Soltei o papel, repassei mentalmente os planos que eu

tinha para os próximos dias e se algum deles me necessitava ali, fisicamente.

Reuniões com a Fontes apenas dali a uma semana, ou seja, até aquela sexta, eu não teria que vestir ternos e fazer visitas inoportunas a ninguém. O que me restava, era me preparar para a reunião com os advogados e Hellen na próxima semana, e era algo que eu poderia fazer de qualquer lugar.

Qualquer lugar.

Aquilo ficou se repassando na minha mente.

Levantei-me e fui até minha mochila, olhando se tinha roupas suficientes para dias fora dali. Peguei meu telefone e disquei o número de alguém que sempre sabia onde todos estavam e com quem estavam, e que com certeza saberia me dizer exatamente onde Talita tinha se enfiado.

E se ela estava fugindo do mesmo que eu, a questão era que no fim estaríamos dando voltas e mais voltas. Eu, melhor do que ninguém, sabia que fugir não era uma solução. Nunca fui.

E ali estava eu, indo até ela. Porque de tudo o que íamos fazer durante aquele casamento por contrato, agir como se nada

nunca tivesse acontecido, não era uma boa opção. Porque parecia estar deixando tanto a mim, quanto a ela, prontos para uma atitude de contenção.

Mas por que, no fim de tudo, estávamos nos contendo sobre algo?

— Muito cedo para pedir informações confidenciais —

Lauro falou do outro lado da linha e eu quase ri, porque não era tão sério assim. Não aquele ponto.

— Pode descobrir onde Flávio Esteves mora?

— Desde quando não estamos vigiando seus irmãos ou algo envolvendo sua família? — rebateu, e foi assim que percebi o quanto eu estava agindo estranho diante daquilo. Aliás, tudo a respeito de Talita me deixava estranho. Seria o passado? — E

obrigado pelo convite para o casamento.

A fala de Lauro me tirou aqueles pensamentos e guardei meus próprios questionamentos.

— Sabe exatamente por que me casei. — Rebatu, e ouvi sua risada do outro lado da linha.

— Só não imaginei que fosse casar justo com a mulher que jurou deixar em paz. — Provocou e tentei não me apegar à sua frase. — Te mando informações em uma hora.

— Meia — pedi, e ele bufou do outro lado da linha. — Dez minutos, certo?

— Só se me disser por que estou procurando isso.

— Eu te pago muito bem?! — rebati e ele riu alto do outro lado da linha. — Só faça, por favor.

— Eu vou querer os detalhes depois, obrigado.

Desligou o telefone e eu sequer quis pensar sobre.

Eu tinha voltado e estava tomando as rédeas da minha vida. Fazer algo como ir para uma fazenda de um desconhecido

porque minha esposa por contrato estava lá e me deixava confuso, era realmente algo estranho?

Naquele momento, o simples pensamento me pareceu absurdo, mas não pude ir contra ele. Não mais.



Capítulo 13

“E eu sei que isso foi há muito tempo

E aquela magia já não está mais aqui

E eu posso estar ok

[Mas não estou nada bem.”\[18\]](#)

TALITA

— Senhor Esteves.

Falei, sentando-me a mesa com toda educação que tinha e recebendo um leve acenar com os dedos do homem que claramente não dormia há dias e tinha olheiras enormes. Barba por fazer e notei que poderia ser qualquer coisa, menos café na xícara à sua frente.

— Chegaram quando? — perguntou, no tom baixo e calmo que sempre usou, e não me encarando.

Existia algo em Juan Esteves que me recordava da forma simplista que Vincenzo sempre nos tratava. Uma verdadeira surpresa encontrar algo dentro dele, como o sentimento de dor que estava exposto ali, bem agora.

— Há poucas horas, só dormimos um pouco e bem, Flávio ainda deve estar dormindo... — comentei, e coloquei um pouco de leite, notando-o pronto para levar a xícara à boca. — Sabe que conheço o senhor há muito tempo...

— A única amiga real que Flávio tem — comentou, e virou o copo, o que deixava claro que deveria ser uísque ou tequila ali.

O homem estava realmente devastado, às oito da manhã já colocando algo alcoólico pra dentro. — E sabe que não precisa me chamar de senhor.

— Ainda assim, é dez anos mais velho e nada mais justo do que isso. — Forcei um sorriso, e ele apenas pareceu se obrigar a pegar um biscoito no centro da mesa. — Flávio está preocupado — comentei, lembrando-me do porquê meu amigo me trouxera ali. Não que fosse ajudar em algo, mas quem sabe, auxiliar. — Ele não sabe mais o que fazer para te ajudar a sair...

— indiquei a xícara e seu olhar finalmente parou no meu. —

Disso.

— Flávio não tem que se preocupar com os meus problemas e ele sabe disso.

— Mas é isso que uma família faz, ela se preocupa. — Dei de ombros. — Sei que conversamos poucas vezes em todos esses anos, mas de verdade, até eu, que estou de fora, estou preocupada com você. Vejo pelo meu melhor amigo que não sabe mais onde vai encontrar o irmão dele destruído pela casa.

— Obrigado por me contar — falou simplesmente, e antes que eu pudesse abrir a boca para tentar questioná-lo, ele se levantou.

— Senhor Esteves.

— Sim?

O chamado de um dos peões fez com que nós dois olhássemos em direção à porta de entrada, e Juan foi até ele.

— Tem um tal de Gael Fontes aqui fora, dizendo que veio visitar a esposa.

O olhar de Juan então parou no meu, e eu fiquei em choque por alguns segundos. Gael Fontes ali? Mas ele tinha negado estar ali na noite anterior e naquela manhã, eu estava fugindo para bem longe dele e nem o tinha convidado. E o pior de tudo, era que eu mal me lembrava do que aconteceu naquela noite, a não ser que não foi Flávio que cuidou de mim, porque meu melhor amigo recobrava alguns momentos.

— Conhece?

— Eu me casei ontem — confessei, e Juan arqueou uma sobancelha.

— Jurava que um dia se casaria com Flávio — comentou simplesmente, e vi-me levantando e indo em direção à porta de entrada, da qual ele não fez questão de se mover.
— Posso só o atender?

— Se é seu marido, não há problema em ficar.

Naquele momento, só gostaria que Juan não fosse uma pessoa tão polida e educada, e que Gael não estivesse escutando do outro lado da porta, há passos dali.

— Deve ser apenas algum recado...

Forcei um sorriso amarelo e fui rapidamente até a entrada, sendo seguida pelo peão que apenas acenou a cabeça e se afastou. Quando procurei o homem que veio até ali, paralisei ao encontrá-lo encostado contra uma pilastra e um sorriso debochado no rosto.

Aquele sorriso parecia dizer muito mais do que minha mente se recordava na noite anterior. O que eu tinha dito? O que eu tinha feito? Merda!

— O que faz aqui, Gael?

— Feliz primeiro dia de casados, minha senhora. — Sua expressão era pura soberba, mas algo brilhava em seu olhar. —

Já se escondendo na fazenda do seu amigo?

— Como estou me escondendo se você sabe onde estou?

— perguntei, cruzando os braços e tentando fingir que não estava

surpresa por vê-lo ali. — Veio me perseguir? Como descobriu onde Flávio mora?

— Não só os Kang tem seus informantes... — deu de ombros. — Me convidou para vir aqui, lembra?

— Corrigindo, Flávio te convidou e isso foi antes de a gente encher a cara ontem e não se lembrar de nada. — falei, para ver qual seria a sua reação diante de tal informação. — O que faz aqui?

— Resolvi aceitar o convite.

Arqueei uma sobrancelha e estava pronta para expulsá-lo dali.

— Não acho que seja uma boa hora e também...

— Do que tem medo, Talita? — perguntou, dando dois passos à frente, ficando tão próximo, que me surpreendeu sua ousadia. Eu estava apenas de chinelos, o que me fez relembrar o quanto mais alto ele era. — Medo do que fez na noite passada e não se lembra?

— Estamos jogando que joguinho aqui? — indaguei, não reconhecendo aquele lado seu, diferente de tudo o que vi até

aquele momento.

— O de sermos honestos, Talita.

Foi naquele momento que percebi que era como se ele estivesse tentando me dissecar, mas ainda não obtivera sucesso algum. E de repente, eu não sabia o que fazer, parada no alpendre da fazenda Esteves, com meu melhor amigo dormindo, o dono da fazenda já tendo aceitado o

convidado e o meu atual marido por contrato com um sorriso debochado no rosto.

O que me deixou, pela primeira vez, sem palavras.



Capítulo 14

“E é só você que tem a

Cura pro meu vício de insistir

Nessa saudade que eu sinto

[De tudo que eu ainda não vi.”\[19\]](#)

TALITA

Ele só podia estar de brincadeira com a minha cara.

Gael adentrou a casa como se o ambiente fosse tão familiar que ele em suas roupas amarrotadas do casamento, ainda caíam perfeitamente.

— O sortudo? — Juan perguntou, aproximando-se e eu não pude evitar a careta. — Se é alguém importante pra Talita,

sinta-se à vontade.

— Marido por cont...

— Obrigado, senhor Esteves. — Gael tomou a frente e o encarei perplexa. — Foi seu irmão quem fez o convite, já que eles são tão próximos.

— A ponto de que nunca imaginei Talita apresentando alguém.

Quase soltei um grito de animação, ao me virar para a porta de entrada e encontrar o meu segundo Esteves favorito -

Oscar.

Corri até ele, o qual me pegou no colo e gargalhou alto, como sempre, o olhar cafajeste não me passava despercebido.

— Um sonho de consumo, como sempre — comentou, fazendo-me girar no lugar e assim que fiquei à sua frente, puxou-

me para seu abraço.

Ouvi um limpar de garganta e quando me afastei, encontrei Juan apertando levemente a aba do chapéu e indicando algo com o olhar, e que quando percebi, era Gael com a visão semicerrada e os punhos fechados.

— Um cara de sorte — Oscar falou e parou à frente dele, dando um tapinha em seu ombro. — Oscar Esteves, o irmão do meio, que vai tirar o velho daqui pra que pelo menos respire algo além de álcool.

— Oscar...

Juan parecia em seu tom bravo de sempre, mas logo foi nada delicadamente retirado da sala de estar pelo irmão mais novo. Restando apenas eu, Gael e a mochila que ele carregava.

Levantei o olhar e o encarei, vendo que sua expressão não suavizou e quase me vi rindo da cena.

— Não deveria estar ocupado com algo a respeito dos Fontes? — indaguei, sem conseguir morder minha língua.

— Preciso apenas estudar e pesquisar um pouco mais antes de reencontrar minha tia, e acho que o ar do campo deve ser perfeito pra isso.

— Não parecia certo disso noite passada — argumentei, arqueando uma sobrancelha.

Ele deu três passos para a frente, o suficiente para estar bem próximo, e um sorriso debochado surgiu em seu rosto.

— Digamos que você bêbada acabou por mudar minha opinião.

Olhei-o sem entender absolutamente nada e tentei recapitular na memória ainda perdida, algo que tivesse feito estando bêbada. Contudo, apenas o blackout da noite passada estava em minha memória.

— O que eu, uma mera mortal criaria bêbada, que o faria pegar um avião e desperdiçar o seu rico tempo? — não pude deixar de insistir.

— Não se lembra de nada da noite passada? — ele então ficou sério, o que me surpreendeu pela sua posição. —

Absolutamente nada?

— Fiz alguma merda memorável ou está apenas jogando um joguinho sobre usar minha amnésia momentânea a seu favor?

— rebati, porque eu poderia ser muitas coisas, e desconfiada era com certeza uma delas.

— Por que jogaria algo com você?

— Porque se tem uma coisa que parece não ter mudado nesses quinze anos, é essa sua cara de irritante. — Dei-lhe um sorriso sem dentes. — Não sei por onde andou ou o que fez, mas me parece não disposto a perder.

— Não há o que perder pra você, Talita.

— Então por que diabos está na minha frente? — rebati, já cansada daquela conversa. Realmente deveria ter ficado dormindo.

— Por que estar à sua frente te incomoda? Por que não pode apenas lidar com a minha presença? — suas perguntas soaram em outro tom, como se ele mesmo estivesse tentando decifrar. — Já parou para pensar que se passaram anos suficientes para que nenhum de nós se incomodasse com o outro?

— Sem ficar dando voltas. — Estalei um dedo, desviando o olhar. — Diz de uma vez o que veio fazer aqui e o que está testando.

— Tem algo entre a gente — assumiu, soltando a mochila e tentou trazer sua mão para perto do meu rosto, mas parou no meio do caminho. Não me mexi, porque eu era treinada

o suficiente para derrubá-lo caso ousasse me tocar sem permissão.

Contudo, mesmo sem o toque, eu sentia o que ele queria dizer.

Infelizmente, o que eu mais temia e o me fez correr.

Atração?

Tesão?

Raiva?

Mágoa?

Se eu parasse para pensar, tudo poderia estar disperso em vários sentimentos, os quais nem eu mesma entendia.

— A definição de homem emocionado foi atualizada com sucesso. — Debochei, encarando-o profundamente. — Isso é um contrato, Gael. Isso tudo aqui... — fiz um sinal entre nós dois. —

Não significa absolutamente nada. O mesmo que aconteceria se tivéssemos nos casado anos atrás, está acontecendo agora. —

Dei de ombros. — E isso entre a gente... — fiz outro sinal entre nossos corpos. — Encontramos em qualquer bar por aí.

— Eu não achei que gostaria de me ver novamente depois de tanto tempo e agora estamos casados... Nada com você faz sentido, Talita.

— Não faz sentido você se considerar tão importante na vida de outra pessoa, a ponto de essa querer ignorá-lo. —

Passei as mãos pelos cabelos, respirando fundo. — Não é importante, Gael. Pelo menos, não pra mim.

As palavras saíram amargas da minha boca, não sabia se pela forma como poderiam ser mentira ou pela bebida da noite anterior. A bebida a que eu me entreguei novamente porque ele me confundia. Porque se eu fosse ser honesta e não subir o escudo que tinha, eu estaria exposta como ele, o semblante perdido e confuso, procurando explicações.

Eu não procurava explicações para o que queria evitar, eu fugia. E eu tinha mais 364 dias pela frente para fazê-lo. Mesmo que quisesse negar, para mim mesma, eu não podia. Não podia esconder que eu fugia dele, porque adoraria descobrir por que meu corpo todo chamava pelo dele.

— A tensão sexual tá gritando aqui de cima. Preciso levar uma faca pra cortar?

A voz de Flávio fez meu olhar sair do de Gael e tive que rir de meu amigo.

— Ainda delirando pela bebida?

— Devo estar, já que seu marido tá na sala da minha casa... Diacho! — reclamou, levando uma das mãos à cabeça.

Dei um breve olhar sobre o ombro para Gael, que permaneceu parado no meio da sala, como se perdido em si, e eu foquei em ajudar meu melhor amigo com enxaqueca.

— Ele aceitou meu convite que negou? — perguntou baixinho, assim que me aproximei.

— Não vamos falar sobre isso...

— Ele tá tão na sua...

— Flávio! — chamei sua atenção, batendo em seu peito e seguindo com ele para o quarto. — Gael está querendo alguma coisa, tenho certeza.

— Às vezes, ele só está tentando se redimir por ter sido um idiota.

— Pena? Dispensou, obrigada — falei, enquanto Flávio se jogava na cama, e eu pegava o remédio pra dor de cabeça na mesa de cabeceira. — Aqui.

— Que homem volta depois de quinze anos, e em vez de focar pra recuperar a empresa da família, vem pra onde Judas perdeu as botas atrás da esposa de contrato após cuidar dela bêbada? — perguntou, pegando o comprimido e fazendo uma careta.

— O que quer dizer?

— Que alguma coisa aconteceu nesse meio tempo que fez ele vir aqui.

— Talvez eu tenha dito ou feito algo bêbada...

E então, eu me recordei daquela parte em especial e acabei me dando um leve tapa na testa.

— Pena — falei, e Flávio me encarou de imediato. — Eu disse algo sobre ele estar atrasado pra cuidar de mim, posso até

ter dito o quanto esperei que ele viesse atrás de mim naquela noite... só tem esse primeiro flash

— Pode ser culpa, pena não. — Revidou, ainda encarando o comprimido. — Ele não tem cara de querer perder tempo.

— Ele tem cara de que quer me fazer perder meu tempo.

— Joguei-me na cama ao seu lado.

— Seus pais que me perdoem, mas eu não sei onde eles estavam com a cabeça pra te complicarem assim...

— Em horas como essa, nem eu sei.

Capítulo 15



“Me matando devagar, do lado de fora da janela Eu estou sempre esperando que você esteja esperando lá embaixo Demônios jogam os dados, anjos reviram os olhos

[O que não me mata, me faz te querer mais.”\[20\]](#)

GAEL

Fui colocado em um quarto de hóspedes e felizmente tudo o que precisava estava disponível no e-mail que Lauro me enviou.

Um arquivo com tudo atualizado sobre a Distribuidora Fontes.

Não que eu já não tivesse noção sobre tudo o que se passava, mas sabia que precisava me mostrar preparado para assumir o cargo de CEO. Os acionistas tinham que me ver como a melhor opção, mesmo que judicialmente eu fosse a única.

Eu estava há tanto tempo aprendendo, relendo e reaprendendo, que era realmente cansativo. Contudo, eu imaginava o trabalho que não foi para nossa mãe reerguer aquela empresa depois da pior crise que tiveram.

Eu precisava dar o meu melhor.

Meu celular tocou e notei o nome da minha caçula no visor.

— Algo me diz que ou eu ou o segurança da sua nova casa está maluco.

— O que houve, tun tun?

— Onde você está? — perguntou, e ouvi-a agradecendo alguém ao fundo. — Vim ver se estava tudo bem, se Talita já não tinha chutado sua bunda, mas não encontrei ninguém.

— Você não deveria estar com as malas prontas para voltar pro exterior?

— Meu voo foi adiado pra mais tarde. — respondeu sem questionar, como se já soubesse que eu sabia sobre tudo. Ao menos, agora eles sabiam que eu sempre estive de olho.

— Não está mesmo em casa? Já foi expulso?

— Por que me parece realmente certa de que fiz algo pra irritar Talita?

— As histórias não estão ao seu favor, ten ten. — Daquilo, eu realmente sabia. — Mas onde se enfiou?

— Estou no interior, casa do que acredito ser o melhor amigo de Talita.

— O gostoso do Flávio Esteves?

— Paola! — chamei sua atenção e ela riu baixinho. — Por favor, não me faça pensar que você pensa assim sobre alguém.

Me dá arrepios!

— Culpe sua esposa por ter um melhor amigo realmente gostoso, e aceito se ela quiser me apresentar...

— Paola!

Ela gargalhou alto do outro lado da linha.

— Pensei que ajudaria a não brigarem, mas pelo jeito, estão indo bem...

Ouvi o grito de Talita e sua risada em seguida. Levantei-me, indo até a janela e tendo a cena de ela, empurrando o amigo enquanto ele tentava pegá-la no colo.

Uma careta se formou de imediato e minha vontade era apenas descer e tirá-la dos braços dele. Por que ela sempre tem que estar nos braços de outros?

E ela ria, como se fosse colocar seus pulmões para fora e sem se importar de fato. Ela parecia viva e brilhante diante dele, como se ele pudesse enxergar tudo de si.

E eu?

Eu só podia vê-la e admirar, uma coisa que estava se tornando um hábito, do qual não tive escolha. Um vestido preto solto no seu corpo, um soutien rendado de mesma cor e coturnos marrons, com os cabelos curtos presos no que parecia ser uma tentativa de trança.

Ela mordeu os lábios após rir, e a forma como os maltratou me fez imaginá-la fazendo o mesmo com os meus. Nerds!

— Ten ten?

— Desculpe, o quê?

— Você que ficou em silêncio e pensei que tinha caído a ligação... Bem, vou te deixar cuidar do que for — falou, enquanto eu tirava meu olhar da janela e tentava não pensar sobre.

Sobre como Talita ficou ainda mais bonita.

— Boa viagem, ton ton.

— Eu te mando mensagem quando chegar lá. — Sorri, só por saber que finalmente, a gente tinha o básico entre irmãos -

poder conversar. — Fica bem, ten ten.

Ela então desfez a ligação e eu encarei o celular um pouco nostálgico. Eu tinha perdido muitos anos da vida de cada um deles. Mal sabia os gostos, vontades e sonhos deles. Tudo porque eu queria mantê-los em segurança.

Outra risada alta do lado de fora e meu olhar voltou para a janela, e me questionei o quanto foi o oposto do que fiz por Talita também. Ela sofreu as consequências de um jovem

que acreditou que o mundo lhe daria as respostas fáceis e rápidas.

Quinze anos.

Quinze anos para voltar a finalmente poder tomar o que era meu e de meus irmãos por direito.

Quinze anos em que perdi a chance não só de ser o irmão deles, mas de ter sido ao menos humano para com a mulher que eu não sabia, mas no fim, seria minha esposa por contrato.

TALITA

Olhei para o carro.

Talvez o carro não tivesse me olhado de volta.

Mas eu continuei olhando para o carro.

Sentada no banco do motorista, acreditava que era o único lugar que me aterrorizava. Suspirei fundo e fiz o passo a passo que eu já sabia de cor e salteado. Parei com a mão no freio de

mão e senti-a tremer. Desci o freio de mão e finalmente saí com o carro.

Uma estrada deserta.

Apenas eu e o carro.

Dois medos gritando em minha mente. Dois medos que eu tentava, sempre que vinha ali, vencer.

Foi exatamente assim que o carro deles bateu, em uma colisão misteriosa. Ninguém conseguiu explicar, nem com a

melhor perícia legal e ilegal do veículo, como minha mãe perdeu o controle do carro e ela e meu pai faleceram.

Aquele mistério se arrastava por minha vida, porque eu tinha medo de fazer o mesmo, ou de alguma forma, propositalmente tentar fazê-lo. Como se para entender o que eles sentiram. Como se para que eu pudesse ficar perto deles de novo.

Contudo, ali estava eu, dirigindo na velocidade mínima, em uma estrada de terra e com um sorrisinho no rosto. Um sorriso que eles poderiam ver, de onde quer que estivessem - de que eu estava conseguindo.

Quem sabe um dia eu estaria finalmente dirigindo no centro, pelo menos, daquela pequena cidade. Fiz a curva, e voltei pelo mesmo caminho e gritaria para Flávio que consegui, se ele não tivesse corrido para ajudar os irmãos minutos antes.

Foi então que vi um cachorrinho entrar com tudo na frente, e meu pé afundou tanto o freio que o carro deu um solavanco.

Senti o suor descer por meu corpo e um grito preso na garganta.

Desliguei o carro e me joguei na frente do carro em busca do cachorrinho.

— Eu não atropelai! — repeti para mim mesma, enquanto o procurava debaixo do veículo.

— Ah!

O grito masculino me fez parar de rastejar no o chão e me levantar. O corpo todo sujo de barro e folhas. Foi quando ouvi uma risada e então caminhei até o barulho,

encontrando Gael Fontes jogado no chão, o cachorro sobre ele, lambendo seu rosto como se estivesse se divertindo.

— Está vivo. — Minha voz quase não saiu e soltei o ar com força.

Minhas pernas até bambearam um pouco, talvez a adrenalina finalmente baixando e me sentei no chão, enquanto via o cachorrinho ou cachorrinha se apaixonar à primeira vista pelo homem abaixo dele.

Não podia nem julgar o animal, porque a Talita de quinze anos fez o mesmo. Talvez fosse um tipo de carma de quem passasse na vida de Gael e não tivesse maturidade.

— Ah!

Soltei, assustada por algo molhado em meu rosto e logo fui atacada por patinhas e uma língua carinhosa.

— De nada — falei, como se estivesse realmente me comunicando com o bichinho e falássemos do quase atropelamento que ele sofreu. — Da próxima, olha antes de passar pela estrada. — Aconselhei, levando outra lambida e ri de tamanha fofura.

Um clássico caramelo brasileiro, mas tão magrinho que me questionei se ele não tinha dono.

— Ela gostou de você.

— Ela? — indaguei, enquanto o cachorro se acalmava e me permitia fazer carinho em sua barriga.

Olhei com mais atenção e então concluí o mesmo que Gael

- era uma cachorrinha.

— Você tem uma cara de Taylor — falei, sem pensar muito e senti outro olhar pesar sobre mim. — O quê?

— Está adotando um cachorro?

— Eu tô achando que ela me adotou — falei e ela latiu, como se concordasse. — Você gosta de Taylor? — ela latiu mais alto e pediu carinho novamente. — Então, Taylor Lover Kang. —

Nomeei sorrindo e ouvi um risinho ao fundo.

Ignorei a presença de Gael, porque a realidade era que eu nunca tinha adotado um animalzinho. Eu ajudava vários lugares e sempre os acolhia para casas de pessoas que dariam muito amor, mas eu nunca senti algo assim. Não o que sentia com os olhinhos castanhos pequenos e pelos castanho-claros, à minha frente.

— Você ainda gosta de Taylor Swift, então?

— Bom, tenho algumas tatuagens e agora uma cachorrinha com o nome dela... — dei de ombros. — Algumas coisas não mudam.

— Quando você sorri de verdade, ainda tem duas covinhas bem sutis, que só quem está muito perto pode ver.

— O que está fazendo por aqui? — perguntei, ignorando sua observação e me levantando com cuidado, ainda sentindo a pequena Taylor passando pela minha perna.

— Flávio me disse que estaria aqui, e pensei que seria um bom momento pra conversar...

— Não preciso da sua pena. — Fui clara e estiquei a mão para ajudá-lo a levantar. Assim que elas se tocaram, senti meu coração errar uma batida. Ele continuava burro e imaturo, então.

— Não preciso da sua culpa. — Dei o impulso para que ele viesse, mas Taylor passou por minha perna com força, fazendo-me tropeçar e de repente senti meu corpo ir direto para o chão.

Mas o chão era macio e cheiroso - o peito de Gael Fontes.

Meu olhar no seu. Sua mão ainda na minha. As bocas tão próximas que se qualquer um de nós se mexesse, elas se encontrariam.



Capítulo 16

“Tua boca na minha, minha desgraça

Teu peito no meu, só bate e arregaça

Eu quero você e você disfarça

Com essa cara de quem vai me destruir.”[21]

GAEL

Onde estávamos com a cabeça?

De repente, a minha boca estava completamente voltada para a de Talita. O olhar castanho preso no meu, os lábios tão próximos que eu podia tomá-los. Engoli em seco, sem saber se tinha controle do meu próprio corpo.

Talita me fazia sentir como ninguém, como um simples boneco sob seu comando. Para uma pessoa que sempre teve controle em torno de tudo e que se negava a abrir mão do mesmo, sentir-me perdido pela simples proximidade de outra, me assustava. Assustava pra caralho.

Uma lambida molhada entre o meu rosto e o dela fez-me piscar algumas vezes e voltar à realidade.

— Essa é a menininha da mamãe — Talita falou, saindo de cima de mim no mesmo instante e meu corpo todo sentiu falta do seu.

Era como se um segundo fosse o bastante pra memorizar cada ponto que o corpo dela se encaixaria no meu.

Ela agora já estava de pé, pulando ao lado de Taylor, que parecia tão inocente e pequena, que não sabia como conseguiu

escolher o pior momento para nos lambar.

— Já que a sua culpa te fez vir de tão longe só pra tentar alguma desculpa, vamos fazer um trato.

A voz de Talita soou pela primeira vez não debochada.

— Não é por culpa que estou aqui... — ela me encarou profundamente, e eu jamais mentiria. Mentiras não faziam parte de mim. — Não apenas isso.

— Tá, pode ser que esteja aqui porque está confundindo o fato de querer transar comigo com estarmos casados por um ano.

— Deu de ombros, nos resumindo a apenas aquilo. — Mas o nosso trato será: você dirige enquanto eu seguro Taylor dentro do carro, e vai ter que tratá-la com muito carinho enquanto estiver debaixo do meu teto. — Souu mais como uma ameaça. — E o que aconteceu há quinze anos vai ficar lá, sem mágoa. Está perdoado se dirigir.

— Por que não podemos só falar sobre o que houve?

— Nós realmente precisamos? — perguntou, parecendo séria. — Você foi um imbecil, eu fui uma iludida, você sumiu e eu

seguí em frente, agora estamos casados por contrato por motivos diferentes... O que precisa falar disso?

— Não é como se não fôssemos próximos antes de tudo, Talita. — Suspirei fundo. — Você era minha melhor amiga durante a infância, e o que eu fiz... — neguei com a cabeça. — Eu sempre pensei no que diria, caso tivesse a sorte de te ver novamente.

— E o que seria?

Seu olhar não entregava nada, mas eu não conseguia me conter.

— Quando olho para você, eu só penso que não tem o que eu diga que conserte toda aquela merda. — Admiti, e senti

algo peludo passar por minhas pernas. — Talvez seja por isso que eu estou aqui, porque se eu não tenho o que dizer, pelo menos posso fazer algo, tentar consertar.

— Você tinha seu coração inteiro naquela época? —

perguntou, surpreendo-me. — Eu não. — Admitiu, e pela primeira vez depois de todos aqueles anos, vi uma fragilidade em seu olhar. — Eu não tinha um coração pra ser partido, nem quando você tentou quebrá-lo. Ele já estava em pedaços pelos meus pais,

e acho que você entende. — E melhor do que ninguém, eu entendia. Quando minha mãe morreu, eu acabei por perder meu pai também, mesmo que não para a morte. — Talvez você não tivesse um coração para sentir que estava tentando quebrar o meu naquela noite. E eu entendo, a ponto de que me casei com você.

— Não para se vingar?

Ela deu um sorriso de lado, sem dentes.

— Não vai se apaixonar e querer ficar comigo, a ponto de eu ter que expulsá-lo da minha vida, vai?

Eu queria ter uma resposta na ponta da língua, mas ela não veio. Como eu poderia ter certeza daquilo? Por que eu não tinha certeza daquilo?

Os latidos, seguidos do uivo de Taylor fizeram com que a resposta se fosse. Talita apenas a pegou no colo e fez um sinal com a cabeça, para que eu a seguisse.

Fiz o caminho e adentrei o carro, vendo-a conversar baixinho com a cachorrinha.

— Chae vai te amar e Dove vai morrer de medo, ela é mais dos gatos, igual a Verô. — Foi o que consegui ouvir, enquanto ela embalava a pequena em seu colo. — Não vai me dar uma resposta?

— Se eu me apaixonar, vai quebrar meu coração?

— Com toda certeza. — Sua resposta foi imediata e sabia que era sincera. — Não somos Verônica e Nero, preciso que tenha isso em mente.

— Tem medo do amor, Talita?

— Não, mas eu tenho certeza de que você não é a minha história de amor, Gael.

E aquelas palavras me atingiram em cheio, de forma que eu jamais iria prever. Engoli comigo o sentimento desconhecido e o deixaria lá. Existia uma barreira em Talita, que ela mesma deixava claro - eu não seria quem derrubaria.

E talvez, eu apenas estivesse confuso demais. Perdido demais. Culpado demais. Atraído demais. E também, atrasado demais para querer algo assim, principalmente, com ela.



Capítulo 17

“Eu disse: Eu não vou perder o controle, não quero que isso aconteça Eu disse: Eu não vou me aproximar demais, mas eu não consigo parar

[\(não\).”\[22\]](#)

TALITA

— Adotou uma cachorrinha, chamada Taylor agora? —

assenti, enquanto terminava de secar meu cabelo com a toalha e tentava não surtar por tudo o que tinha acontecido naquele pequeno espaço de tempo. — Então, quer dizer que agora você e Gael são papais de cachorros?

— Você realmente é meu melhor amigo? — rebati e Flávio fez sinal de rendição com as mãos.

— Ainda não entendi o porquê de tanto estresse... Você sabia o que estava fazendo quando se casou - ficou ainda mais próxima dele, em vez de correr pro lado oposto.

— Eu tenho uma promessa, Flávio — falei, soltando a toalha sobre a cama e passando as mãos pelos cabelos. — Não posso fugir disso.

— Não pode ou não quer?

— O que está dizendo?

— Que é meio óbvio que gosta dele, mesmo que um pouco, mesmo que você nem entenda o porquê. — Abri a boca para revidar, mas ele pegou a toalha sobre a cama e jogou na minha cara. — Não é como se fosse um crime gostar dele.

— É burrice e humilhante, na verdade.

— Pode até ser burrice, mas a parte de humilhante já passou...

— Quem garante? — perguntei, sentando-me ao seu lado e batendo com a toalha molhada no seu peito. — Não confio nele, Flávio.

— E se casou? — indagou, como se realmente estivesse puto com aquilo. — Não pode sempre deixar promessas que não são suas sobressaírem.

— Meus pais tinham alguma razão para isso, e acho que era não deixar os filhos da mulher que foi tão amiga de minha mãe, sofrerem em uma família com tradições arcaicas.

— Aí te colocaram em uma tradição arcaica com um deles.

Sabia que era confuso e até mesmo eu demorei um tempo para entender, mas o casamento com o herdeiro dos Fontes era o único caminho para garantir que todos os demais

herdeiros de Somni Campos fossem livres e tivessem direito a buscar outros caminhos.

— Porque eles sabiam que eu e Gael conseguiríamos lidar com isso... A gente já foi amigo, um dia, há muito tempo. — Dei de ombros. — Eles escreveram isso antes de tudo ir ladeira abaixo.

— E o que vai fazer agora que tamo rolando na ladeira parecendo uma adolescente confusa?

— Queria poder só fugir, igual fiz ao vir pra cá — assumi.

— E é o que farei, aos poucos. Ele não vai ter tempo para ficar com essa culpa pelo que houve e me seguindo.

— Não vou dizer de novo que isso não tem cara de culpa, mas sim, de uma confusão igual a sua.

— Gael pode estar qualquer coisa, menos confuso. — Ri de lado. — Ele não é esse tipo de pessoa.

— Que tipo ele é?

— Ele é... — olhei então para Flávio, sabendo exatamente o que ele estava tentando me mostrar e eu caindo direitinho.
—

Estou falando muito sobre ele, e com propriedade, né?

— Desde quando foi naquela luta, nunca mais pareceu se interessar por alguém novamente...

E ali ele tocava na ferida.

— Vou te culpar para sempre, por ter me aconselhado a encerrar o passado para então ter um futuro. No fim, eu

acabei não aceitando o pedido de Breno e estou aqui, presa a um homem que eu deveria odiar.

— Bem-vinda ao clube dos burros no amor.

Ri sem vontade, e aceitei sua mão ao redor do meu ombro e encostei minha cabeça no seu.

— Queria pelo menos fazer igual Juan, e me afogar na bebida, mas sem risco de dizer algo demais para a pessoa que me fez beber para esquecer...

— Não me lembre que aquele ali é o nível de lamentação que eu jamais vou te deixar chegar.

— Ele está sofrendo, ao perder a mulher que o amava, mas ele nunca demonstrou amar de volta... Isso tudo num casamento por contrato... Odeio os clichês em que a vida coloca a gente.

— Que a gente se coloca — assenti, porque ele estava mais do que certo. — O ser humano que é o burro.

— Está me chamando de burra? — indaguei, afastando-me para encará-lo.

— Se a carapuça serviu... — provocou, e eu bati em seu peito, o que o fez rir. — Vai dizer que foi uma escolha inteligente para uma pessoa foda que nem você, se casar por contrato com um cara que você sabe, mexe nem que seja um por cento com seu coraçãozinho...

— Pelo menos, eu consigo fingir que não.

— Jura, Ta? — fez um “puff” com a boca. — Já perdi a conta das vezes que encontrei vocês encarando um ao outro,

como se imersos num simples olhar e prontos para se atacar.

— Deve ser porque ambos estamos na seca há muito tempo...

— Claro, claro! — revirou os olhos. — Mas vamos pontuar uma coisa, foder com amor é a melhor coisa que existe.

— Como se você já tivesse feito isso. — Esbarrei contra seu ombro.

— Tem coisas que a gente não precisa ter feito para ter certeza de que é o melhor — assumiu sonhador, jogando-se para trás no colchão. — Pode não ser amor o que sente por ele, mas vamos ser honestos, que desde que te conheço, esse sentimento está aí, às vezes só existindo, às vezes machucando, às vezes escondido, às vezes gritando... Mas nunca acabou.

— Pois é — admiti, porque era a única pessoa para quem eu conseguiria fazê-lo. Porque Flávio acertava tudo sobre mim tão facilmente, como se lesse pela palma da mão. — Eu preciso achar um jeito de apenas acabar.

— Ou deixar ser real...

— Ok, já chega de fanficar por hoje! — bati duas palmas e me levantei, caminhando para a porta do quarto. — Vamos comer uma pizza? — perguntei, antes de sair.

— Vou só tomar um banho e podemos ir buscar no centro

— assenti e me virei para a porta.

Assim que a abri, aquele velho ditado popular caiu como uma luva: falando do diabo, ele mostra o rabo. Ali estava

Gael Fontes com uma mão levantada, como se pronto para bater, e notei que ele estava sem camisa, com uma toalha nos ombros, uma calça jeans apertada no corpo, e os pés descalços. O cabelo preto e liso quase sobre os olhos e eu quase me movi para arrumá-los.

Aquela sensação de “vá, tome o que é seu” que sempre tive a respeito dele me fazendo agonizar. Porque Gael nunca foi e nem nunca seria algo para chamar de meu. O mais perto que ele chegou de ser algo, foi como agora - de ser uma obrigação.

— Desculpe atrapalhar — falou, e então abri mais a porta, porque não era possível que ele batesse na porta do quarto do meu melhor amigo para falar comigo. — Queria saber se Taylor está bem.

Flávio começou a gargalhar, e eu revirei os olhos, fazendo um sinal para que Gael se movesse, para que eu passasse, e fechasse a porta. Ele não pareceu notar o comando, então levei a mão até sua barriga e a forcei para que ele andasse ignorando como sua pele na minha era algo que pareria ensurdecer meus sentidos.

Assim que consegui fechar a porta atrás de mim, com a outra mão ainda na barriga de Gael, finalmente as risadas de Flávio não eram audíveis. Para que inimigos se eu tinha um melhor amigo daquele?

— A veterinária que tem aqui me disse que ela precisava tomar algumas vacinas, aí eu subi porque não consigo lidar com agulhas que não sejam de tatuagens.

— Entendi — comentou, e notei seus músculos se retesarem sob minha palma. — Poderia ter me dito, e eu ficaria com ela.

— Eu passo.

Forcei um sorriso sem dentes e tentei retirar minha mão e sair, mas assim que me virei, minha mão foi puxada de volta, e eu estava contra a parede. Uma pequena distância nos dividindo e a mão de Gael não tocou meu rosto, como se o estudasse, e então como se ele finalmente tivesse coragem, apenas colocou parte do meu cabelo que caía no rosto, para trás da orelha. Seu olhar se arregalando brevemente, e em seguida, voltando para o meu.

Eu parecia ter esquecido até o meu nome, parada ali, quase permitindo que ele tocasse onde desejasse. Onde eu desejava.

— Não é só algo que eu sinto — falou, sua boca bem próxima à minha. — Mas não vou ultrapassar uma linha que você claramente traçou ao dizer que encontramos isso em qualquer lugar... Se quiser, vai ter que sair de trás dessa linha, Kang.

Foi quando notei o sorriso debochado em seu rosto, e fiz o mesmo. Fiz questão de ficar na ponta dos pés, fazendo meu nariz tocar no dele, sua respiração se modificou de imediato, e senti-o tremer sob minha palma, presa na sua.

— Atrás dessa linha é o meu lugar, Fontes. — Rebatu, nossas bocas tão próximas que sua respiração estava por todo meu rosto. — Faça o favor de encontrar o seu e ficar.

Foi quando me soltei dele, e segui em direção ao primeiro andar, para encontrar Taylor e ver se tudo tinha terminado. Não saberia dizer como não tropecei nas próprias pernas e rolei escada abaixo. Meu rosto queimava, minha pele implorava por toque, minha respiração quase desregulada e eu tive que me segurar contra o corrimão para que ele não

percebesse que foi como se eu tivesse me esquecido de como se andava, de tão moles que minhas pernas estavam.

Suspirei fundo quando já estava longe o suficiente e com certeza fora de seu campo de visão.

— Maldito! — falei baixo e quis quebrar minha própria cara por me sentir de tal maneira.

Porque era como se ele estivesse jogando e no final, tivesse algum vencedor. E quando se tratava de sentir, por mais que eu tentasse crer que alguém fosse ficar, eu tinha na conta dos dedos da mão, de quem realmente ficaria, e não seria o cara que me humilhou aos dezessete, que eu revi aos vinte e cinco, e que me casei por contrato aos trinta e dois.

Nunca seria ele.



Capítulo 18

“É agri doce pensar sobre os danos que causamos Porque eu estava me afundando, mas eu estava fazendo isso com

você Sim, tudo que quebramos e todos os problemas que criamos Mas eu digo que te odeio com um sorriso no rosto

[Oh, olhe o que nos tornamos”\[23\]](#)

GAEL

Eu sabia que mexia com ela, mesmo que pouco, ainda existia alguma coisa ali. Algo que ela se negava a aceitar, e talvez nunca o fizesse. Mas a tatuagem em K bem entre sua orelha e

que os cabelos escondiam agora, só me recordava que eu não estava ficando maluco. Eu já senti a mesma sensação que ela me traz, uma vez, anos atrás. E agora era quase uma confirmação de que era a mesma pessoa.

Então ela me procurou, era o que ficava repetindo em minha mente.

Por que ela me procurou? Indagava-me internamente.

Por que ela não falava sobre isso? Aquela era a única resposta que eu tinha, já que Talita não falava sobre absolutamente nada comigo. Por que ela falaria sobre ter aparecido em uma das minhas lutas, ter sido minha rival naquela noite e me deixado com o sabor dos seus lábios?

Levei o café à boca, que Oscar tinha me ofertado quando esbarrei como ele na cozinha segundos atrás, e foi quando olhei de relance para alguns quadros espalhados perto da televisão.

Aproximei-me, duvidando da minha própria visão e foi quando de todas as imagens em que tinham quatro homens, notei uma onde uma mulher aparecia. Uma que não era Talita, mas eu a conhecia.

Eu conhecia aquela mulher.

— Guta? — perguntei para o nada, e foi como se as informações se unissem.

Eu a tinha conhecido por acaso, numa cidade próxima dali, em que ela ficava na casa do cunhado – Franco. Agora eu ligava os sobrenomes e por mais que acreditasse que pudesse ser apenas uma coincidência, eram os mesmos Esteves. Ou seja, o homem que vi acabado durante os dois dias que estava ali, praticamente sobrevivendo a álcool e não dormindo, provavelmente era o marido do qual ela se escondia.

Escondia tanto a ela, quanto ao bebê que ela esperava.

Guta foi como um livro aberto nos poucos momentos que tivemos para conversar, em que Verônica me pediu para não a deixar sozinha no centro da outra cidade. E foi quando ela desabafou, dizendo que comigo era um desconhecido, não ligaria se a julgasse. E ela me contou parte da sua história, abraçando-me no meio da rua, como se fosse algo que ela não tinha.

E realmente, pelo pouco que sabia, foi tudo o que Juan Esteves lhe entregou.

— Puta merda, como não relacionei antes? — indaguei sozinho, e disquei o número dela no meu celular.

— Garoto problema. — falou ao atender e eu sorri, porque ela sabia após algumas conversas, do apelido que me chamavam no passado, e acabou pegando. — A que devo a honra da ligação?

— Sua voz está animada — comentei, bebendo um pouco mais de café. — É um dia bom para vocês?

— Estou ansiosa, na verdade — admitiu. — Talvez eu consiga descobrir qual é o sexo do bebê amanhã, e estou quase pirando.

— E eu quero saber assim que descobrir, certo? —

indaguei e ela riu ao fundo. — Preciso te perguntar uma coisa, na verdade.

— O que quiser.

— Podemos nos ver hoje, acho que seria melhor pessoalmente. — o que em minha mente faria mais sentido, porque por mais que pudesse sair pela fazenda e conversar com ela, alguém poderia ouvir ou desconfiar de algo se o nome dela fosse citado. — Estou há alguns quilômetros, mas chegaria no máximo perto do começo da noite.

— Claro que podemos, vai me ajudar a passar o tempo e a ansiedade — falou animada, e eu sorri.

— Ainda na fazenda de Carolina, certo? — indaguei, e ela respondeu um simples “sim”. — Certo, te vejo daqui a pouco.

— Que porra é essa?

Virei-me ao som da voz e foi quando encontrei Flávio paralisado no meio da sala, com Talita e sua expressão fechada ao lado. Por esse motivo eu não queria ter falado por ali, mas infelizmente, não pensei muito ao fazer a ligação de imediato.

Merda!

— O que houve? — fiz-me de cínico, já que eu não mentia.

— Estava falando com quem? — ele perguntou, e pela primeira vez, em todo aquele tempo, vi-o ficar sério.

— Uma amiga — respondi simplesmente.

— Olha aqui, cara, não é porque parece com o meu ator favorito do momento que eu não posso quebrar a sua cara —

falou, dando passos em minha direção e ficando bem próximo. —

Se cogitar em trair Talita, eu juro que não vou pensar duas vezes em tirar esse sorrisinho debochado do seu rosto.

Era aquilo?

Ele achou que eu estava falando com uma amante e não com Guta?

O sorriso que me veio ao rosto foi instantâneo. Ao menos, não tinha estragado tudo para a primeira amiga que eu fiz em tempos.

— Já perguntou a ela sobre como ela deixou no nosso acordo pré-nupcial, de que mesmo casados, ambos podemos fazer o que quisermos com quem quer que seja? — indaguei, e meu olhar parou no dela, que apenas nos observava de longe.

— Tô me lascando para o que ela escreveu num papel, casamento é sagrado. — Revidou. — Então se quiser ficar com outra pessoa, peça o divórcio. É você que precisa dessa merda mesmo, não ela....

— Flávio...

Ela então se aproximou e tocou no seu braço, com tamanha leveza e carinho, que o fez encará-la de imediato. Vi meu sorriso sumir e engoli em seco, o jeito que ela olhava para ele... O jeito que eles pareciam se entender com o olhar... A

maneira que o toque dela era tão certo com ele... Tudo aquilo se embaralhando em minha mente, fazendo-me nem lembrar do que acontecia ali.

— Para de querer lutar pela minha honra — ela falou, puxando-o para longe, e eu fiquei apenas paralisado com a cena.

— Se quiser, pode levar o meu carro. — Jogou as chaves, que apenas por ter um ótimo reflexo, consegui pegar antes de irem para o chão. — Eu vou fazer Flávio parar de me fazer passar essas vergonhas...

— Vergonha é ser infiel! — ele rebateu, e ela riu para ele, mas notei que o sorriso não chegava aos olhos.

Será que lhe incomodava do mesmo jeito que me deixava como se uma pedra pesasse no meu corpo, toda vez que a via tão à vontade ou pensava na possibilidade de que aqueles dois já foram ou ainda eram algo além de amigos?

Será que doía nela, algo que não conseguiria passar com qualquer medicamento que fosse?

— Eu volto à noite — avisei, não sabendo para quem, mas resolvi que o melhor era sair logo.

Fui em direção à cozinha, deixei a xícara de café na pia e fiz uma nota mental de voltar e levá-la. Saí pelas portas do fundo e encontrei Juan sentado do lado de fora, olhando para um colar, e uma dose de algo no copo. Ele apenas apertou a aba do chapéu e dei-lhe um leve aceno.

Eu não conseguia nem resolver a vida amorosa que sequer existia, e estava indo tentar ajudar minha amiga com a dela, que começou exatamente como a minha - num casamento por contrato, só que ela sempre teve sentimentos por ele.

TALITA

— A gente vai! — Flávio falou, puxando-me em direção à caminhonete, quase me jogando sobre seu ombro.

— Não vou! — rebati, e sabia que a visão que Juan e Oscar tinham, era de duas crianças brigando. — Não vou me prestar ao papel de corna, eu nem posso mostrar que ligo!

— Se ele tiver mesmo fazendo isso, você vai pedir o divórcio, sabe disso!

— Não tem por que eu pedir...

— Você não vai ficar quebrando seu coração só para cumprir o que seus pais prometeram! — rebateu, e ele estava realmente sério

Os latidos de Taylor ao meu lado, como se me impulsionando a entrar no carro, me fizeram fechar os olhos com força.

— Eu não quero sofrer por isso novamente, não por ele —

admiti, e senti meus olhos marejarem. — Me sinto estúpida, Flávio!

— Uma estúpida se ficar aí parada e não fizer nada! —

falou, segurando meus ombros. — Se ele te machucar, foda-se, a gente vai pegar os pedacinhos que ele triturou e juntar

os *pózinhos* que restaram... — ri de sua metáfora, e uma lágrima desceu. — Você é a mulher mais assustadora que conheço...

— Tirando a Dove...

— Tirando a Dove. — Fingiu um certo arrepio e focou em mim. — Acha mesmo que o amor é algo com que não pode lidar?

Você sempre pode tudo!

— Como foi que consegui um irmão como você?

Notei então seu olhar mudar e ficar marejado de imediato.

— Antes que vocês comecem a chorar e façam promessas de dedinho, vou dizer que Juan precisa espairer e vamos levar o velho junto!

— Ainda nem sabemos para onde ele foi — Juan comentou alto, ainda sentado em sua cadeira.

— Ele foi no meu carro... — mordi o lábio inferior com força, e os três Esteves riram alto. O que era um momento e tanto, já que o humor deles era completamente diferente. — Não me julguem!

Talvez eu devesse ser julgada por oferecer um carro, o qual eu tinha o rastreio em tempo real e sabia exatamente onde ele estaria. Mas o que eu poderia dizer para me defender? Nada!

— Se ele estiver me traindo, eu vou pôr um ponto final nisso — falei mais para mim mesma do que para concordar com

Flávio. — Talvez seja ótimo que termine antes que eu me afunde de vez.

— Ta, você tá afundada desde quando o viu pela primeira vez... — bateu levemente em meu ombro e me puxou para perto do carro. — Eu acho que vamos nos surpreender.

— Pode parar de ser time Gael por alguns segundos? — empurrei-o levemente, e Oscar riu.

— Time #Tael seria um nome e tanto?

— Por que você não ficou na capital mesmo? — provoquei, e ele se aproximou, apertando minha orelha.

— Porque ele gosta de me infernizar.

A resposta veio de Juan, que adentrou a caminhonete já no banco de trás, e era até estanho vê-lo assim. Ele adorava dirigir e pelo que sabia, desde que Guta partiu, ele não tocou em um volante, já que sequer poderia, pelo tanto que bebia.

Sentei-me ao lado dele, e dei-lhe um sorriso sincero.

Olhei pelo meu celular e ativei a localização em tempo real para acompanhar o meu carro. E deixei-o com Flávio, que se sentou no carona, enquanto Oscar dirigiria.

— Eu quero ouvir...

— Talita escolha! — Juan cortou os dois mais novos, que bufaram alto. — Por favor — continuou e eu assenti, batendo palmas.

— Coloca a minha playlist, Flávio.

— Odeio o fato de você ser a caçula dessa casa, mesmo nem sendo nossa irmã. — Rebateu se fazendo de puto, mas eu via o sorrisinho em seu rosto porque adorava minhas músicas também. — Por qual começo?

— Cachorrinhas!

Foi quando me virei e notei um sorriso quase visível no rosto de Juan.

— Guta gostava dessa música — praticamente sussurrou, o que não seria ouvido pelos irmãos, já que a música começou no volume máximo, e o encarei com pesar.

Era naquilo que um casamento por contrato sem amor resultava? Em dor? E eu temia por mim mesma, em chegar àquele ponto. Por isso, se fosse para doer e rasgar, que fosse

agora. Que eu não me perdesse de mim mesma, em nome de Gael.

Nem por ele. Nem por ninguém.



Capítulo 19

“O que eu faço? Eu não aguento ser tão fraca

Enquanto me forço a cobrir minhas lágrimas

[Eu preciso dar um fim a esse amor](#)[24]

TALITA

— Ta...

Pisquei algumas vezes e abri os olhos por completo.

— O que foi? — indaguei, sem perceber que acabei pegando no sono.

Olhei ao redor e notei que estávamos parados, em uma estrada de terra, à frente de uma grande entrada, e estava escrito FAZENDA JASMINE.

— Tem certeza de que esse rastreio tá certo? — Flávio estava com a cabeça entre os bancos. — Indica que Gael parou num lugar que a gente conhece.

— Como assim?

— De qualquer maneira, não está perdido já que poderemos ver nosso irmão do meio, o Franco.

— O que vocês não têm muito contato, mas deveriam? —

indaguei, e ele assentiu, um pouco envergonhado. — Talvez o GPS tenha dado algum problema e possa ser em algum lugar ao redor.

— Vamos só dar um oi e perguntar se Franco sabe de outras fazendas mais próximas ou se só o centro dessa cidade.

— Por mim, tudo bem.

Tirei o cinto, e desci do carro, encontrando todos já do lado de fora. Caminhei ao lado deles, mas notei a postura rígida com que Juan se encontrava. A cada passo que eu dava, o sono desaparecia um pouco, e era péssimo lembrar que meus sonhos agora tinham se tornado lembranças. Por que eu não poderia ter sonhado com qualquer coisa, menos o homem que eu estava procurando naquele momento?

Foi então que levantei meu olhar e a cena que encontrei fez-me gelar por inteira. Gael sendo abraçado com força por alguém, que quase era levantada do chão por ele. E não era nenhuma de suas irmãs, eu tinha certeza. Foi quando a mulher se afastou um pouco, e o choque foi tamanho quando a reconheci -

Guta Esteves, a esposa sumida de Juan.

— Diacho!

Foi tudo o que ouvi antes de Flávio e Oscar tentarem correr e impedir Juan, mas no segundo seguinte, Gael já tinha levado uma direita perfeita e caído. Meu instinto foi ir até eles de imediato, ignorando a dor que se alastrou pelo meu peito. Nem Flávio ou Oscar conseguiam tirar Juan de cima de Gael, que apenas se protegeu.

Foi então que entrei no meio e dei um quase mata-leão em Juan, que foi perdendo as forças aos poucos.

— Que merda pensa que está fazendo? — Guta quase gritou, no segundo em que soltei Juan e o mesmo puxou o ar com força, e eu me posicionei à frente de Gael, para caso eles pensassem em fazer qualquer outra merda.

Ela se ajoelhou ao lado de Gael, pedindo desculpas e tocando seu rosto, o que me fez sentir como uma sobra perfeita naquele instante.

— Com que direito aparece e soca a cara de um amigo meu? — ela gritou, e vi-a empurrando-o. — Com que merda de direito você tem de aparecer na minha frente? — ela gritou, e parecia a ponto de colocar tudo para fora.

— Sou seu marido, Augusta — ele falou, enquanto eu tentava ao máximo olhar para Gael.

Porque já não sabia o que pensar, e de repente, só nos imaginava na mesma situação.

— Não passa de uma mentira, um casamento de mentira

— ela falou e negou com a cabeça. — Foi o que sempre fomos,

mesmo que eu te amasse. Mesmo eu tendo te amado com tudo de mim. Não tem o direito de nada, a não ser o divórcio.

— Augusta, por favor, vamos...

— E tem mais, nem pense em julgar ou brigar com Franco por ter me recebido aqui e me ajudado. — Apontou o dedo para o peito dele. — Se fizer isso, eu juro que nunca vai ver o seu filho.

— Filho! — a voz de Juan quase não saiu, e todos nós estávamos em choque, mas me virei para encontrar Gael, o único que parecia saber de algo.

Ele tinha a boca cortada e um leve inchado sob os olhos. E

tudo o que queria fazer era tocar e tentar curar aquilo. Vi-o então se levantar, e dar-me um breve olhar, antes de ir até Guta e parar ao seu lado.

— Não pode se estressar assim, sabe disso — ele falou baixo e calmo, e ela o encarou. — Desculpe por isso, eu não tinha ideia de que eles viriam aqui.

— Como me encontraram? — ela se virou para Juan e o encarou. — Sei que Talita, mesmo tendo o recurso que tem, nunca me delataria se soubesse. Então... Como?

— Eu realmente não pedi para te buscarem, nem quando Flávio me pediu... — falei, caminhando até ela.

Ela era a única mulher entre os Esteves por muito tempo, e mesmo que fosse pouco meu contato com ela, sempre foi a pessoa mais doce que tive o prazer de conhecer. E que agora, tinha o olhar do homem que eu nem sabia como lidar.

— Foi uma coincidência — admiti. — Viemos atrás de Gael, não de você. — Senti o olhar dele sobre mim, e me neguei a encará-lo naquele instante. Foquei em Guta e então, na barriga que aparecia relativamente por debaixo de um grande vestido que ela usava, sem marcar de fato. — Sinto muito por isso, sei que não queria ser encontrada.

— Há carmas dos quais não podemos fugir — falou, e me puxou para um abraço, recordando-me de quem ela era - a garota do abraço. Ela fazia isso com todo mundo, e de repente, me indaguei se Gael era mesmo apenas como todo mundo para ela.

— Não vou chamá-los para entrar, porque a casa é de Franco e ele saiu com Jasmine e Carolina — ela falou, afastando-

se levemente. — E eu não vou falar com você, Juan. — Olhou diretamente para o marido. — Outro dia, não hoje.

Vi Oscar e Flávio irem até ela, a abraçarem e conversarem, no exato segundo em que me afastei, e resolvi que o melhor era esperar no carro. Eu já tinha feito demais para aquele dia.

Encostei-me contra a caminhonete de Flávio e esperei, porque de repente, as coisas estavam ainda mais do que descarrilhadas.

— Acho que preciso de uma bolsa de gelo. — Ouvi sua voz já próxima, e levantei meu olhar. Pensei que ele indagaria ou faria alguma piadinha de eu estar ali, mas não. Sua expressão era leve, e com um pouco de dor.

— Vou te levar no centro e compramos algo. Já fizemos muito pela bagunça que os Esteves são, melhor não piorar —

falei, e fiz um sinal para me seguir até o meu carro, com o qual ele veio.

— Aqui. — Ele então me jogou a chave, a qual peguei no ar, e fui para o lado do motorista. — Obrigado, Talita.

Olhei-o sem entender e parei antes de sentar-me no banco e ele fazer o mesmo.

— Por me defender.

Assenti, sem saber o que dizer, e sentei-me no banco, ajeitando-o para o meu tamanho, depois os retrovisores e em seguida o cinto. De repente, estava repetindo o passo a passo da autoescola que eu não terminei há tanto tempo assim, já que era melhor pensar em qualquer coisa, menos no homem machucado e sentado ao meu lado.



Capítulo 20

“Porque depois de todos esses anos

Eu continuo sentindo tudo quando você está por perto E
isso foi apenas um rápido olá

E você teve que ir

E provavelmente você nunca vai saber

[Que você ainda é o único depois de todos esses anos”\[25\]](#)

TALITA

— Aqui — falei, entregando o saco de gelo para Gael, enquanto estávamos estacionados no mercado. Uma mensagem de Flávio me disse que eles já estavam voltando para casa, e se deveria me esperar.

Sabia que era um momento tenso na família dele, e que eu já tinha ajudado muito atrapalhando tudo, principalmente na relação de Juan e Guta. Respondi-lhe que ia ficar na pousada da cidade e que pegaria a estrada de dia, que era realmente o horário que eu conseguia dirigir.

Respirei fundo e fechei a porta, aproveitando para mexer no som e deixar outra playlist minha aleatória tocar.

A sorte era que quando a música começou era como um dedo na ferida. Por que diabos eu tinha que estar viciada em Camila Cabello naquele exato segundo?

“Seu cabelo cresceu um pouco mais

Seus braços parecem um pouco mais fortes

Seus olhos estão exatamente como eu lembrava Seu sorriso está um pouco mais suave

*E eu, eu nunca me preparei para um momento como esse
Sim, de repente tudo voltou, tudo voltou”*

Assim que levei a mão ao painel novamente, senti seus dedos contra os meus, como se ele tivesse pensado o mesmo, e precisasse parar. Nós nos afastamos e trocamos um olhar tão honesto, que me assustei com a profundidade que encontrei no castanho do seu.

— Não gosta dessa música? — perguntei, sem conseguir me conter, e tentando sair com o carro e deixar o silêncio nos engolir pelo caminho de volta.

— Não tem medo de dirigir? — perguntou, fazendo-me encará-lo de imediato. — Digo porque...

— Porque pesquisou a minha vida, assim como eu pesquisei a sua — complementei, e suspirei fundo. — Eu tenho vencido esse medo, aos poucos. Principalmente no interior, já que o meu medo maior é o trânsito caótico de cidades.

De repente, eu não sabia por que estava me explicando.

E como ele apenas ignorou minha pergunta, vi-me deixando a música e tentando fazer o mesmo que ele, só que desconsiderando a letra e sua presença. Quando essa terminou e outra começou, parecia o dia da tortura de Talita Kang dentro de um carro por conta de músicas. Dove com certeza ria da minha cara naquele momento.

*“Eu consigo ver que você está com medo de suas emoções
Eu consigo ver que está esperando que não esteja sem esperanças*

Então, por que você não pode me mostrar isso?

Por que você não pode me mostrar isso?”

— Sabe... — sua voz soou de repente, quando chegamos próximos à pousada dali que eu conhecia, e que ficava só um pouco afastada do centro. — Eu posso dirigir, se quiser.

— Com apenas um olho, eu dispenso — falei, estacionando e notei seu olhar surpreso sobre mim. — Vamos passar a noite aqui, e voltamos de manhã. — Ele abriu a boca

para dizer algo, mas não lhe dei tempo. — Não consigo dirigir à noite, ainda... e não vai dirigir com um olho praticamente sumindo.

— Tudo bem, minha senhora.

Olhei-o de relance, para procurar o deboche em sua fala, mas ele parecia apenas uma bagunça com um saco de gelo no rosto. Desci do carro e vi-o fazer o mesmo em seguida. Caminhei até a recepção e pedi dois quartos, já precisando de um banho para tentar tirar aquela tensão toda que recaía sobre mim. Gael que tinha levado um soco na cara, e eu que parecia estar perto de perder a cabeça.

— Nós só temos um quarto, tudo bem? — indagou e eu mordeu o lábio inferior com força, tentando extravasar minha frustração. Eu só queria ficar sozinha, talvez um cigarro e gritar o mais alto possível. Odiava me sentir sufocada daquela maneira, como se não soubesse lidar comigo mesma. E eu não sabia.

Porque era uma vida sendo o mais clara possível, para viver fingindo à frente de Gael, o que em poucos dias, me enlouquecia.

Ele não mentia. E ele parecia realmente não o fazer.

Eu não fingia. Mas por ele, eu estava fazendo tal coisa.

— Sem problemas — falei, subindo o que restava da minha armadura, e ela me passou a chave, assim já deixei paga a noite e a manhã, caso fosse necessário, o que eu duvidava.

Cinco da manhã e eu estaria de pé para sair dali. O raiar do sol era minha esperança.

Gael apenas permaneceu em silêncio, enquanto me seguia pelo corredor e eu buscava o número 13. Assim que abri a porta, notei a grande cama de casal, e quase bufei. Não poderiam ser aquelas camas de solteiros que se juntam para ficar assim? Até que poderiam, mas se eu o fizesse, ele com certeza notaria o quanto me afetava. Notar ainda mais? Minha mente estava me julgando, como sempre.

— Vou tomar um banho rápido e já pode ir se limpar —

falei, deixando meu celular sobre uma pequena cômoda. —

Depois vou à farmácia comprar algo para fazer um curativo nessa boca, e limpar isso corretamente.

— Talita...

Não Kang. Não a merda do meu sobrenome. Por que ele fazia isso?

— Sim — falei, e o encarei profundamente.

— Não precisa de nada disso, já levei surras de verdade e me recuperei...

— Não está mais sozinho. — Minha boca estava sendo mais rápida que meu cérebro e quase me dei um chute. Já que eu estava à flor da pele e não conseguia mais evitar. — Apenas deita aí e fica quieto, ok?

Entrei no banheiro e fui direto ligar o chuveiro, buscando no barulho dele, o que eu precisava pra respirar fundo algumas vezes, e bati levemente contra minha testa.

— Burra — sussurrei, odiando o fato de que ter causado tudo aquilo, me deixava tão à mostra assim.

Eu tinha agido como uma esposa machucada, indo procurar o marido infiel, como se me importasse. E o pior de tudo era que eu me importava. Não era um jogo. Não era apenas uma brincadeira. E agora, Gael sabia daquilo. Porque ele poderia ser muitas coisas, mas não era burro. Nem de longe.

Na verdade, era eu quem me sentia burra naquele instante.

Burra por não ter noção do quanto ele mexia comigo, e o quanto

eu estava destinada a não entrar naquele casamento com ele, mesmo que fosse meu dever. Eu não deveria estar ali, não mesmo.

GAEL

Eu a via pisando em ovos, o que me deixava completamente desconcertado. Ter novamente a versão frágil de Talita Kang, não era algo que eu sabia lidar por completo, porquê da última vez que a vi assim, eu a tinha machucado. Eu estaria fazendo novamente?

A questão era que eu a conhecia, um pouco, e duvidava que ela gostaria de falar sobre o que houve. Não agora. Não daquela maneira.

Por aquilo, eu tinha procurado ver se a cama de casal não era na verdade, a junção de duas de solteiro, e o era. Fiz o favor que ela se negaria, com certeza de deixar claro que eu a afetava, e afastei as camas, colocando cobertores diferentes em cada uma.

— Eu vi que tinha uma arma no carro — falei, e seu olhar parou no meu, logo depois de analisar o quarto. — Algo sobre ser uma Kang? — continuei, tentando focar em qualquer coisa que não fosse a clara falta de sinceridade entre nós dois, mesmo que nossos corpos, olhares e bocas gritassem.

— Sempre há uma arma aonde eu vou. — Deu de ombros.

— Tem seguranças lá fora agora, e com certeza, vão me mandar mensagem em breve, me checando — comentou, como se fosse simples assim. — Eles poderiam me levar daqui até a fazenda, mas depois de tanto tempo sendo protegida, quando fiz vinte e cinco, resolvi que mesmo tendo isso porque é necessário, eu teria o controle. Sem depender da segurança ou não.

— Sempre me perguntei o que os Kang são, para ser honesto. — Ela se sentou na cama, então já separada, ao

meu lado.

— Chegou à máfia ou clã?

— Acho que a primeira opção — respondi e esperei sua explicação.

— Bom, é algo que nunca saberá. — Deu de ombros. —
Só um Kang sabe o que ele é, e é individual, de cada um.

Verônica não é como eu, por exemplo.

— Verô Noona é completamente diferente de você —

comentei, sorrindo e notei sua expressão se modificar, mas não consegui entender o se passava ali. Mesmo que eu desvendasse um pouco dela, ainda era tão pouco, que eu ficava sem saber o que fazer. Ela era a única, como naquela noite, que conseguiu me deixar assim.

— Vou à farmácia — falou de repente, jogando a toalha sobre a cama, e indo até a cômoda, pegou o celular, e sem sequer dar um aceno, saiu do quarto.

E lá estávamos nós, dando voltas e voltas. Mas tinha algo naquela história que sempre se repetia, nós sempre voltávamos um para o outro, não era?

Algo dentro de mim gritava que tinha que ser.



Capítulo 21

“Ah, eu estou com medo de olhar nos seus olhos E poder ver sua alma

Eu sei que o amor é o lugar mais solitário

[Quando você se apaixona sozinho](#)[26]

GAEL

Eu repassava em minha mente se eu deveria estar ali ou apenas focado em recuperar a empresa da minha família. A

questão era que tudo se encaminhou justamente porque Talita me apareceu com aquela proposta. Assim que voltasse, e tivesse a reunião com os acionistas, eu já poderia ser o novo CEO. Uma parte daquilo me deixava exultante, assim como, sabia que era uma nova vida que eu começava. Uma vida gerindo a empresa pela qual minha mãe tanto lutou, e eu fiquei tantos anos longe de quem amava, e que apenas agora retornava.

Todos aqueles pensamentos em minha mente, enquanto Talita estava de costas, talvez já dormindo em com seus

fone de ouvido. Ela apenas deixou a sacola do que comprou na farmácia à beira da minha cama, e foi para a sua. Disse que acordaríamos cedo e boa noite.

Mais nada.

E eu fiquei ali, apenas a olhando de longe, como eu fiz, por tanto tempo. Era sempre difícil e quase impossível ter alguma informação sobre ela, o máximo que consegui foram as fotos em suas redes sociais e de alguns eventos, mais nada. Os Kang tinham uma rede de proteção muito bem definida, e nem mesmo Lauro conseguia acessá-la. O que me remetia a não conseguir também.

Eu a procurei como pude naqueles anos, e nunca imaginei que fosse além da culpa que sentia, que talvez tivesse um motivo muito maior do que ser um babaca, porque machucá-la, machucou a mim mesmo.

Ela me procurou e me encontrou, mas sequer fez questão de se apresentar ou ser algo mais que um beijo naquela noite. E

até aquele momento, se eu não desconfiasse pela forma que ela me atraía, e me lembrasse da tatuagem perto da orelha que aquela lutadora tinha, jamais conseguiria unir as peças.

Era ela.

Era ela naquela noite.

E ela sabia muito bem que era eu. Por que, Talita? Por que você me procurou? Por que eu te procurava? Por que estava me matando por dentro imaginar que ela desconfiava de mim, a ponto de seguir o carro que me emprestou?

Tantas perguntas para nenhuma resposta, e eu fiquei ali, olhando para o teto, esperando que o sono me atingisse. Meu celular vibrou, e vi que eram fotos no grupo do WhatsApp que Valéria criou para todos os nossos irmãos. Eram fotos de Paola em Paris, Henrique jogando videogame, provavelmente em seu

apartamento na capital e Valéria com Vitor, deitados assistindo algum dorama.

Não pude evitar de tirar uma selfie e enviar no grupo, e desliguei a internet em seguida. Deixar para que eles teorizassem e surtassem um pouco pela realidade do irmão mais velho. No fundo, eu gostava de ser o problema deles, ao menos, se fosse algo simples assim.

Ouvi então um barulho ao lado, e Talita se levantou, indo até o banheiro e eu me sentei na cama, como que a esperando.

Assim que ela saiu, poucos minutos depois, notei-a tirar os fones de ouvido sem fio e deixá-los sobre a cômoda, assim como o celular em suas mãos.

— Sem sono? — perguntei, e seu olhar finalmente parou no meu.

— Pelo jeito sim... — foi evasiva e sentou-se na sua cama, apertando as mãos contra o edredom bagunçado.

— Não tem nada para se fazer na cidade uma hora dessas?
— indaguei, e seu olhar parou no meu.

— O que está sugerindo?

— Talvez eu queira uma bebida após levar um soco no olho por nada? — ela então indicou o frigobar, como se fosse

óbvia a resposta. — Não sozinho, Kang.

— Somos diferentes, sempre gostei de beber sozinha — admitiu, e deu de ombros.

— Alguém me disse que não estou mais sozinho — falei, e notei-a suspirar profundamente. — Desculpe, isso foi demais.

— Será que dá para parar de ser tão legal? — indagou de repente, e seu olhar parou no meu. — Será que dá para parar de tentar ser o cara bonzinho?

— Talita...

— Não é cara bonzinho, Gael. — Revidou, e vi seu olhar marejado. — Não o Gael que eu conheço, que debochava de tudo e de todos em festas, até que chegou o meu momento de ser o foco e não rir disso. — Desviou o olhar e então se levantou. — Eu pensei que podia fazer isso e que eu não sentiria mais nada, mas a verdade é que... — ela então parou, assim que me levantei também. — A verdade é que você é intoxicante e eu tentei te odiar, tanto... tentei provar a mim mesma que não era nada, e que era apenas uma jovem iludida sobre se casar como os pais

queriam com o cara perfeito, e que um dia foi perfeito comigo.

Então, apenas pare com isso!

Ela então me deu as costas e ia sair, mas não poderia deixá-la sair. Não assim.

— Assim como parou naquela noite?

Ela travou no lugar e então seu olhar veio para o meu.

— Assim como... — dei alguns passos para perto, ficando tão próximo quanto tudo em nós gritava. — Assim como quando me beijou e foi embora, há seis anos?

— Não sei do que está falando...

— Sabe. — Levei então meu dedo bem próximo à sua orelha, sem tocá-la, mas indicando o K tatuado ali. — Eu sei o que a mulher que chutou a minha bunda naquela noite me fez sentir, e senti o mesmo quando te vi... — notei sua respiração mudar um pouco. — Eu sei que era você.

TALITA

— Gael...

— Por que não me disse que era você? — indagou, e notei a forma como se segurava para não me tocar. Parecia fazer o mesmo que eu para não levar meu próprio corpo para perto do seu.

— Porque eu só queria colocar uma pedra em tudo —

admiti, sem conseguir esconder mais. — Eu pensei que quando te visse, perceberia o quanto eu fantasiei errado sobre gostar de você.

— E então...

— Eu estava errada, porque quando vi que não me reconheceu, pelas roupas e peruca... — suspirei fundo, rindo da minha própria ousadia em me produzir para me esconder. Talvez eu acreditasse que a vida fosse como as novelas que eu adorava.

— Eu quis você e culpei a adrenalina da luta, e quando vi que estava indo longe demais, eu...

— Fugiu. — Sua voz foi como um sussurro. — Mas não fugiu quando nos vimos dessa vez.

— Do que me adiantaria? — dei de ombros. — Tem coisas que são como carma, elas voltam, seja por bem ou por mal. Então eu só quis enfrentar o que tinha que ser.

— Por que me trata como uma obrigação? — indagou, e eu sabia que ele não tinha ideia do porquê eu entrei naquilo. — Por que me ajudou, depois de tudo... depois de fugir?

— Eu tinha um dever, assim como você — falei, mesmo que fosse apenas parte da verdade, ou a qual eu me convencia de ser a única realidade. — Porque meus pais me pediram para cuidar para que o menino de Somni tivesse a chance de não ter a vida que o sobrenome lhe exigiria — admiti, e notei a surpresa em seu olhar, assim como sua mão caiu, e então ele deu dois passos atrás.

— Seus pais...

— Eles te adoravam, quando éramos crianças, e sabiam que Somni ou você, precisariam de apoio, em algum momento...

Só sei que na última carta deles, que era a forma que a gente mais amava se falar, eles me pediram para cuidar do menino de Somni. — Uma lágrima desceu, porque era sempre difícil falar sobre eles. Nunca era apenas uma simples conversa, não quando eles vinham à tona.

— Por isso aceitou a proposta de Hellen, quando ficou mais velha? — perguntou, como se ferido e eu neguei e assenti em seguida.

— Eu gostava de você. — Sorri sem vontade. — Eu gostava e pensei que meus pais tinham previsto meu futuro, além de que... — revirei os olhos de mim mesma. — Você era meu Oppa favorito, meu melhor amigo de infância com quem eu perdi o contato, e a lembrança de uma das épocas mais felizes da minha vida. Era isso que queria ouvir? — indaguei por fim, limpando as lágrimas que desceram. — É o suficiente para não falarmos mais sobre isso?

— Não estou te atacando, Talita.

— Sempre parece um ataque. — Revidei, e levei as mãos ao rosto. — É como uma provocação ambulante à minha frente, como se eu fosse perder a cabeça — admiti, e seu olhar parou no meu. — Dei um leve tapa na minha testa, como sempre fazia quando me sentia perdida ou brava comigo mesma, e estavam os dois.

— E acha que não é pra mim? — sua pergunta me pegou de surpresa, assim como sua atitude a seguir. — Acha que isso é normal? — então sua mão tomou a minha, puxando-a

diretamente para o seu peito coberto por uma camiseta preta fina.

Ele a espalmou sobre seu coração e o senti acelerado ao máximo. — Acha mesmo que isso a gente encontra em qualquer bar?

— Eu acho que vou precisar dividir aquela bebida — falei, e engoli em seco, puxando minha mão do seu peito, e respirando fundo. — Tem uma única conveniência 24 horas na cidade, que fica no posto de gasolina mais longe. Podemos comprar uma garrafa de algo bom lá.

— Não fuja, por favor. — Sua voz soou como um implorar e era como se percebesse que ele estava se segurando para

não desabar ou desabafar também.

— Estou fazendo a loucura de fugir com você — admiti, e então, fiz um sinal com a cabeça para me seguir. — Só por essa noite, vamos esquecer que somos essa bagunça toda.

Ele assentiu, e vi um sorriso que não se refletiu no seu olhar, quando rapidamente se sentou para colocar os tênis, enquanto eu calçava o chinelo que usei praticamente o dia todo.

Peguei meu celular e segui para fora do quarto, sentindo que ele me acompanhava com o olhar.

E foi como se eu sentisse que ele me acompanharia pelo resto da vida, como me senti no exato segundo que lhe dei as costas naquela noite, há seis anos.



Capítulo 22

“Eu quero ser um bom menino

Eu quero ser um gângster

Pois você pode ser a Bela

[E eu posso ser a Fera”\[27\]](#)

SEIS ANOS ANTES

GAEL

Eu tinha vencido naquele movimento, mesmo que não precisasse de toda força que tinha para imobilizá-la. Ela era uma concorrente à altura, isso eu tinha que admitir. Ela era rápida e certa, e não compreendi como consegui imobilizá-la em um movimento tão simples. Talvez a sua guarda baixa fosse o problema, por alguns segundos, que foram suficientes para que eu a deixasse bem ali, contra o chão, e esperando que desistisse.

Porém, o que eu não esperava, foi o sorriso que surgiu em seu rosto, coberto por uma maquiagem pesada e escondido debaixo dos cabelos na cor vermelha. Assim que vi seu sorriso, talvez tenha passado um milésimo, e eu estava no chão, com todo meu corpo imobilizado e praticamente sendo massacrado pela dor. Um golpe que eu não esperava, e acreditava que ninguém. Ela se permitiu ser imobilizada, para dar um golpe matador e me imobilizar.

Foram longos minutos tentando alguma estratégia de sair dali, mas era em vão. Eu sabia, pela forma que ela me prendia e tinha aplicado o golpe perfeitamente, não existia chance de eu me libertar. Nem com a força bruta. Nem com toda a técnica que aplicasse. Mas eu não iria desistir, não por mim. Mas o tempo decidiu, enquanto o apresentador gritava e o pessoal ia à loucura

do lado de fora das grades que nos prendiam. As lutas ilegais sempre aconteciam em lugares improváveis.

E ali estava eu, finalmente solto, após perder, com o presente de um olho inchado pela direita que ela me

acertou e o sorriso dela que não saía da minha mente. Eu já tinha lutado com mulheres antes, mas algo sobre ela, me instigava.

— Boa luta, cara. — Sua voz era meio rouca, e notei que ela realmente não era daqui. Já que quando se perdia, geralmente recebia-se uma gargalhada na cara e muito deboche, além de que aquele cumprimento era improvável.

— Boa luta — sussurrei pra ela, que era anunciada como vencedora, e fui direto para os chuveiros. Pelo menos, naquela noite existia algum lugar para me limpar antes de ir embora.

Tomei um banho rápido e peguei minhas coisas, para ir diretamente até o bar mais próximo, tomar uma cerveja e depois caminhar até em casa. Casa... era tão estranho usar aquela palavra. Não tinha uma desde quando resolvi que encontraria o real testamento da minha mãe, para um dia poder voltar e ter o nosso lar de volta, fosse onde fosse. Mas que fôssemos eu, Valéria, Henrique e Paola.

— O olho está ok?

A voz rouca me pegou de surpresa, após eu levar um pouco da cerveja à boca. A ruiva que agora tinha os cabelos um pouco molhados, mas a maquiagem pesada voltou totalmente, vestida toda de preto, encarando-me como se fosse um desafio.

— Já esteve pior, acredite — ela assentiu, sentando-se na banquetta ao meu lado, e fazendo-me sair das próprias indagações. — Se mudou pra cá?

— Não, só vim curtir a noite e logo volto pra casa —

comentou, ao pedir uma dose de uísque. — E você?

— Tenho ainda mais lutas por aqui, talvez se um dia voltar, posso chutar sua bunda como fez com a minha — brinquei e ela deu um meio sorriso, que me lembrou tanto alguém que me fez quase estacar.

Procurei as covinhas escondidas que tanto eram marcantes em Talita, mas nada estava ali, porque a mulher à minha frente não sorria por completo. Mesmo assim, eu não deveria estar comparando-a à minha ex- melhor amiga, a mulher que eu magoei e que agora, era como uma desconhecida para mim. Por que eu sempre dava voltas e pensava sobre ela?

— Quem sabe um dia. — Deu de ombros, e sua dose chegou, a qual começou a tomar. — Fazia um tempo que não tinha uma luta de verdade...

— Em que sentido?

— De que o cara não vai pegar leve só porque sou mulher

— falou, e notei seu olhar parar exatamente na minha boca, em que estava a garrafa de cerveja. Uma eletricidade percorreu cada poro meu, e pensei que deveria ser a oportunidade perfeita para não ficar pensando na pessoa que se foi e nunca mais seria minha. Mas ali estava eu me *recordando* dela novamente. — Vai achar maluquice se eu te beijar? — perguntou, e aproximou nossos rostos, a ponto de que sua respiração chegou à minha.

Levei uma das mãos até o seu cabelo que caiu sobre o rosto e coloquei-o atrás da orelha direita, notando uma pequena tatuagem com a letra K.

— Vou achar maluquice se não o fizer — admiti, e ela deu outra vez um meio sorriso, encostando nossos narizes, e me

fazendo sentir o cheiro de banho recém-tomado com o que pareciam rosas.

Notei a forma como mordeu o próprio lábio inferior, encarando-me, como se testando cada movimento, e não pude me segurar. Levei minha língua até seus lábios maltratados, e um quase gemido saiu de sua boca, como se ela estivesse tão entregue quanto eu.

— Se quiser maltratá-los, eu o faço para você. — Puxei então seu lábio inferior com os dentes, de forma leve, mas que foi o suficiente para sua boca vir diretamente para mim.

Suas mãos se agarraram ao meu peito, os dentes se fincando ali, enquanto uma das minhas foi para sua nuca e a outra para sua cintura, tentando trazê-la para ainda mais perto, quase como se sentando sobre meu colo naquela banqueta.

Sua língua na minha, e tudo o que pensava era no quanto aquele gosto era bom, o quanto ela se encaixava tão bem em mim, que quando se sentou por completo sobre meu colo, soltando um leve gemido em minha boca, ao sentir o quanto ela me deixava pronto para si, eu só conseguia imaginar como seria se eu pudesse apenas arrancar suas roupas e fodê-la ali mesmo.

Eu já senti atração antes, mas aquele nível de tesão e intimidade, estava além de qualquer caso que tive ao recorrer dos anos. Era puro fogo derretido em minhas mãos, como se

precisasse que suas unhas me castigassem sobre a camisa, e ela o fez, como se entendesse o que se passava em minha mente.

Era como se eu soubesse que ela precisava que eu mordesse cada parte da sua boca, antes de puxar os fios da sua nuca e fazê-la me beijar novamente, para tomar cada gemido que eu tirei.

— Senhores!

O quase grito me fez parar de beijá-la, ofegante e quase fora de órbita. Foi quando encarei um dos atendentes do bar, que me lembrei que na realidade, estávamos em um, que até não poderia ter muita gente, mas com certeza, não queria ninguém fodendo sobre o balcão.

Para o meu azar, a mulher que até agora eu não sabia o nome, já que K com certeza era um apelido apenas para a luta, se afastou. Ela saiu do meu colo, ficou de pé, e notei a bagunça que deixei em seu rosto e postura. Eu queria mais daquilo.

— Tenho que ir — falou simplesmente, deixando-me ainda mais surpreso. — Foi um bom beijo, GP — chamou-me pelo apelido que eu usava e modificava a cada luta, mas as pessoas que acompanhavam o mundo das lutas ilegais, mesmo quando eu modificava o nome, sabiam que era eu.

— Qual o seu nome? — indaguei, levando minha mão à sua, e me segurando para não a trazer para perto.

— Não é importante — falou simplesmente. — Até nunca mais.

Afastou minha mão da sua e apenas me deu as coisas, como se fosse simples assim. Senti um peso se instalar no fundo do estômago, e não consegui explicar a falta que aquilo me causou. Parecia o mesmo de quando tive que deixar Talita para trás, e não a envolver na zona que era minha família e a culpa me acompanhava até hoje. Pela

forma nada amorosa que o fiz pra com ela. E ali estava eu, pensando na mulher que não devia, enquanto a única que me fez sentir algo novamente, apenas me deixava.

Talvez fosse o carma rindo da minha cara.

Talvez eu não merecesse nem um boa noite de foda com alguém que parecia perfeito para o meu corpo, e sim, passar a noite bebendo um pouco de cerveja e ainda me culpando por nunca ter tido um adeus digno com Talita Kang.



Capítulo 23

“E minha, minha mente fez

Tanto barulho por tanto tempo e isso acabou

Porque quando você me beija, é silencioso

[Oh, é silencioso”\[28\]](#)

TALITA

— Flávio e eu viemos aqui, às vezes — falei, pegando a garrafa de vinho tinto suave e levando à boca, bebendo um longo gole.

Nós estávamos em uma parte cheia de árvores frutíferas, um pouco mais longe do posto de gasolina, mas ainda na mesma rua em que ficava a estrada para voltar à cidade. Ali era como um lugar confortável para ficar e ver o céu quando mais próximo da beira daquele morro, ou como estávamos, sentados debaixo das árvores, apenas aproveitando a pouca iluminação que vinha dos faróis do carro.

— Flávio e você são como melhores amigos? — indagou, e eu assenti, passando-lhe a garrafa.

— Eu o conheci na noite em que você foi um babaca. —

falei, e notei-o engolir em seco. — Flávio teve o mesmo azar que eu, e a mesma ideia naquela noite. Acabamos nos encontrando em um bar, mentindo nossas idades e bebendo mais tequila do que qualquer um deveria. Fizemos caminhos a pé, que nem mesmo os seguranças dos Kang conseguiram nos achar. Quando cheguei em casa com ele, já era de manhã e estávamos acabados, e tinha toda minha família na porta. Como ninguém me encontrava, Vincenzo Oppa veio com a tropa, ele mesmo foi nos procurar, mas quando chegou, eu estava chegando em casa... —

aceitei a garrafa de volta e bebi mais um pouco. — Foi meio traumatizante para Flávio no começo, entender que minha família

o estudou e acompanhou por completo por meses, até que a gente pudesse se ver de novo. Foi frustrante para mim, mesmo que soubesse que era necessário... E então, a gente nunca mais se separou.

— Eles não devem ter ficados felizes com o casamento —

falou, e eu assenti de imediato. — Não tentaram te impedir?

— A gente se respeita, mesmo nas decisões com as quais não concordamos — expliquei, e passei-lhe a garrafa. — E Guta?

Como foi que isso aconteceu?

— Culpa dos Reis — respondeu, olhando para a garrafa.

— Eu estava tendo um tempo com tin tin, aqui no interior, e daí os Reis estavam em peso, já que ela iria ter o bebê. E foi quando Guta apareceu, pedindo ajuda na casa de Franco Esteves, que nem era o marido de Carolina Reis... ainda. Meio que foi tudo se agregando, e num dia, Verô Noona pediu para que eu acompanhasse Guta, enquanto ela resolvia um problema sobre contrato de casamento. — Eu o vi levar a garrafa à boca e dar um longo gole. — Guta então meio que desabafou, usando-me como o ouvinte descomedido que acreditava que ela precisava na hora.

Ela me pareceu uma pessoa genuinamente boa...

— Ela é, até demais para quem não merece —

complementei, lembrando-me de Juan. — E então?

— Trocamos números e conversamos, às vezes por telefone, e eu a via quando vinha visitar tin tin aqui, mas agora ela se mudou para a capital... Então quando vi a foto dela na sala de estar, eu liguei perguntando se podíamos nos ver. Tentei ser um conciliador, contando para ela sobre o quanto o homem que jurava não sentir nada por ela, estava praticamente desaparecendo. — Olhei-o surpresa. — E bom, quando ela foi me abraçar para agradecer pela preocupação

com ela, e com o bebê... Você sabe. — Indicou o olho roxo, e eu assenti, vendo-o deixar a garrafa de vinho em pé sobre o mato. — Achou mesmo que eu estava saindo para te trair?

— Acho que eu me preocupei e pensei demais quando fiz isso — admiti, tentando pegar a garrafa que estava em suas mãos, mas ele a segurou. — O quê?

— Tem certeza de que é de vinho ou qualquer outra bebida que precisamos?

— O que quer dizer? — indaguei, sentindo o calor de seus dedos nos meus, enquanto tentava pegar a garrafa.

— Que a gente não precisa mentir um pro outro, Talita —

falou, e se virou mais um pouco, dando-me a visão que podia pela pouca luz que o acertava. Mesmo assim, eu o achava lindo.

Apesar do olho machucado e o semblante para baixo - ele era a porra de um sonho, só que real, à minha frente. — Que eu sempre pensei em você, mesmo antes de tudo ir por água abaixo.

Eu sentia falta da minha melhor amiga, e me perguntava como seria, se você não tivesse ido morar fora e nem tudo de ruim tivesse acontecido. E quando voltou e me chamava de Oppa como se eu fosse o mesmo, e você fosse a mesma, mesmo que ambos estivéssemos quebrados, eu sempre ficava feliz em te ver.

E quando percebi o que Hellen fez sobre nós dois, eu sabia que não poderia. Não conseguiria colocar a garota que eu tanto admirava e que me fazia bem, no meio do inferno que eram os casamentos por contrato dos Fontes, apenas como

um objeto para eu comprar e depois expor... Eu não queria que fosse assim.

Então, não há explicação para a minha reação exacerbada, mas eu não ia te condenar àquilo, ainda mais alguém com quem eu realmente me importava.

— Poderia só ter virado as costas e saído...

— Você não desistiria, eu te conheço — falou, e me surpreendeu. — Se eu não fizesse o meu pior para te afastar, você ia tentar conversar, entender o que houve e acabar prologando isso.

— Eu sou determinada, o que eu posso dizer? —

finalmente ele soltou a garrafa e a trouxe para os meus lábios, dando um longo gole. — Mas o bom é que sabe o quão babca foi e se arrependeu, tanto que está tentando falar sobre isso desde que nos revimos.

— Eu sinto muito.

Três palavras que eu não queria, porque nunca quis a pena dele, mas mesmo assim, encheram meu coração. Porque cada uma delas soou como uma oração e um implorar, por algo que estava errado e mesmo que ele justificasse e tentasse arrumar, não tinha como. Já era passado. Já tinha sido uma realidade.

— Eu sinto muito por não ter encerrado a história de casamento de uma forma melhor.

— Foi horrível ter caído naquele bolo... — admiti, e fiz uma careta, vendo seu olhar ficar todo preocupado. — O bolo tinha um sabor terrível, sério?

— Talita... — ele mudou sua expressão, como se incrédulo.

— Não é uma piada sobre isso.

— Às vezes é bom rir das cagadas que cometemos —

falei, dando-lhe a garrafa. — Tipo agora, pensando que nos casamos e em poucos dias estamos parecendo ter a dr do século.

— Então isso é um relacionamento? — olhei-o com uma cara de interrogação — Para ter uma dr, então quer dizer que temos um...

— Por favor, volte quatro casas e não avance até o próximo jogador. — Pisquei um olho, usando uma metáfora com jogo imobiliário e ele me encarou com um sorriso. — A gente não tem chance de dar certo, Gael. É tipo tentar juntar o impossível com o improvável.

— Por quê? — indagou, largando a garrafa ao seu lado e encostando seu ombro no meu, sentando-se ao meu lado contra a árvore. — Por que não pode nos dar uma chance, Talita?

— É isso que quer? — perguntei, virando meu olhar e encontrando o seu. — São apenas mais trezentos e poucos dias, que na maioria eu vou passar viajando ou trabalhando, e você o mesmo... Por que transformar isso em algo real?

— Quando isso não foi real? — rebateu, e sua mão parou ao lado do meu rosto, querendo me tocar, mas como se esperasse a permissão. — Quando a gente não sentiu nada um pelo outro?

Foi então, que como se eu estivesse perto de fazer um experimento, levei minhas mãos ao seu rosto e o segurei

com delicadeza. Ele fechou os olhos, e meu coração errou uma batida.

O sentimento de posse e paixão se alastrando por cada canto escondido de mim mesma. Mas ao mesmo tempo, aquilo me assustou. Por que eu não podia simplesmente não sentir nada?

Fingir que aquilo não significava nada?

— Ultrapasse a linha — falei, lembrando-me do que ele mesmo me pediu antes. Seus olhos se abriram, o direito, o máximo que podia, como se lutando contra a cor. — Só por hoje, ultrapasse ela.

Ele assentiu, sua mão finalmente tocando meu rosto, e foi como se cada parte de mim agradecesse por tê-lo bem ali. E

como seria senti-lo ainda mais?

— Seria maluquice se eu te beijasse agora? — indagou, como eu fiz no passado, mostrando que aquele momento ficou tão vivo nele, quanto ficou em mim. Mesmo que ele não soubesse

que era eu, eu o marquei. O quanto aquilo poderia significar algo mais? — Seria maluquice dizer que nunca esqueci aquele beijo e que procurei um sorriso completo só para ver se não tinha as quatro covinhas escondidas que eu tanto admirava?

— Gael...

— Procurei você em você mesma... — suspirou profundamente, e encostou nossos narizes. — Posso não ter a chance de me querer como seu, de forma espontânea.

Mas eu não vou viver um dia sem tentar conquistá-la para que queira que seu lugar seja meu chamando de seu.

Antes que eu pudesse dizer algo, sua boca veio pra minha.

Um beijo leve, de quase reconhecimento. Minhas mãos se prenderam no seu ombro, e senti-me sendo puxada para o seu colo, no lugar que eu poderia implorar para estar. Sua boca desenhando a minha como o reencontro que talvez nós dois esperássemos. Nada naquela história de nós dois fazia sentido, mas eu percebi uma coisa, ao me afastar pela falta de ar e seus olhos castanhos serem um reflexo dos meus, que ainda era a nossa história.

Nunca deixou de ser.



Capítulo 24

“Não fale

Não, não tente

Tem sido um segredo por tempo demais

Não corra

Não, não se esconda

[Você tem fugido disso por tempo demais”\[29\]](#)

GAEL

— Um passo para a frente... — sua voz soou baixa contra minha boca. — Podemos não dar três para trás? — era como um sussurro, como se ela indagasse a si mesma.

— Acho que é bem claro que quero você — falei, ela ainda em meu colo, sentindo-me por inteiro sob si. — Mas eu não quero partes de você, com medo ou receio... Quero que me queira por inteiro — admiti, e seu olhar finalmente encontrou o meu.

— Se a Talita de alguns dias atrás me dissesse que estaria aqui, te beijando no meio do nada, eu com toda certeza diria que ela perdeu a cabeça.

— Não tem como gostar de um problema, se não perder um parafuso. — Provoquei e ela bateu contra meu ombro, um leve sorriso se abrindo no rosto, quase do meu jeito favorito.
—

Senti falta disso. — Toquei levemente seus lábios. — Não tinha ideia do quanto, até te ter de novo na minha vida e não ver esse sorriso, não para mim...

— Tem alguma coisa no meu sorriso que te fascina ou é impressão? — semicerrou os olhos e eu assenti. — O que tanto?

— Tudo. — Dei de ombros, sentindo seus braços ao redor do meu pescoço. — Você e seu sorriso me fazem gostar de tudo.

— De todas as coisas que esperei encontrar quando voltasse, ser um romântico não era uma delas... — falou, como se me analisasse. — Flávio vai jogar tanto isso na minha cara —

reclamou, e não pude evitar uma leve careta. — Por que isso?

— Talvez pelo mesmo motivo que me seguiu até a fazenda do irmão de Juan — falei, com um olhar provocativo sem poder me conter. Quem me culparia por sentir ciúmes do homem que ela parecia confiar mais do que tudo? — Flávio e você são muito próximos. — Não pude evitar outra careta.

— A gente até tem tatuagem de amizade — confessou e eu arregalei os olhos. — Aqui... — mostrou o pulso esquerdo e vi a palavra “gêmea” gravada bem pequena, em letra cursiva. — Ele tem “alma” escrito. Tudo bem que a gente fez quando estava bêbado, mas melhor do que uma tattoo com algum ex.

Minha careta estava ainda pior.

— Me diz que não vou encontrar vários ex’s seus nas festas imbecis que temos que ir? — indaguei, fechando os olhos e encostando a cabeça contra a árvore.

— Com licença que eu tenho bom gosto. — Eu a senti dar um peteleco em minha testa, e soltei um leve “ai”, reabrindo os

olhos. — Aquele bando de engomadinho interesseiro, sempre passei bem longe... — foi sua vez de fazer uma careta e fingir um estremeimento pelo corpo. — Além de que eles têm medo de mim. — Um sorriso selvagem surgiu em seu rosto, e não pude evitar dar-lhe um leve beijo.

— Linda... — falei em coreano e notei o brilho em seus olhos. — Sabe uma das coisas que mais me chocaram quando te revi?

— Agora é o momento confissões do Gael, já que eu já bati minha cota de confissões do dia?

Apertei levemente sua cintura, pela provocação e ela piscou um olho.

— A forma como me chamou... — complementei. —

Sempre me chamou de Oppa, quer dizer, até aquela noite.

— Oppa está destinado apenas aos homens que confio —

falou e sabia que era completamente honesta. — Por mais que eu esteja aqui, por essa noite, eu não posso te prometer um amanhã em que confie. — Senti suas palavras pesarem sobre mim, enquanto aproveitava o que podia de seu corpo sobre o meu. O

toque tão próximo e íntimo, como se fosse possível ficar ali para

sempre, mesmo que o para sempre não fosse uma realidade para ela. Não ainda. — Eu sou uma bagunça, né? — perguntou, e eu tive que rir, olhando para baixo.

— Está mesmo perguntando isso para o homem que teve que sumir por quinze anos para encontrar um testamento? —

rebati, e ela me encarou, como se fosse um reflexo. — Talvez eu te entenda mais do que pense.

— Eu tenho uma música que me resume por completo. —

confessou de repente, e senti a animação em sua voz. Eu sabia do quanto ela gostava de relacionar a vida com música. Mesmo quando ainda éramos crianças, lembrava-me de vê-la cantar com os pais, fosse no carro, fosse pela casa. Ela sempre estava lá com eles. E pelo jeito que a encontrei em sua casa e que a via sempre cantando algo baixinho, foi algo que não mudou. —

Talvez eu cante para você.

— Como um High School Musical? — provoquei, e ela semicerrou os olhos.

— Você também cantava as músicas comigo. — Revidou e eu toquei seu rosto, vendo a forma como ela se aconchegou ainda mais a ele. — A gente cantava “you are the music in me”....

— fechou os olhos, como se lembrasse, e um sorriso enorme se abriu em seu rosto.

O sorriso que eu adorava.

E por todos os deuses, eu não sabia o quanto eu adorava, até tê-lo apenas para mim.

— Na na na na... — cantei e ela sorriu ainda mais, mostrando-me as quatro covinhas em seu rosto. — Na na na na na na... — não pude resistir e beijei cada covinha, sentindo-a estremecer sob meus lábios, mesmo que ainda sorrisse.

— Você é a música em mim... — ela cantou junto comigo, e seus olhos encontraram os meus. — Já que isso pode ser um sonho, posso quebrar a regra que eu mesma criei de não confessar mais, e... Nunca imaginei que estaríamos assim, dessa forma.

— Como se o tempo não tivesse passado? Como se eu não tivesse nos afastado por completo? Como se...

— Casados, sentados debaixo de uma árvore, cantando uma música de High School Musical. — Deu-me um sorriso de lado. — Tudo sobre você me surpreende, seja ruim ou seja bom,

como agora — confessou, e seu nariz se aproximou do meu, fazendo-me intoxicar com seu cheiro.

— Eu poderia só fugir e ficar aqui... — falei, e fechei os olhos, sentindo-me preso a ela. — Você me fez apenas querer estar perto, e não pensar apenas no meu dever, depois de anos e anos apenas fazendo isso...

— De nada? — indagou, sorrindo levemente. — Eu estou feliz que veio até mim, mesmo que tenha surtado e ainda esteja um pouco surtada com isso. — Suspirou profundamente, afastando-se. — Porque eu esperei você vir... No passado, no bar com Flávio, que eu ainda nem sabia o nome, eu esperei. Esperei que você aparecesse e me dissesse que fez aquilo de cabeça cheia e que na verdade, não queria o fazer por obrigação. —

Notei a tristeza em sua voz. — Da pessoa que disse que não iria confessar... — sorriu, e segurei seu rosto com as duas mãos. —

Talvez eu precise só dizer, para tirar isso.

— Eu fui — confessei, e senti o seu olhar surpreso, como se a acertasse diretamente no peito. — Eu tentei te encontrar, mas... No meio do caminho, percebi que se eu fosse, não conseguiria dizer adeus. Eu não conseguiria deixar tudo — admiti,

e respirei fundo. — Porque você era importante demais para deixar para trás, e eu já tinha fodido com tudo.

— Por essa eu não esperava. — Levou as mãos sobre as minhas, que ainda estavam em seu rosto. — Se alguma coisa fosse diferente, será que estaríamos aqui hoje?

— Talvez com dois filhos e não apenas Taylor? — brinquei e vi-a negar com a cabeça.

— Não penso em ser mãe antes dos trinta e cinco, obrigada. — Piscou um olho. — Mas acho que talvez tivéssemos alguns gatos e Taylor seria a irmã mais nova deles.

Sabia que ela brincava, mas não pude evitar que meu coração disparasse com cada palavra que saía de sua boca.



Capítulo 25

“Você me diz que eu sou complicada

E isso pode ser um eufemismo

Algo mais?

Você me diz que sou indecisa

Inconstante, mas eu tento esconder isso

[Algo mais?"\[30\]](#)

GAEL

Talvez fosse apenas o sonho de uma noite. E o pior de tudo era que Talita tinha me avisado. Suspirei fundo, ao vê-la caminhar pela casa, praticamente correndo em seus saltos, dar um leve aceno com a cabeça, parar apenas para fazer um carinho em Taylor e depois voltar a correr porta afora.

Nós tínhamos voltado para a capital há dois dias. Dois dias em que sua voz reverberava pela casa quando estava cantando ou quando falava com seu melhor amigo ou brincava com Taylor.

Mas não comigo. Talvez bom dia e boa noite, mas não que eles significassem algo mais. Eu ficava ali, de escanteio na sala de estar, estudando sobre a empresa da minha família, para a reunião que teria dali a dois dias. Às vezes ia visitar meus irmãos ou ficava completamente entediado porque na realidade, eu queria a atenção da mulher que parecia estar ocupada demais para simplesmente pensar em mim.

Aquela noite tinha sido um sonho? Era isso?

Olhei-me pelo reflexo do grande espelho do closet do quarto que agora era meu e tentei não pensar na aliança em meu dedo anelar esquerdo. Era como se ela significasse mais do que deveria para mim, e não podia evitar imaginar que era real, mesmo que não fosse.

— Precisa de ajuda?

A pergunta veio e ouvi o barulho de saltos contra a madeira, e pelo reflexo, quase perdi uma respiração pela forma como Talita estava linda. Vestida de preto, em um vestido tomara que caia, que marcava seu busto e caía perfeitamente em sua cintura, tornando-se em renda mais abaixo. Ela tinha os cabelos em um rabo de cavalo, maior do que o seu real comprimento e talvez ela tivesse ido ao salão de beleza naquele dia. Mas como eu poderia saber sobre algo? Ela tinha se fechado e se escondido, como se aquilo fosse o certo, e eu temia pressionar demais, e acabar fazendo-a se fechar ainda mais.

— Aqui — falou, parando à minha frente, e vi a aliança brilhar em seu dedo anelar esquerdo, quando a levou até minha gravata e fez um nó perfeito. — Prontinho! — complementou, passando as mãos levemente pelas lapelas e afastando-se.

Quando ela se virou para sair, vi-me levando uma das mãos até a sua, e ela parou. Seu olhar parou no meu, mas felizmente, ela não me afastou.

— Sinto sua falta — admiti, sendo o mais honesto possível.

— Não posso evitar sentir. — Respirei fundo, e senti a forma como sua pele adorava a minha, naquele breve contato. — Sei

que pode ser demais, mas vamos ser isso? Viver um sonho numa noite e depois só voltarmos a nos falar quando tivermos algum evento ridículo social?

— Eu fiquei um tempo fora, e essa é minha rotina — falou, encarando-me, e sua mão saiu da minha. — Não posso evitar te evitar — confessou. — É tudo novo para mim também, ter alguém quando abro a porta e chego... Pode parecer que não, mas eu estou tentando.

— Não é sobre tentar se acostumar comigo, Talita. —

Suspirei fundo. — É sobre fingir que nada aconteceu e que estamos na mesma página de quando nos reencontramos.

Estamos?

Ela pareceu pensar sobre e negou com a cabeça.

— Eu não sei. — Deu um passo à frente, ficando mais próxima, e me segurei para não a tocar. — Talvez a gente tenha dado os três passos para trás, que eu não queria — assumiu. —

Queria que fosse mais simples, apenas gostarmos um do outro e ficarmos juntos.

— E por que não pode ser? — minha voz saiu baixa, como uma oração e ela me entregou um sorriso triste.

— Porque eu tenho medo. — Era a primeira vez que a via se abrir após aquela noite, e foi como um soco em meu coração.

— Porque eu nunca pensei que a gente sairia da página de debochar e sermos um contrato... — suspirou pesadamente. —

Eu disse que quebraria seu coração, mas na realidade, percebi que posso ter o que restou do meu quebrado por você.

— Eu não vou te machucar — falei, e dei um passo à frente, quase encostando nossas testas, devido à altura que o salto a deixava. — Não que eu seja perfeito, sabemos que é longe disso, mas... Não vou te machucar, nunca mais de forma proposital. Nunca mais, Talita.

— Pareço uma boba adolescente fugindo, não é? —

pareceu zombar de si mesma.

— Parece linda para mim — falei, parando com minha mão ao lado do seu rosto, e surpreendi-me ao tê-la encontrando-a no meio do caminho. — E se você acha que está sozinha nisso está enganada. Me sinto um adolescente desesperado para ser notado, todos os dias. Me sinto um adolescente perto de você, e não tenho vergonha disso. Porque na verdade, você me faz sentir eu mesmo, à flor da pele, exposto e entregue. Em toda minha

vida, eu me escondi, para parar à frente da mulher, da qual não consigo me esconder.

— Talvez eu seja o seu carma também. — Provocou, e deu-me um leve beijo na palma da mão, afastando-a de seu rosto.

— Vamos ter uma boa noite aguentando esse povo chato da festa, e quem sabe beber e dançar... Sem medo —

complementou, como se para si mesma, mas era exatamente como eu me sentia.

— Sem medo, minha senhora.

Meu sorriso favorito se formou em seu rosto, as quatro covinhas a iluminando, e não pude resistir ao tocar cada uma delas e quase implorar por um beijo.

— Acho que prefiro te torturar pela noite toda — falou contra meus lábios, me mostrando um lado que eu ainda não conhecia. — Imagine só, a incerteza de poder me tocar a noite toda durante uma festa, e não saber se vai fazê-lo quando estivermos de volta, em casa...

— Talita...

Ela arqueou uma sobrancelha, aproximando-se apenas o suficiente para depositar um leve beijo em meu pescoço, o que

me fez estremecer por inteiro.

— Te espero lá embaixo. — Afastou-se e tinha certeza de que minha expressão foi de saudade dela, para a falta de algo que nunca tivemos. Mas era óbvio, pela tensão que nos unia, que estava ali, gritando para termos. — E acho melhor dar um jeito nisso, ou meus seguranças vão estranhar.

Seu olhar desceu até minha calça e ela mordeu o lábio inferior, a ponto de que quase fui até ela, e os maltratei da maneira que ela merecia. Contudo, fechei os olhos e me controlei, não me deixando levar. Porque mais uma vez, nada saía como eu esperava. E talvez, quando voltássemos para casa, eu não tivesse apenas um boa noite antes de dormir.

E realmente, aos quase trinta e três anos, Talita Kang me fazia me sentir como um adolescente esperando ser notado e aceito, e era a porra do sentimento do século, porque eu me sentia de verdade com ela. Apenas com ela.



Capítulo 26

“Neste momento, eu não tenho vergonha

Gritando a plenos pulmões por você

Não tenho medo de enfrentar isso

Mostre-me que você não tem vergonha

Escreva no meu pescoço, por que não?

E eu não vou apagar

[Eu preciso de você mais do que queria”\[31\]](#)

TALITA

Senti sua mão entrelaçada na minha, todo o trajeto até a grande festa de inauguração de uma das poucas empresas que eu simpatizava com os donos. No caso, eu detestava quase noventa por cento das pessoas que estariam ali, mas sempre fui boa em me esquivar de todos eles. E a maioria fazia questão de se esquivar de mim.

— Nervoso? — perguntei, e então encarei o homem ao meu lado, que estava o próprio pecado vestido em um terno sob medida, na cor preta, e com o brasão Kang por dentro, mesmo que ele não tivesse ideia de que o usava. Preto era a cor da minha família, sempre gravado com o brasão do dragão dentro em alguma parte da vestimenta.

— Eu acho que isso vai ser um porre — comentou e eu dei uma risadinha. Senti então ele levantar minha mão até sua boca e depositar um leve beijo. — Mas eu acho que finalmente vou poder te tirar para dançar...

— Se eu aceitar... — provoquei, e seus dentes puxaram levemente a pele de meus dedos, bem onde a aliança dourada se destacava. Bati com a mão livre em seu peito e ele sorriu largamente, como se adorasse aquilo. E no fundo, eu finalmente

admitia que adorava também. — Estou sendo muito boazinha com você, Fontes.

— Gosto desse seu lado, Kang.

Revirei os olhos, e finalmente o carro foi estacionado. Dei um leve tchau para Lore, que tinha um olhar brilhante em minha direção. Ela estava comigo há bons anos, após ter sido selecionada pelo próprio Vincenzo, e acreditava que estava feliz ao me ver assim com alguém.

A minha porta foi aberta pelo próprio Gael, e entreguei-lhe minha mão, descendo do carro.

— Um falso cavalheiro — falei, e ele piscou o olho que já estava praticamente curado.

Caminhamos de mãos dadas e de longe vi Verônica parada perto da entrada, como se nos esperasse.

— Unnie — falei, e sorri para ela, que me deu um vislumbre de sorriso, como sempre. Ela era fechada e controlada, como a maioria das pessoas da nossa família, principalmente em lugares públicos. No meu caso, eu era acostumada a sempre sorrir para eles. Porque eles eram a minha razão maior de estar ali. — Como estão? — indaguei, encarando sua barriga de

grávida, dando um leve olhar para Alfredo, seu marido, que praticamente esfaqueava Gael com o olhar.

— Bem, e com saúde — falou, e caminhei ao seu lado, para adentrar o ambiente. — E você? Vocês? — perguntou baixo, andando comigo pelo imenso salão.

— Estamos... — lancei um leve olhar sobre o ombro para Gael, que falava algo com Alfredo, que o encarava com o semblante semicerrado. — Esforçando-me — complementei.

— Bom, Alfredo e eu tentamos um casamento por contrato, e veja só onde estamos... — provocou baixo e eu ri baixinho. —

Eu nunca te vi ou a ele sorrindo para alguém assim, e estou feliz por vocês.

— Eu realmente não sei como chegamos aqui, e mesmo que eu saiba, ainda nem entendi — confessei, parando com ela próxima à mesa com os nossos nomes. — Temos que fazer a social de falar com riquinhos imbecis?

— Lembre que eles nos acham riquinhos imbecis também

— Gael falou, parando ao meu lado, e sua mão veio diretamente para minha cintura, e era como se o seu calor se espalhasse por todo meu corpo.

— Lembre-se que é você que está destreinado. — Rebatí, e notei o quanto o marido de Verônica parecia incomodado. —

Não gosta mesmo disso, né, Nero? — perguntei, e ele assentiu com uma careta.

— Pessoas chatas e assuntos insuportáveis. — Ri de lado, e senti a mão de Gael se apertar um pouco mais sobre meu corpo. — É bom estar do outro lado, Fontes? — ele provocou e eu arqueei uma sobrancelha, surpresa ao vê-lo desafiar alguém.

Verônica bateu a bolsa contra a barriga dele, levemente, como se para distraí-lo, e pareceu funcionar. Ri baixinho e senti meu celular vibrar dentro da pequena bolsa que estava pendurada em meu ombro.

— Certeza de que é Flávio e sua falta de noção.

— Eu já disse que ele é um péssimo melhor amigo? —

Gael indagou, e Verônica deu um aceno de cabeça, mostrando que já se sentaria e podia afirmar que era por conta da gravidez.

— Ele torce por você, não sei porque ainda implica com ele. — Rebatí, e abri a bolsa, pegando o celular. — Podemos ir para mais perto das comidas, e depois sentamos? — perguntei, e Gael assentiu, andando comigo em direção ao que parecia ser do

outro lado do salão. Uma das coisas boas daquele tipo de festa -

a comida salgada era boa. — Não me diz que ligou porque esqueceu que adiamos o nosso dia da série, e eu tinha uma festa para vir?

— Diacho! — reclamou e pareceu se engasgar do outro lado da linha. — Eu fiz até pipoca e consegui convencer Oscar a ver.

— Te perdoo se assistir com ele. — Contestei e ele riu do outro lado da linha.

— Park Seo Joon está com você? — indagou e eu revirei os olhos, enquanto me aproximava da parte das comidas e vi um enorme bolo ali, o que me fez trocar um breve olhar com Gael, que pareceu prever o que eu diria, só pela expressão de repreensão.

— Quem dera — brinquei. — Mas a versão brasileira está comigo, e preciso dizer que estamos perto de um bolo?! — senti a mão de Gael apertar levemente minha cintura, o que me fez rir, e não pude deixar de imaginar como seria se ele a apertasse de fato.

Merda!

— Se ele fizer alguma merda, mando Juan quebrar ele inteiro. — falou e eu fiz um “puff” com a boca. — Eu acerto depois que ele cair, já que sei que ele lutava ilegalmente.

— Para de ser medroso. — Critiquei e ouvi-o me imitar. —

Vou desligar, e ligo mais tarde para Oscar, para pegar os detalhes se ele realmente assistiu nossa nova advogada favorita.

— WOO TO THE YOUNG TO THE WOO — falou, e eu sorri de lado.

— DONG TO THE GET TO THE RAMI — respondi e falamos “rá” juntos. Desfiz a ligação e guardei o celular novamente, sentindo o olhar de Gael sobre mim. — Será que eu devia te

jogar no bolo, como uma mini-vingança? — provoquei, e ele fechou os olhos, como se quisesse dar um jeito na minha língua. No fundo, eu queria que ele tivesse.

— Talita...

— Sem medo do bolo, Kang? — a pergunta de uma voz que eu conhecia bem, me fez olhar sobre o ombro e já modificar o olhar por completo.

— Sem medo de perder um dedo, Lins? — rebati, sem pensar duas vezes e senti Gael passar à minha frente de imediato, o que quase me fez rir, ao vê-lo me defender.

GAEL

— Quem é você? — falei, passando à frente de Talita, e senti o sangue subir tão rápido, que minha mão foi segurada pela mulher que eu protegia. Se havia algo que não tinha mudado do Gael do passado, conhecido como garoto problema, era que eu não precisava de muito para entrar em uma briga por aqueles que amava.

Amava?

Meu próprio pensamento, me fez virar por um segundo e encarar Talita. Eu realmente estava me sentindo assim? Indaguei a mim mesmo, e só voltei à realidade, ao ouvir a risada do homem à nossa frente.

— Lembra quando perguntou se eu iria encontrar algum ex nessas festas? — a pergunta de Talita me fez encará-la, enquanto sua mão ainda segurava meu punho. — Esse é um dos que

adoraria ser um ex, na verdade, acho que é sonho da sua vida. —

Ela zombou, ficando ao meu lado, e encostando a cabeça contra meu ombro.

— Não se ache demais, Kang.

— Para alguém que perdeu o tempo de vir me falar sobre bolo apenas para provocar, acho que posso me achar. — Ela rebateu, e notei que ela parecia saber lidar muito bem com tudo aquilo. — Se não quiser que eu te faça engolir esse bolo, melhor se afastar.

— Ou vai engolir o meu punho — falei, e o homem arregalou os olhos, levantando as mãos, mas eu via o claro deboche em seu olhar. — Não é uma brincadeira, cara.

— Não parece um casamento de mentira como todos falam por aí — falou, olhando-nos de cima a baixo.

— Bom, quem sabe do nosso casamento, somos nós... —

falei, e o encarei profundamente. — Se é uma mentira ou não, o que qualquer um aqui tem a ver com isso?

Senti a mão de Talita me puxar, e logo fui sendo levado pelo salão, ela nos guiou pelo mesmo, e percebi que estávamos em meio a vários casais dançando.

— Acho que merece uma dança... — falou, e seu olhar parou no meu, enquanto levava suas mãos até meu pescoço e eu descia as minhas para sua cintura, perigosamente depositadas ali.

— Me distraíndo para eu não quebrar a cara de um babaca em uma das poucas festas que vim depois que voltei? —

indaguei em seu ouvido, e vi seus pelos se eriçarem.

— Te distraíndo para usar sua força para tocar algo muito melhor do que aquele imbecil — respondeu, e a encarei, arqueando uma sobrancelha.

— Como o quê? — perguntei, e ela sorriu perigosamente, os lábios pintados de vermelho, contrastando com o preto de suas roupas e o brilho na maquiagem.

— Como eu — respondeu, mesmo que não precisasse, e a puxei para perto, quase colando nossos corpos. — Se me beijar agora, pode ser que considerem esse casamento como verdade.

— Provocou, e eu encostei nossos narizes, sussurrando contra sua boca:

— É uma verdade para mim. — E logo sua boca era minha, mais uma vez.



Capítulo 27

“Vai me levar um tempinho

Mas eu poderia me acostumar com isso

A sensação das pontas dos seus dedos

A sensação de outro beijo

Vai me levar um tempinho (oh)

Mas eu poderia me acostumar com isso (oh)

Como cada tatuagem em sua pele (oh)

[Memorizando cada centímetro”\[32\]](#)

TALITA

Eu quase ri alto, quando suas mãos finalmente encontraram o zíper escondido do meu vestido, mas minha risada caiu, quando seus dedos chegaram à minha pele exposta. Eu estava de costas para ele, mas tinha uma visão perfeita pelo grande espelho que ficava à frente da minha cama.

— Sem sutiã... — sua observação saiu quase como uma maldição contra minha pele, ao mesmo tempo, que poderia ser escutada como uma bênção.

A imagem de Gael Fontes descendo seus beijos por meu pescoço, e toda minha espinha, enquanto suas mãos espalhavam-se por meu vestido, fez-me arfar, e não me arrependeu nem um segundo de estar apenas ali. Entregue a sentir o que queria.

Dei um passo à frente, quando ele chegou ao final da minha coluna, seus beijos quase chegando à pequena calcinha que eu usava. Encarei-o pelo espelho, e desci as partes de cima do vestido, e por ele tê-lo aberto, ele caiu no chão de imediato.

Deixando-me apenas na renda preta toda desenhada contra meu corpo, em um corpete, que se misturava com os pontos desenhados espalhados pelo meu corpo.

Vi seu olhar ficar ainda mais perigoso e ele o fechou por um segundo, como se respirasse fundo, e precisasse se concentrar. Saí da poça do vestido, ainda em meus saltos e sua mão veio diretamente para minha coxa, subindo perigosamente pelo meu corpo, puxando-me para perto, ao mesmo tempo. Ele completamente vestido, e eu sentia que nossos corações estavam tão disparados, que eram quase o som dentro daquele quarto.

— Nunca pensei que fosse verdade, esse tipo de conexão com alguém... — sua boca veio para bem perto da minha, enquanto eu o segurava pela gravata, e o livrava dela. Minhas mãos ansiosas para tirar o terno preto, e o fiz, vendo-o cair. E em seguida, minhas unhas foram para cada botão da camisa de mesma cor.

— Do tipo que explode sua cabeça e você não pensa em mais nada que não seja o nome da outra pessoa à sua frente? —

perguntei, senti seus lábios nos meus e em seguida, suas mãos me puxando para cima, fazendo-me apertar as pernas ao redor do seu quadril. Segurei um gemido quando o senti apenas pelo quase tecido inexistente da calcinha.

— Do tipo que você quer conhecer cada parte para morder, lambe, chupar... — falou, descendo-me sobre o colchão, e sua boca foi para os meus seios, enquanto em um puxão, senti a alça do mesmo se desfazer, e arfei. Mesmo que ele nunca tivesse chegado até ali, era como se soubesse exatamente o que eu gostava. Da forma que eu queria ser tratada.

— Impaciente? — perguntei, levando uma das mãos aos seus cabelos e ele sorriu contra minha pele, descendo até onde mais precisava dele, e suas mãos prendendo minhas pernas bem abertas, não que eu as quisesse fechadas, mas era quase impossível não me mexer ao senti-lo em cada pequeno toque.

— Faminto — admitiu, e sua boca me tomou por cima da própria calcinha, os olhos presos nos meus, o que me fez fechá-los e jogar a cabeça para trás.

Antes que eu pudesse reclamar, ele desceu o tecido e finalmente o fez da forma como eu queria. Não experimentando ou segurando-se, mas tomando tudo que podia, como se eu fosse a melhor coisa que já teve, e eu era uma bagunça molhada sob ele.

Quando a sensação se acumulou demais, senti seus dedos e puxei com força os cabelos de sua nuca, fazendo-o subir até mim, e eu mal conseguia abrir os olhos, pela forma como ele encontrou um ritmo perfeito, que me faria desmanchar a qualquer segundo.

— Faminta também? — perguntou, e eu apenas indiquei-lhe a mesa de cabeceira, a qual ele se esticou e encontrou as camisinhas que eu deixei bem ali. — Pensando que a qualquer momento poderíamos estar bem assim... — mais fundo e mais forte, e eu gemi contra sua boca, um sorriso no meu rosto. — Ou para alguém mais? — instigou, e como se para me castigar, parou com os movimentos e eu descii minhas unhas por suas costas, e as afundei levemente.

— Pensando em como seria, caso eu ligasse o foda-se e apenas o tivesse todo dentro de mim... — falei, e seus dentes vieram para os meus lábios, puxando-os com força, enquanto estocou os dedos ainda mais fortes, fazendo-me

arquear na cama e querer mais. — Vai me fazer esperar mais? — indaguei, enquanto sentia o leve gosto de sangue em meus lábios pela mordida, e sua boca veio para a minha, fazendo-me gemer por frustração quando seus dedos saíram de mim.

Foi então que ele se afastou, apenas o suficiente para colocar a camisinha, e eu a apreciei em toda sua beleza. O corpo

malhado, marcado por tatuagens e cicatrizes, a pele clara toda avermelhada pelas minhas mãos, que eu adoraria maltratar ainda mais, e a forma como sua boca estava levemente aberta, enquanto me encarava, como se implorando para me ter.

E eu implorava, silenciosamente, para tê-lo também.

E como um predador, ele voltou a se colocar sobre mim, minhas pernas indo instantaneamente para sua cintura, e a circulando. Como se sentindo, entendendo e conhecendo um ao outro. Quando fez o primeiro impulso, senti minhas mãos se segurarem com força contra suas costas e o puxei para perto, exigindo por mais.

Seu corpo começou a suar, como o meu, suplicando e necessitando de mais. E em um breve olhar, foi como se ele entendesse, tomando-me até o final, fazendo-nos gemer alto, um contra o outro, e senti o exato segundo que sua mão segurou minha cintura com mais força, da forma como eu imaginei, que ficaria uma grande marca ali. Uma marca da qual eu me orgulharia depois.

— Preciso de mais... — falei, quase implorando, e minhas pernas se enrolaram mais alto em sua cintura, e ele me puxou

para si, como se tomando todo cuidado, mas ao mesmo tempo, percebendo que eu podia levá-lo perfeitamente.

— Você pode ter tudo de mim — falou, e senti-o me levantar, fazendo-me forçar-me contra seu corpo e gemer pelo ângulo mais profundo. — O que quiser de mim, Talita.

Já sentada sobre ele, que se encontrava de joelhos na cama, totalmente perdida na sensação de tê-lo por completo e tão profundamente, senti sua testa na minha, enquanto eu arfava, e começava a descer sobre ele. Minhas mãos em seu pescoço, e a boca levemente aberta, pronta para soltar uma maldição a qualquer momento.

Porra, aquilo era mais do que bom!

Aquilo, nós dois, bem ali, era a própria perfeição.

O nirvana.

— E se eu quiser tudo, realmente? — indaguei, e levantei meu olhar, encontrando o seu, tão extasiado quanto. — E se eu quiser que fique e me faça sentir assim todos os dias? —

perguntei, e eu sabia que aquilo não era apenas sexo. Eu já tinha tido apenas sexo por tempo demais para saber que naquele momento, não era. Não com ele. Nunca seria com ele.

Mesmo eu lutando.

Mesmo eu tentando vê-lo como apenas um troféu.

Ele não era algo que eu colocaria na prateleira para me gabar. Era alguém a quem eu daria as mãos e me orgulharia, na frente de quem fosse, e ali, apenas entre nós,

no nosso mundinho, que passou a ser um dos meus favoritos.

— Então eu vou te fazer minha, *sempre*.

Sua boca tomou a minha, como uma reivindicação e senti-o me encontrar em cada movimento, fazendo-me me tornar uma bagunça sobre ele. Como sempre. Ali estava eu, não sendo uma confusão à frente dele, mas junto a ele. Nós dois, um verdadeiro caos como a história que nos trouxe até ali.



Capítulo 28

“Eu quis o perigo e até sangrei sozinho, entenda Assim pude trazer você de volta pra mim

Quando descobri que é sempre só você

[Que me entende do início ao fim.”\[33\]](#)

GAEL

Ouvi o barulho alto de uma música que não conhecia e então me forcei a abrir os olhos. Notei que a luz adentrava

as janelas abertas, e um corpo quente envolvia o meu, mas logo o

seu calor se dissipou. Talita se mexeu, quase saindo completamente de meu peito, e pareceu tentar alcançar o celular no chão. O que de alguma forma, mesmo sem se afasta completamente, ela conseguiu.

— Oppa. — falou ao atender, e se deitou em meu peito novamente. — O quê? — sua voz soou como um quase grito e ouvi-a xingar em coreano, já levantando a cabeça. — Para quando isso? — o silêncio voltou e ela me encarou preocupada.

— Obrigada, já estou indo pra lá.

Ela então tirou o celular da orelha, e quase como num pulo, se colocou sobre os joelhos.

— O que houve?

— Hellen está a ponto de fechar o negócio e vender a Distribuidora Fontes.

— O quê? — indaguei, aceitando a mão que me esticou, me ajudando a quase me sentar na cama. — Como ela...

— Leonel apostou a empresa no jogo, isso após fugir da clínica de reabilitação... — suas palavras me acertaram em cheio.

— Eu sinto muito.

Não pude evitar minha frustração, ao saber que a primeira notícia que tinha do homem que era meu pai, na realidade, era que ele, mais uma vez, estava tentando jogar tudo pelo que minha mãe lutou no lixo. Não que ele em algum

momento tivesse se importado com as vontades dela, já que condenou os filhos à vida que ela tanto não queria que vivêssemos.

Sua mão estava na minha, enquanto se enrolava no lençol e piscava algumas vezes, como se despertando por completo.

Assim que me sentei também, notei meu celular vibrando na mesa de cabeceira, que eu nem sabia como chegou ali, e o nome de Lauro na tela.

— Lauro Ferraz? — Talita indagou, finalmente soltando minha mão, para dar a volta e se sentar no banco do motorista.

— Sim, quem me fez poder ficar de olho nos meus irmãos, mas nunca conseguiu chegar até você.

— Sempre me indaguei por que um Ferraz estaria tão interessado em saber da minha vida — comentou, sentando-se na cama, com as pernas para fora, enquanto eu colocava o celular no viva-voz. — Então era você... — pareceu pensar alto, e seu olhar parou no meu.

— Hellen está tentando vender a empresa para alguém no mercado ilegal? — perguntei, já desconfiando que era sobre aquilo.

— Mas como... — meu amigo soltou um “puta merda” e ouvi sua respiração profunda. — Esqueci que agora tem uma Kang do seu lado e eu fui jogado para a sarjeta.

— Eu ainda te pago e muito bem. — Revidei, trazendo à tona o meu autocontrole para não pensar muito sobre. — Mas me diga, quanto estão querendo pagar a ela?

— Meio milhão. — Sua resposta me pegou desprevenido.

— Muito abaixo, mas o necessário para que ela pague a dívida.

E mais uma vez, lá estava Hellen tentando salvar a vida do próprio irmão, que na realidade, não merecia um por cento do seu esforço. Eu sabia, assim como ela, que Leonel nunca mereceu sua devoção. Já que eu me perderia na conta, ao pensar em todas as vezes que ele a espancou à minha frente.

No final de tudo aquilo, eu sabia, melhor do que ninguém, que ela poderia não ser a melhor tia do mundo e ter nos controlado o quanto pôde, mas ela também tentou. Tentou nos proteger daquele que tecnicamente, deveria nos amar.

— *Não toque nele. — Sua voz soou como uma exigência.*

— *Para fora, Gael. Agora!*

Eu então dei passos para trás e quando a porta se fechou, apenas ouvi o barulho de algo sendo acertado. Quando reabri a porta, Hellen estava no chão com o rosto sangrando, e Leonel sobre ela, acertando novamente seu rosto. Foi quando eu fui para cima dele, pela primeira vez, aos dez anos, e quando apanhei por quase toda uma noite.

— Ei!

Senti um toque sutil em minha perna, que me trouxe à realidade e pisquei algumas vezes, encontrando o olhar de Talita.

— Consegue fazer uma aposta? — perguntei a meu amigo.

— Até duas. — respondeu e eu suspirei fundo. — Mas sabe que ela não vai aceitar quando souber que é você.

— Se ela está no mundo ilegal, ela não vai e nem pode exigir nomes — Talita comentou e pareceu pensar em algo.
— E

ela imagina que você saberia disso... — complementou, como se pensasse o mesmo que eu.

Hellen poderia estar desesperada, mas não faria algo sem pensar. Ela nunca foi uma pessoa que agia sem pensar

detalhadamente. Então, se ela colocou a Distribuidora Fontes à venda no mercado ilegal, ela sabia que a família seria a primeira a ser avisada.

— Hellen quer que eu compre... — falei, e baixei o olhar, ouvindo Lauro soltar um xingamento e Talita suspirou ao meu lado, acariciando minha coxa, como se para me acalmar. — Ela está protegendo Leonel e desistindo...

— Eu vou fazer a proposta — Lauro falou e eu assenti, como se ele fosse ver, e logo a ligação foi desfeita.

— Hellen Fontes desistindo... — Talita parecia pensar o mesmo que eu, como se não fizesse sentido. E não fazia. — Ela sabe que você vai brigar pela empresa, ainda mais exigindo o que está no testamento que é o casamento... Por que uma mulher que lutou a vida inteira para estar onde está, apenas desistiria?

Aquela era uma pergunta que apenas a própria Hellen poderia responder. Vi-me então pegando o celular e vendo as várias mensagens de meus irmãos no grupo do WhatsApp e sabia que eles não tinham ideia daquilo, já que estavam em surto, na verdade, por Paola estar em outra cidade sem avisar nada.

Respondi rapidamente sobre, e me preparei para mandar um áudio explicando o que faria. Depois de tanto tempo sozinho, era estranho fazer aquilo, mas eu sabia o quanto era importante para eles, e o quanto deveria ser importante para mim também -

compartilhar. Eles mereciam não só o irmão mais velho que tentava protegê-los de longe, mas o irmão que voltou e não os impedia de saber a verdade sobre a própria família.

— Eles vão gostar de saber que confia neles, a ponto de contar... — Talita falou, como se me conhecesse tão bem, que me fez sorrir, mesmo numa situação como aquela.

Não era o que eu imaginava ou pensava que aconteceria logo após estarmos juntos de verdade, pela primeira vez. Mas era uma prova de que Talita, e meio a tudo, me compreendia por completo. Ninguém além dela o faria, e era como se eu sempre soubesse daquilo. No agora, só reconfirmava.

Trouxe sua mão até meus lábios e depusitei um leve beijo.

E vendo-a sorrir e logo se concentrar em se arrumar para sairmos, a frase que me disse dias atrás, naquele quarto de pousada, me mostrava que mesmo que nenhum de nós sonhássemos com um para sempre, ela estava me entregando

um *sempre* em cada momento juntos - e eu sentia, realmente, que não estava mais sozinho.



Capítulo 29

“Quem me dera ao menos uma vez

Ter de volta todo o ouro que entreguei a quem

Conseguiu me convencer que era prova de amizade

[Se alguém levasse embora até o que eu não tinha”\[34\]](#)

TALITA

Já eram por volta de oito da manhã quando chegamos à frente da Distribuidora Fontes. Não muito tempo após recebermos

a informação do que acontecia. Foi o tempo de nos trocarmos e Gael avisar os irmãos para já estarmos ali.

— Pronto? — perguntei, no segundo em que encarei à frente do prédio em que ficava a empresa de sua família. O

mesmo prédio no qual nos reencontramos e agora, estávamos bem ali.

— Já fez demais ao descobrir isso antes e negociado...

— É casado com uma Kang, então é tratado como um Kang agora — falei, levei minha mão à sua, e ele as entrelaçou.

— E minha família sabe muito bem que eu faria isso por você, por isso eles se adiantaram.

Ele então me trouxe para perto, me deu um leve beijo na testa e senti meu rosto queimar, pelo carinho explícito de forma tão espontânea. Ele sussurrou um obrigado contra meu rosto e pareceu apenas focar em entrar ali.

— Ten ten!

Ele então parou e vi a forma como seus olhos se arregalaram ao encontrar dois de seus três irmãos bem ali.

Afastou-se apenas o suficiente para dar um leve abraço em Valéria e o mesmo para com Henrique. Notei o olhar de ambos

em nossas mãos entrelaçadas e tentei não pensar tanto sobre isso.

Se eu pensasse, com certeza me daria o laudo de maluca do ano. Ou como o próprio Flávio tinha me dito por mensagem

–

de apaixonada à primeira vista para apaixonada a primeiro casamento. Para que um inimigo quando se tem um melhor amigo desses, né?

— Eu estou vendo Talita?

A voz veio do celular que Henrique carregava e então vi Paola, a mais nova deles, dando um leve oi com as mãos e

sorrindo abertamente.

— Pelo menos alguma coisa boa. — Ela bateu palmas como se empolgada, e eu tentei não dar atenção à sua análise. —

Hellen está mesmo na empresa.

— Pelo que Lauro e Vincenzo informaram, não só ela... —

Gael falou e notei a tensão em sua voz. — Leonel está aqui, junto ao cara que ele deve meio milhão.

— Ele foge da clínica, aposta o que nem é seu, e agora está na empresa como se fosse sua... — Henrique falou,

claramente puto, e era clara a tristeza em sua voz. — Desculpe, Talita, eu nem te cumprimentei.

— Não se incomodem comigo — falei, assentindo para ele e Valéria, que parecia ainda mais tensa. — Eu só estou aqui para ajudar, no que puder.

— Obrigada — ela falou e se aproximou de mim, olhando-me profundamente. Puxou-me para um abraço, que me surpreendeu e me fez soltar da mão de Gael por um instante. —

Obrigada por estar aqui com ele — sussurrou, e então, quando me encarou novamente, vi a gratidão explícita em seu olhar.

Era como se ela agradecesse por alguém cuidar de Gael?

Eu só conseguia pensar que aquilo era o mínimo. Mas como eles não me pediram por isso? Se na realidade, eles não tinham o mínimo há tanto tempo... Assenti, e a vi com Henrique tomarem à frente para adentrar a empresa.

— Gael?

Ele ainda parecia preso no lugar e então seu olhar parou no meu. Sabia que estava tenso e preocupado por toda a viagem, mas ainda assim, ele parecia guardar tudo para si, como um

cofre. Contudo, era como se eu tivesse a senha e acesso a ele, e notei o quanto aquilo o atingia.

— Faz quinze anos que não o vejo, e queria dizer que não me afeta, mas eu sei que ao olhar para ele, eu vou me lembrar de toda a merda que nos fez passar. E do quanto minha mãe estaria arrasada ao vê-lo assim — falou e seu olhar parou no meu. — Por favor, fique aqui — pediu, surpreendendo-me. — Precisamos terminar isso, nós quatro.

— Tem certeza? — perguntei, e ele assentiu, dando-me um leve beijo nos lábios, antes de sorrir de lado e me entregar o olhar provocativo que eu tanto conhecia.

— Já não é mais a noite e eu pude te beijar... quer dizer que ainda tenho chance? — indagou, e eu apenas pude sorrir, dando-lhe o sorriso que eu agora sabia, ele parecia se iluminar com. — Eu já volto.

Vi-o então seguir até os irmãos que o aguardavam à frente da porta giratória e suspirei profundamente, caminhando até o carro estacionado e me encostando contra ele. Algo dentro de mim gritava para que eu não o deixasse sozinho, mas ainda assim, eu sabia que era a história da sua família, e que eu deveria respeitar seu pedido. No fundo, ao vê-lo se afastar, algo dentro de

mim se apertou, e eu sabia que os restos do coração que eu tinha, estavam batendo por ele também.

E talvez, Flávio tivesse toda razão.

GAEL

Vazio.

Aquele lugar todo estava vazio.

Assim que adentramos o elevador, encostei-me contra o metal e meu autocontrole assumiu. Meus irmãos não poderiam ver o quão afetado eu estava. Não agora, mesmo que eu não soubesse disfarçar tão bem. Já que na realidade, foram anos longe e não de perto, fingindo que estava tudo sob controle.

— Hellen não desistiria dessa forma — Valéria falou e a encaramos pelo espelho. — Tem que haver alguma explicação.

— Leonel. — Henrique rebateu, como se fosse óbvio. — A gente sempre soube que ela dava a palavra final, mas no fundo,

sabemos de quem vem a ordem.

Assenti, e finalmente o elevador parou. Assim que saímos do mesmo, a cena que nos aguardava, não me surpreendeu em nada. Hellen caída no chão e Leonel de pé, pronto para ir para cima dela novamente. Fui na direção dele no mesmo instante, e o segurei, notando seu olhar mudar e a surpresa em seu rosto.

— O que faz aqui?

Depois de quinze anos, aquela era a pergunta de meu pai para mim.

— Comprando a empresa que quer afundar de novo, e nos levar junto. — Soltou-se com um solavanco e tentou me acertar, mas o impedi facilmente, o que pareceu tê-lo deixado ainda mais irado. Analisei-o, notando que parecia completamente sóbrio. —

Ainda descontando nos mais fracos? Continua fingindo que a perda da mamãe foi o motivo para começar a nos espancar? —

seu olhar pareceu ainda mais irado, mas ele não se mexeu.
— O

que foi? Não pode mais bater em mim porque sou mais forte que você?

— Gael...

Olhei de canto de olho e notei Hellen sendo levantada por Valéria, que tinha o claro horror estampado em seu rosto, assim como Henrique. Bom, eles não sabiam a que ponto nosso pai chegava com nossa tia. Mas agora, já era hora deles saberem.

Não existia motivo algum para encobrir o que ele fazia, mesmo que Hellen o tivesse feito a vida inteira. Apesar de eu saber que ela tinha seguranças para protegê-la dele, mas quase sempre caía no papinho de que ele não a machucaria.

— Eu achei por muito tempo que realmente Omma fosse o amor da sua vida — falei, encarando-o com desgosto. — Achei, acredito que a vida toda, até Gael Campos aparecer e me contar que na verdade, ela foi sua vítima tanto quanto eu, Hellen, e meus irmãos quase sofreram o mesmo. — Sorri sem vontade alguma e notei que ele parecia em choque. — Sim, eu conheci o primo dela, o homem que ela confiava e a

quem ela escrevia contando sobre tudo... Sobre o quanto o homem que ela amou e confiou, na realidade, quase a matou por várias vezes. E ela só não o deixou porque acreditava, toda vez, que você ia mudar. Mas você não mudou... — neguei com a cabeça. — Pensei que a morte dela fosse a causa para isso, mas no caso, foi o fato de ela partir, que te fez buscar outros para descontar sua própria infelicidade.

Primeiro a sua irmã foi a vítima, depois minha mãe, depois eu...

Tentou até mesmo com os outros três, mas nós estávamos lá.

— Gael, não... — virei-me para Hellen e neguei com a cabeça.

— Não o defenda. — Praticamente implorei. — Nós podemos ter as maiores diferenças do mundo, titia, mas sabe que eu tenho razão sobre isso. E eu sei que sempre foi ele a cabeça por trás, sempre... Mesmo que não te tire a culpa de ter tentado nos vender, quando pôde, eu sei que também foi vítima disso.

— Vítima? — Leonel riu alto. — O que querem aqui?

— Apostou o que não é seu? — rebati, e ele me encarou profundamente. — Vou comprar essa empresa e nunca mais terá o direito de chegar perto dela. Nunca mais.

— Quem você pensa que é, moleque? — revidou e eu quis rir da sua falha tentativa de me acertar novamente, e segurei seu pulso.

— O filho de Somni, a mulher que fez disso aqui uma empresa. A mulher que fez de nós quatro, eu, Valéria,

Henrique e Paola, uma família. Aquela que garantiu que ninguém nos tirasse

o que ela construiu, ao dar o testamento real para quem ela realmente confiava.

— Chega! — a voz de Hellen reverberou. — A empresa já foi vendida, e isso aqui não é mais nada dos Fontes. Nada! — ela falou, e notei o cansaço em sua voz, como se ela estivesse exausta. — Nenhum de nós tem o direito de estar aqui. Não mais.

— Por que agora, titia? — indaguei, olhando-a e vi o quanto ela parecia fora de seu pedestal e claramente, derrotada.

E por mais que nós fôssemos muito diferentes, eu me senti mal por ela, como se ela tivesse feito o mesmo que eu, e em certa parte, era verdade. Ela lutou pela sua família, o tanto quanto pôde, para no fim, ficar a cargo do irmão que apenas a maltratou e de sobrinhos que abertamente a detestavam, porque sempre tentou controlá-los.

— Porque é a hora certa — falou simplesmente, e notei-a se afastar de Valéria que ainda a segurava.

— Ela descobriu que está morrendo. — Foi Leonel que falou, sem qualquer tristeza na voz. — E finalmente percebeu que não tem estrutura para comandar isso aqui, e deveria ter vendido há muito tempo.

— Cale a boca! — ouvi Paola gritar ao telefone, e Henrique parecia a ponto de partir para cima dele. — Você quem deveria estar morrendo! — ela falou, e era como se fosse um consenso que todos nós desejávamos aquilo.

— Chega! — Hellen praticamente gritou. — Quero todos fora daqui — exigiu.

— Eu sou o dono, titia — falei, e vi-a respirar fundo, negando com a cabeça, como se não quisesse que eu dissesse aquilo em voz alta.

— Dinheiro dos Kang? — Leonel riu com escárnio e o encarei. — Sempre soube que aquela família compraria essa, cedo ou tarde...

— Não fale deles — respondi, porque eu sabia que ele falava pontualmente dos pais de Talita, como se tivesse algum direito. E eu sabia o tamanho do ciúme que ele tinha da amizade de minha mãe com a mãe de Talita no passado.

— Mas estou certo, não estou?

— Já tem o dinheiro, Leonel — Hellen falou e passou à minha frente. — Apenas vá embora.

— Acha que pode mandar em mim? — ele indagou, e notei-a estremecer sob seu tom de voz. — Acha que pode falar alguma coisa e...

— Saia de perto dela! — Valéria falou e logo estava ao lado de nossa tia. — Não sei como não desconfiei ou tentei juntar as peças, talvez porque fosse mais fácil acreditar que Hellen era a vilã do que desconfiar de você, mas... Eu juro que se não sair daqui agora, eu mesma o coloco pra fora.

— Como? — foi quando ouvi o engatilhar de algo, e a arma apontada para a cabeça de minha tia.

— Tem certeza?

Nesse momento eu estava com a arma que Talita me entregou assim que estacionamos à frente da empresa, apontada diretamente para a testa dele.

— Se sonhar em atirar, eu juro que vai ser torturado tantas vezes que vai implorar para um deus que sequer acredita.
— A voz de Talita adentrou o ambiente, e ninguém a tinha visto chegar, acreditava que por estarmos tão focados no que acontecia. —

Então, senhor Fontes?

— Virou uma bela vadia, assim como sua mãe. — Respirei fundo diante de sua fala e me segurei para não o acertar com a arma e desmaiá-lo.

— Vou fingir que não falou da minha mãe, senão eu esqueço que é pai do homem que eu amo e te mato aqui mesmo.

— Tente, garotinha.

Aproveite a distração dele para desarmá-lo e então apontar as duas armas em sua direção.

— Filho da...

— Não termine essa frase, ou eu juro que vou te jogar na rua com as próprias mãos. — Henrique falou e parou ao meu lado. — Já é hora de ir, Leonel!

— Eu vou voltar, tenham certeza.

— Aqui não é o inferno — Talita falou, assim que ele passou ao seu lado e notei a forma que ela estava de guarda alta, como se esperando por algo. Assim que ele entrou no elevador, eu pude respirar novamente.

Senti mãos sobre as minhas tirando as armas dali, e só então percebi que tremia. Notei Hellen caminhar em direção à

sala da presidência, e troquei um breve olhar com meus irmãos, sabendo que ela parecia precisar daquele momento.

— Às vezes, a família nos cobra um preço alto demais —

Talita falou e a encarei. — Ela dedicou a vida toda, tentando fazer o certo pelo seu ponto de vista, para no fim, quando mais precisou, o irmão ligar e pedir dinheiro, sem querer saber se ela tinha que se tratar ou não. A dívida de Leonel é de apenas cem mil, Hellen está vendendo o resto para tentar o tratamento fora do país.

Olhei para Talita quase perdendo uma respiração.

— Acho que ela precisa de tempo — Valéria falou, e a encarei. — Se isso é verdade, tudo isso... Ela tem que se tratar, ten ten. E ela precisa de nós, mesmo que...

— Nunca disse a vocês, mas sempre foi entre eu ou ela, até eu ter noção de que ela apanhava no meu lugar, ela aceitou as surras em silêncio. — Soltei o ar com força. — Ela pode ter errado ao fazer o que fez com o testamento, ao ter nos afastado e tentado nos controlar, ou pelos showzinhos de casamentos por contrato...

— Mas ela sempre esteve lá — Henrique complementou e eu assenti. — Apesar dos pesares, ela sempre esteve.

— Tudo o que podemos é dar o nosso melhor, mesmo que as vezes o melhor não seja o que os outros esperam. — Foi quando a voz dela nos atingiu e ela voltou a nos encarar. — Não quero a pena de vocês, ou cuidado... Só quero um resto de vida em paz.

Ela então passou por nós, sem dizer mais nada, e eu fiquei ali, trocando um breve olhar com meus irmãos, que

pareciam também pensar no mesmo que eu – que Hellen precisava de nós.

— Leonel nunca mais vai tocá-la — Talita falou e ela parou o passo. — É uma promessa, Hellen.

Minha tia não falou nada e adentrou o elevador, mas notei que ela estava a ponto de desabar.

— Eu vou com ela. — Henrique tomou à frente, e vi-o adentrar o elevador, e mesmo que ela se negasse a deixá-lo tocá-la, ele a forçou a isso. Ele deu um leve sorriso para nós, antes das portas se fecharem.

— Bom, às vezes somos os vilões que nos permitimos ser

— Talita falou e seu olhar encontrou o meu.

E eu concordava completamente com ela, enquanto Valéria veio para os meus braços e a segurei ali. A realidade era que a gente podia lutar o quanto pudesse pelo que achávamos que fosse nosso de direito, mas ninguém sabia exatamente pelo que o outro lutava.

Eu lutava pela minha família, do meu jeito.

Hellen também lutou, do jeito dela. E tudo o que podia sentir era a dor da minha mãe por ter passado pelo mesmo. Ela merecia mais. Elas mereciam muito mais do que uma vida definida pelo abuso de um homem.



Capítulo 30

“Você me levou de volta no tempo quando eu estava inteiro
Agora você é tudo que eu quero

E eu soube desde o primeiro momento

Porque uma luz se acendeu quando ouvi aquela música

[E eu quero que você a cante de novo”\[35\]](#)

GAEL

— Quem é a coisinha mais linda da mamãe? — ouvi Talita perguntar, abaixando-se para fazer carinhos em Taylor, que veio

correndo nos receber. Ela tinha ficado em um hotel para cachorros na noite passada, já que sentimos medo de deixá-la sozinha a noite ali, já que ela nunca ficou de fato sem alguém, e Talita não quis pedir a ninguém mais. — Foram bonzinhos com você, fez amiguinhos peludos?

Ela latiu, como se respondesse, e fui até elas. Senti então o pequeno corpo peludo passando pelas minhas pernas, e me

agachei, fazendo um leve carinho em sua cabeça. Mas eu ainda carregava o peso do que tinha acontecido, o que me bloqueou de me divertir de fato com ela.

— O que foi? — Talita indagou, assim que Taylor se jogou contra um dos tapetes e pareceu querer simplesmente descansar por algum tempo.

— Desculpe. — Foi tudo o que consegui dizer, quando finalmente chegamos à casa de Talita, que naquele momento, também era a minha. Seu olhar era de clara confusão, como se não compreendesse o que eu dizia. — Desculpe por te trazer para essa bagunça, que eu sei que está longe de acabar...

Senti seus pequenos dedos nos meus lábios e me calei.

— Não está mais sozinho. — Repetiu, e senti meu coração pular dentro do peito. — Quando eu disse isso, mesmo que tenha soltado sem querer, foi o que eu quis dizer. — Seus dedos delinearam meus lábios e desceram para o meu peito, sobre meu coração, onde eu costumava colocar sua mão, quando ainda éramos crianças.

Crianças com poucas lembranças daquela época, mas que eram boas. Todas elas, do meu passado, sempre foram bons momentos com ela.

— Acha mesmo que vai ser mais fácil ao meu lado? — riu de canto, como se pensasse sobre. — Há dias em que Dove vai ligar puta gritando que Chae levou um tiro e não quer que o operem. Ou dias em que Jeon vai ligar e dizer que não suporta mais Vincenzo como chefe da família, e que quer ser deserdado.

Ou eu mesma vou ligar para Verônica e implorar que os mande calar a boca, já que eu não posso, por ser a mais

nova... —

surpreendi-me com cada palavra, e a forma como ela encarava tudo tão tranquilamente. — Tenho usado o braço dos Kang contigo desde o momento em que subiu naquele altar, mesmo que não tenha percebido. Eu te coloquei na minha família, sob proteção por todo esse ano, mas a verdade é que eu queria poder

te ter perto e proteger, da forma que eu sei que ninguém mais pode fazer... Tanto, porque você não deixou, quanto porque a vida às vezes nos cobra de nos defendermos por nós mesmos. —

Suas mãos subiram para meu rosto e o seguraram, fazendo-me encará-la, e senti uma lágrima descer. — Não precisa se desculpar comigo, não por isso. Ou pode se desculpar por ter sido um babaca quinze anos atrás e não ter me reconhecido há seis anos...

Olhei-a boquiaberto e pronto para pedir desculpas, de fato, mais uma vez, porque a realidade era que eu não conseguia me perdoar pelo que fiz com ela. Talvez nunca acontecesse.

Contudo, logo notei o sorrisinho debochado no canto de sua boca e ela riu abertamente em seguida, entregando-me as quatro covinhas que eu passaria a vida adorando.

— Como posso ter conseguido uma senhora tão debochada?
— provoquei, segurando sua cintura e trazendo-a para perto, sentindo-a secar minhas lágrimas, ainda com o sorriso aberto.

— Acho que é o carma de ser o mais debochado possível com os outros... — piscou um olho. — Aí, dentro de casa, não vai conseguir vencer.

— Está me desafiando sobre qual de nós dois sabe zoar mais? — indaguei inconformado e ela semicerrou os olhos.

— Quem sabe? — deu de ombros, e levou as mãos até os meus, como se para me manter ali, bem perto. — Tudo depende de quanto tempo vai ficar nessa casa... — e então seu sorriso foi desaparecendo e eu sabia que ela falava sério.

— Eu posso escolher? — indaguei, porque a realidade era que o sentimento que gritava em meu peito, desde o momento em que a ficha caiu durante a festa que fomos, queria sair por minha boca. Mas eu tinha medo de assustá-la e vê-la fechar a porta para nunca mais. — Eu posso acreditar no que disse, de verdade?

— Sobre a primeira pergunta, a resposta é sim — falou, e aproximou-se até que seu queixo se encostou contra meu peito e seus olhos castanhos presos aos meus. — E sobre a segunda, eu sabia que não deixaria passar o que eu disse...

— Acho que um homem apaixonado nunca deixaria algo tão importante passar. — Rebatí, sentindo seus olhos adquirirem a surpresa pura. — Como não se apegar às palavras da mulher que ama, dizendo que te ama também?

— Você me ama? — ela era tão direta, que me fez rir, e levar meus lábios até sua testa.

— Acho que eu sempre amei — admiti, e notei a forma como ela se expunha ali, como se no fundo daquele olhar, existisse medo. Um medo de que eu não tivesse a certeza. Mas eu tinha, mais do que nunca. — Eu não posso afirmar no passado, porque o sentimento hoje é tão maior..., mas a questão é que eu senti que ele cresceu, a cada momento em que te tive por perto novamente. A cada pequena palavra que sai dessa sua boca perigosa... — toquei

levemente seu lábio inferior, inchado e maltratado da noite anterior e sorri de lado. — A cada gesto que você entrega mesmo que não quisesse, mas por ser o que sente... — toquei então uma de suas mãos com as minhas, e a trouxe novamente para meu peito. — A cada batida do meu coração que fez sentido quando começamos isso.

— Um casamento de mentira para o CEO... — suspirou fundo, como se pensasse alto. — Parecemos realmente o clichê romântico que Flávio tanto disse que seríamos... — riu baixinho e acabei fazendo o mesmo.

Apenas Talita Kang para conseguir falar sobre algo assim no meio de uma declaração de amor. E por todos os deuses, eu adorava aquilo nela. A forma como sempre me surpreendia com o que veria a seguir, e sem medo de dizer o que realmente pensava e sentia.

— É nesse momento que eu te peço em um casamento real? — indaguei, entrando em sua brincadeira, mas tinha todo um fundo de verdade. Porque a realidade era que eu não queria sair dali, não mais. Eu queria aquilo. Eu desejava estar ali por ela, e transformar em nosso lar. Ser o seu lar.

— Só se estiver preparando para ouvir um “não”. — Levei uma das mãos ao meu peito, sobre a sua, como se tivesse sido atingindo e ela riu. — Já somos casados, e quem sabe, um dia, eu coloque meu sobrenome em você. — Piscou um olho, e me pegou de guarda baixa, como sempre.

— Quer que eu seja um Kang?

— Isso você já é, só que está descobrindo agora... —

piscou um olho, levando a outra mão ao lado direito do meu peito.

— Mas vai ter que provar isso para o restante da minha família maluca.

— Eu acho que posso lidar com os Kang, já que sou um Fontes.

— Bom, esse realmente é o casamento do ano, ou quem sabe, o casamento dos últimos quinze... — provocou e eu fechei os olhos, sem conseguir crer na forma como ela era única. E

agora, minha. — Eu sempre venço, o que inclui o deboche.

— Nunca vou me incomodar em perder para você.

— Aish — xingou em coreano e revirou os olhos. — Por que tem que ser um romântico quando está comigo?

— Porque você gosta disso. — Ela revirou os olhos e tentou se afastar, mas a puxei para perto, e sorri. — Porque consigo ser apenas eu com você.

— Me sinto honrada. — Seu tom mudou, e notei que falava sério, mesmo que sua expressão fosse leve. — Mas ainda tenho uma confissão a fazer, antes que decida que quer realmente ficar...

— Eu não poderia escolher?

— Não antes de ouvir uma das minhas músicas favoritas e que me definem... — ali, eu sorri, porque ela estava confiando aquilo a mim, do mesmo jeito que fazíamos quando ainda éramos crianças. Era algo que talvez ninguém mais entendesse a importância, mas eu entendia.

— Eu terei que tocar o violão todo errado, como eu fazia?

— Não dessa vez, mas se for ficar, vai ter que aprender. —

Piscou um olho e me puxou consigo pela mão, fazendo-nos ir até o lado de fora da casa, que dava para o jardim.

Vi então o violão preto encostado contra a parede, ela foi até ele, pegando-o e notei um leve rubor em suas bochechas.

— Há quanto tempo que não canta para alguém? —

indaguei, e ela deu de ombros, pegando o instrumento e se sentando nas escadas que davam para o gramado, testando as cordas.

— Acho que canto para mim mesma, nessa casa, há muito tempo... — admitiu, e seu olhar parou no meu. — Era algo meu e dos meus pais, que você viveu e viu também, mas depois...

Depois eu só me vi cantando para o jardim, como se fosse para eles.

— Eu tenho certeza de que eles escutam. — As palavras saíram tão de imediato, e eu senti aquilo, como uma pura verdade.

— Eu também. — Sorriu e bateu no degrau abaixo do seu, como se me chamando. — Pronto?

— Para você? A qualquer momento — respondi e ela riu alto, jogando a cabeça para trás.

— O duplo sentido de centavos... — parou de sorrir e me encarou. — Áudio de desculpas...

— Como...

Ela então começou a tocar e eu fiquei em silêncio, e me recordei de que eles sempre falavam o nome da música antes de começar a cantar.

— *“Eu só queria ser normal*

Mas eu não sou

É só puro trauma, confusão e se quiser

Te mostro o meu melhor

Te mostro o meu pior

Te mostro a verdade

Que é ser imperfeita e só...”

Ela então deu de ombros, como se estivesse confessando e eu acabei sorrindo.

— *“Que sonho ser estável*

Sonho ser amável

Que sonho não botar tudo a perder Ser controlável

Mas eu sinto demais

Me desculpo eu faço errado

Ser de verdade tem um preço

Eu sempre pago...”

Piscou um olho e eu senti a intensidade em cada palavra.

Era claro que ela realmente sentia o mundo dentro de si, e mesmo que tentasse guardar, em algum momento, aquilo saía.

— *“Eu só queria ser normal*

Sem ser clichê

Não ser emocionalmente dependente de você

Por que eu sou sempre assim?

Difícil de ficar

Difícil de viver sem mim...”

— Isso é a mais pura verdade... — sussurrei, e ela sorriu de lado, concordando.

— *“Desculpa se eu errei com você*

Gritei com você

Desculpa se eu te faço mal só pra me entreter Eu só queria ser normal

Eu só queria ser...”

Ela então parou e notei a forma como suas mãos tremiam, mesmo que de leve. Sabia que ela estava me entregando mais do que realmente esperava que um dia entregaria a alguém.

— Pode ser minha, se quiser — respondi, como se fosse uma pergunta, e seu olhar encontrou o meu. — E eu posso ser o que você quiser.

— E o que você quer, Gael? — indagou, e eu respirei fundo, vendo-a colocar o violão na parte que acabavam os degraus, e seu olhar voltou para o meu.

— Quero isso. — Fiz um sinal entre nós. — Como disse antes, e eu ainda acredito... Eu quero o que sinto com você, e o que mais vier.

— Acho que posso te dar isso — falou, e veio para perto, tocando meu rosto e seus lábios quase nos meus. — Passos para a frente?

— Passos para a frente.

Minha boca iria encontrar a sua, mas ouvi o barulho de algo disparando e de repente, um corpo peludo contra nós dois, quase nos fazendo cair os outros três degraus da escada.

— Realmente, Taylor quer que a gente vá para a frente, nem seja rolando escada abaixo...

Eu ri e Talita fez o mesmo, trazendo a pequena para perto.

E nada fez mais sentido, do que o que estávamos construindo ali. Olhei para o jardim, como se soubesse que os pais dela, e a minha mãe, como antigamente, estavam ali, nos olhando brincar, enquanto conversavam.

E de alguma forma, eles estavam - em nossos corações.



Epílogo

“Meu coração já foi emprestado e o seu já ficou triste Tudo está bem quando termina bem se o final for com você Juro ser excessivamente dramática e honesta com o meu amado

[E você vai guardar todas as suas piadas mais sujas pra mim”\[36\]](#)

Talita tinha apenas dez anos quando recebeu a carta que reabriria várias vezes aos dezessete, antes de aceitar o noivado que Hellen Fontes propôs à sua família. E ela não sabia explicar como os pais chegaram àquela conclusão, mas ela confiava neles, com sua própria vida. Ainda mais, depois que se foram, e tudo o que lhe restou, foram as lembranças e palavras no papel.

E ela acreditou nelas – aos dezessete. E agora, recebendo uma carta no meio do expediente, com o símbolo de um K e C

emaranhados, o que ela e Gael criaram – Kang dela, Campos dele, já que não era mais a Distribuidora Fontes,

mas sim Campos, e aos poucos, ele mudava o legado para o de sua mãe, assim como ela continuava o de seus pais.

Ela olhou para o papel ainda dobrado, encarou-o por alguns segundos e depois para a aliança dourada em seu dedo.

Naquele dia, fazia um ano que eles tinham se casado e teoricamente, quando tudo acabaria. E seria mentira dizer que ela não estava surtando por dentro com aquilo. No caso, ela e Gael já haviam tido inúmeras conversas sobre aquilo, mas mesmo assim, parte dela, sempre esperava que em algum momento, as coisas sairiam de controle. No caso, porque ela tinha medo de perder quem amava.

E ela amava Gael.

Foi então que ela abriu o papel e finalmente encontrou a caligrafia dele. Sentiu seus olhos marejarem, e não pôde segurar-se a cada palavra que lia.

“Minha senhora,

Do jeitinho que você gosta de ser chamada, mesmo que a principio fosse apenas o meu lado protetor agindo. Durante esses 365 dias, eu percebi que na realidade, você o é. Minha senhora, minha melhor amiga, minha amante, minha... minha esposa. Não sei se para você, isso faz sentido, mas eu escrevi essa carta algumas semanas depois de você cantar novamente para mim.

Eu não sabia dizer, mas eu sabia que ficaríamos. Que nós dois fomos feitos para permanecer. Desde o primeiro momento, com corações quebrados e recomeços improváveis... E eu não sou bom nisso, de fato. Nem sei se estou escrevendo corretamente, já que nunca escrevi uma carta de amor antes. Por favor, entenda que isso, é uma carta de amor. Obs: eu não sei se posso fazer observações,

mas eu tenho certeza de que você sorriu, com as quatro covinhas que eu adoro, bem agora. Aliás, eu já disse que te amo hoje? Se eu não disse, por favor, chute minha bunda no ringue. Como no passado e como eu espero que aconteça novamente no nosso dia a dia. Eu espero tudo, na verdade. Todo o clichê que um casal tem, e aquilo que nem sabemos como controlar. Eu nunca soube, não com você. E talvez por isso, estejamos bem aqui, com você lendo essa carta. Porque eu não poderia te deixar ir, não quando tentei ler no seu olhar que me

pediu para ficar. Como eu li no passado, e como eu li no agora.

Mas no agora, eu fiquei. E eu espero ficar para sempre. Nós dois e Taylor atrapalhando nossos beijos. Nós dois e brigas desconexas sobre o melhor girlgroup de kpop. Nós dois e Flávio como agregado, que eu tento detestar, mas como se consegue odiar esse Esteves? Nós dois e você surtando porque viramos padrinhos de Guta, e você quase comprou uma casa para o bebê.

Nós dois e a intensidade que mesmo que tentamos controlar, não se vai. Porque não vamos deixar ir, porque não vamos nos deixar ir. Não vamos, certo?

Bom, é o que eu espero e o que quero.

Nós dois.

Feliz 365 dias, mais uma vida amando a mesma pessoa, mesmo que nenhum de nós tivesse real ideia de como esse sentimento cresceria.

Eu te amo,

Seu senhor

Obs2: eu sei que não vai concordar com a assinatura, mas posso afirmar que gosta de me chamar assim em outros momentos.

Obs3: parei de provocar.

Obs4: eu te amo, sempre.”

Foi então que ela ouviu batidas na porta e levantou o olhar, encontrando-o parado ali, com um buquê de rosas vermelhas, mais clichê e romântico impossível, mas que mesmo que ela revirasse os olhos por ser de sua natureza, ela adorava.

Ela adorava a versão de si mesmos, do que eram um para o outro. A versão real deles.

— Gael Oppa...

Uma palavrinha que fez Gael paralisar no meio do caminho, já que ia diretamente para limpar as lágrimas do rosto da mulher que amava. E ali estava ela, surpreendendo-o por completo mais uma vez. Ele esperava qualquer coisa, mas não que ela diria aquilo. Não que ela confiasse novamente nele de tal maneira. E com o coração quase pulando do peito, ele foi até ela, e a trouxe para si, abraçando-a com todo amor que sentia.

O amor que era deles e que sempre foi real. Porque no meio de qualquer mentira que fosse, eles nunca puderem mentir para si mesmos.



Bônus

“Nunca seja tão educada

Que você se esqueça do seu poder

Nunca exerça tal poder

[Que você se esqueça de ser educada”\[37\]](#)

“Querida Talita,

Diário dos seus pais sobre algo que nem eles sabem explicar de fato. Sobre eles acharem que sua amizade com o menino de Somni vai longe, e de alguma forma, achamos que será importante, cuidar dele. Pode ser que não faça sentido hoje, que você é tão nova e não tem como entender. Mas não julgue

seus pais, tudo bem? Talvez, daqui a muitos anos, cada uma dessas palavras faça sentido e você entenda. E vemos como fica feliz sendo amiga dele, e talvez, seja uma boa amizade para a vida. Então, se seus pais podem te aconselhar algo, como a gente sempre faz, com essas cartas... Dê uma

chance para ser amiga dele. Como você mesma disse, ele é seu Oppa favorito. E

bom, acreditamos que isso não vai mudar, não agora.

Te amamos, pequena

Mamãe e Papai.”

Nota

E chegamos a mais um “Fim” sem dizer “fim” de fato... O

que achou deles? Surpreendeu-se? Passou raiva? Gostou de como as coisas correram? Não se esquece de me contar



Talita e Gael são apenas o começo de uma nova jornada, com Fontes, Kang e Esteves pelo caminho. Ao decorrer dos livros, as lacunas vão se fechando, principalmente para Hellen no lado dos Fontes e os outros dois irmãos, assim como para os irmãos Esteves com casamento em crise e gravidez secreta no meio, e o poder exalando dentro de uma família para lá de poderosa como os Kang. E aí, o que acham?

Caso queiram saber mais sobre os projetos futuros e a respeito de cada um deles, me siga nas redes sociais listadas abaixo, principalmente no instagram (@alineapadua). Estou doida para poder compartilhar tudinho com vocês.

Obrigada pela leitura,

Aline

Contatos da autora

Instagram: @alineapadua

Tiktok: @autoralinepadua

Twitter: @alineapadua

Meus outros livros: [aqui](#)



Outros Livros

UMA GRAVIDEZ INESPERADA

Família Torres - Livro 1

[adquira o seu clicando aqui](#)

SINOPSE

Se no meio do caminho de algumas pessoas tem uma pedra, no meio do caminho de Maria Beatriz, sempre teve Inácio. O herdeiro da fazenda que fica ao lado das antigas terras de sua família, tornou-se um homem bruto e fechado, que quando aparece na sua frente, ela já sabe que só pode ser problema ou alguma proposta indecorosa. Maldito peão velho!

Inácio Torres é um homem de poucas palavras, mas que vê em uma mulher tagarela, a oportunidade perfeita. Mabi precisa de dinheiro, ele o tem. Ele precisa de um casamento falso, e ela é a escolha perfeita. Porém, a única coisa que recebe de Mabi, como sempre, é uma negativa. Maldita criança sonhadora!

No meio das voltas que a vida dá, uma noite de prazer os marca. E a consequência será muito maior que o arrependimento: UMA GRAVIDEZ

INESPERADA.



CEO INESPERADO - meu ex melhor amigo

Família Torres - Livro 2

adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Se nem tudo que reluz é ouro, Júlio é apenas a melhor imitação de pedra preciosa que Babi colocou os olhos.

O seu ex-melhor amigo, a abandonou e quebrou seu coração quando eram adolescentes. Bárbara Ferraz jurou a si mesma que nunca mais o deixaria ficar perto. *Maldito CEO engomadinho!*

Júlio Torres sabe que deixou uma parte de si para trás. Sua ex-melhor amiga o odeia e ele, muitas vezes, teve o mesmo sentimento por si. *Maldita sombra!*

Júlio sabe que não pode mais ignorar, porque ele não quer apenas a sua melhor amiga de volta, ele a quer como sua.

Babi foge dele como o diabo foge da cruz. **Entretanto, como fugir se depois do reencontro e finalmente os pratos limpos, ela se descobre grávida do seu ex-melhor amigo?**



O BEBÊ INESPERADO DO COWBOY

Família Torres - Livro 3

adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Se existe amor à primeira vista, Abigail Alencar e Bruno Torres compartilham o completo oposto. Abi o detestou desde o primeiro momento, e com o passar dos anos, o sentimento permaneceu. Bruno é o típico cowboy cafajeste, arrogante e popular, que ela não suporta um segundo na presença.

A cidade pequena sabe de seu desgosto e desinteresse no mais novo dos Torres, porém, ele sempre pareceu ficar ainda mais animado em confrontá-la. Se existe algo sobre Bruno que ela conhece bem, é que ele não foge de um desafio.

Assim, quando Abi o encontra como babá da sua filha de apenas um ano, ela só consegue pensar que ele quer algo. Bruno jura que está ali apenas para tirá-la do sério, como sempre, mas tudo acaba por mudar, naquele exato instante.

Existe uma linha tênue entre o amor e o ódio... eles estarão dispostos a cruzá-la?



FELIZ NATAL, TORRES

Família Torres - Livro Extra

adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

O Natal parou de ser uma data festiva, e tornou-se dolorosa, assim que Maria Beatriz perdeu os pais. No entanto, nesse ano, tudo mudou e ela vai lutar para que essa data seja ressignificada. Que ela possa sorrir na data, o tanto quanto, um dia o fez, no passado. Assim, ela precisa que tudo saia PERFEITO.

Uma árvore de Natal destruída, enfeites perdidos pela casa, a ceia que não vai chegar a tempo, um desmaio...

Será que ela terá o seu Feliz Natal ao lado dos Torres?

Esse é um conto natalino, narrado na visão de Mabi e Inácio (do livro Uma Gravidez Inesperada), onde você poderá passar essa data tão especial ao lado da Família Torres.



UMA FAMÍLIA INESPERADA PARA O VIÚVO

Família Torres - Livro 4

adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Olívia Torres sempre teve em mente que para bom entendedor meia palavra bastava. Assim, quando se apaixonou perdidamente e descobriu que o homem com o qual se envolveu era casado, o seu mundo perdeu o chão. Ela apenas foi embora, sem olhar para trás.

Contudo, com Murilo, ela nunca pôde parar de olhar. Ainda mais, quando descobriu que estava grávida.

Murilo Reis perdeu tudo. Nunca pensou, que em algum momento, poderia voltar a sentir algo. Entretanto, bastou um olhar para Olívia, para

ele compreender que ainda existia uma chance. Chance essa, que se perdeu por completo, quando ela o deixou.

Anos depois e uma coincidência do destino, Murilo descobre que não apenas as lembranças daquele amor de verão permaneceram, mas sim, que ele tem uma filha.

Um amor de verão pode ser o amor para a sua vida?



GRÁVIDA DO CEO QUE NÃO ME AMA

Família Reis - Livro 1

adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

O triste é que aquele velho ditado se tornou real em sua vida: Valéria que amava Tadeu, que amava Bianca, que amava Murilo, que não amava ninguém.

Desde que seus olhos pousaram em Tadeu Reis, Valéria se apaixonou. Não sabia dizer se era pelo olhar escuro enigmático, o sorriso que ela queria tirar daqueles lábios cerrados ou o fato de ele ser tão atencioso com quem amava.

Porém, Tadeu apenas tinha olhos para outra mulher, e Valéria escondeu aquele sentimento no fundo de sua alma, tentando matá-lo durante os anos que se passaram. Uma coincidência do destino, os coloca

frente a frente. Ela sabe que ele é errado, mais do que isso, uma grande mentira, porém, seu corpo não resiste.

E uma noite com o homem errado não é o fim do mundo, certo?

Para ela, tornou-se um outro começo, já que terá uma parte dele consigo, para sempre. Valéria está grávida do homem que não a ama. E

não pretende deixá-lo descobrir.



O CASAMENTO DO CEO POR UM BEBÊ

Família Reis - Livro 2

adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Águas passadas não movem moinhos - era o que Lisa repetia a si mesma. Contudo, estar sempre tão próxima

do único homem que realmente se apaixonou, fazia com que ela quisesse voltar, e na verdade, se afogar com ele. Igor Reis era um erro, e ela sempre soube.

Ainda assim, não podia evitá-lo para sempre, já que seus círculos de amizades eram tão próximos. Então, era apenas isso: Igor era um amigo. Um ótimo fofoqueiro e uma pessoa para

perder horas conversando - mesmo que quisesse perder muito mais.

Todavia, quando ele bate na sua porta no meio da madrugada com um bebê a tiracolo, ela não sabe o que de fato está acontecendo. Porém, nada é tão ruim que não possa piorar, e ele a pede em casamento.

Nas voltas que a vida dá, Lisa se vê com o sobrenome Reis, um bebê para chamar de seu e um contrato de casamento por um ano com o homem que ama.

Até onde o casamento do CEO por um bebê será uma mentira?



A FILHA DO VIÚVO QUE ME ODEIA

Família Reis - Livro 3

adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Os opostos se atraem.

Carolina Reis queria jurar que isso estava errado, mas não pôde evitar a forma como seu corpo reagiu ao cowboy bruto e grosso que, literalmente, atravessou o seu caminho. Franco era uma incógnita, com um chapéu de cowboy escuro e uma expressão tão dura, que lhe fazia indagar se ele em algum momento sorria. *Bruto insensível!*

Franco Esteves não tinha tempo para perder, muito menos, com uma patricinha mimada que encontrou sozinha no meio da estrada. Porém, não conseguia evitar ajudar alguém, mesmo que este parecesse ser no mínimo uma década mais

novo, com olhos claros penetrantes e um sorriso zombeteiro. *Diacho de madame!*

O que era para ser apenas um esbarrão no meio do nada, torna-se uma verdadeira tortura, quando Carolina assume, por coincidência a função de tutora da filha do cowboy. Ele só quer evitá-la. Ela só quer irritá-lo. No meio do ódio e atração que lhes permeiam, uma adolescente se torna um vínculo que eles não podem evitar.

Mas até onde ela será a única a uni-los?



GRÁVIDA EM UM CASAMENTO POR CONTRATO

Família Reis - Livro 4

adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Se no meio do caminho de algumas pessoas tem uma pedra, no meio do caminho de Nero, sempre teve

Verônica. A matriarca dos Reis era uma mulher que intimidava a qualquer um, e ele nunca conseguiu entender uma reação da mesma. Quando ela estava a sua frente, ele sabe que tudo o que deve fazer é correr para a direção oposta.

Verônica Reis é uma mulher que nunca demonstra o que sente. Sendo assim, praticamente impossível desvendar o que se

passa em sua cabeça, e muito menos, em seu coração. Contudo, sempre lhe intrigou o fato de que Alfredo Lopes – ou apenas Nero para os demais – parecia querer enfrentá-la em uma simples troca de olhares, e nunca a temer.

No meio das voltas que a vida dá, um contrato de casamento é o que os une. O que ela e muito menos eles esperavam, era que no único momento que deixassem a guarda baixar, teriam algo maior do que o arrependimento para lidar: **UMA GRAVIDEZ EM UM CASAMENTO POR CONTRATO.**

[1] Miss Americana and The Heartbreak Prince – Taylor Swift

[2] Essa é uma palavra que os fãs de cultura coreana com certeza já ouviram em k-dramas, músicas, filmes e reality shows. A tradução de

"oppa" para o português é "irmão mais velho". O termo deve ser utilizado pelas mulheres para falar com e/ou se referir aos seus próprios irmãos, namorado e/ou amigos homens muito próximos. Além disso, a palavra costuma ser usada em ambientes mais íntimos, como círculo de amigos e festas. Já no mercado de trabalho e na escola ou universidade, normalmente as mulheres utilizam outros termos para se referir aos homens mais velhos. Fonte: <<https://educacao.umcomo.com.br/artigo/oque-significa->

oppa-em-coreano-30202.html> Oppa () e Hyung () significam algo como “irmão mais velho”, e Noona () e Unnie () significam “irmã mais velha”. Fonte: <https://www.koreapost.com.br/conheca-a-coreia/comportamento/o-significado-de-oppa-hyung-noona-unnie/>>

[3] Bam Bam - Camila Cabello feat Ed Sheeran

[4] How You Like That - BlackPink

[5] Tomboy - (G)idle

[6] Breakfast - Dove Cameron

[7] "Unnie" nada mais é do que "irmã mais velha". Apesar de ter uma tradução aparentemente simples no português, o termo carrega algumas particularidades por trás de seu uso. Em primeiro lugar, a palavra é

utilizada apenas pelas mulheres para se dirigir às suas irmãs ou pessoas mais velhas da família. Além disso, essa palavra também pode ser utilizada pelas garotas para se referir a amigas próximas que também são mais velhas. Oppa () e Hyung () significam algo como “irmão mais velho”, e Noona () e Unnie () significam “irmã mais velha”. Fonte: <https://www.koreapost.com.br/conheca-a-coreia/comportamento/o-significado-de-oppa-hyung-noona-unnie/>>

[8] Cumprimento de personagens que são melhores amigas no dorama Uma Advogada Extraordinária, lançado em 2022.

[9] I Wish You Would - Taylor Swift

[10] [Pink Venom](#) - Blackpink

[11] [Maria](#) - Hwasa

[12] [How You Like That](#) - Blackpink

[13] [Pretty Savage](#) - BlackPink

[14] [Angels Like You](#) - Miley Cyrus

[15] [áudio de desculpas](#) - Manu Gavassi

[16] [Cruel Summer](#) - Taylor Swift

[17] [1 step forward, 3 steps back](#) - Olivia Rodrigo

[18] [All Too Well 10 minute version](#) - Taylor Swift

[19] [Índios](#) - Legião Urbana

[20] [Cruel Summer](#) - Taylor Swift

[21] [Você Vai Me Destruir](#) - Jão

[22] [Liar](#) - Camila Cabello

[23] [Favorite Crime](#) - Olivia Rodrigo

[24] [Kill This Love](#) - BlackPink

[25] [All These Years](#) - Camila Cabello

[26] [Feel It Twice](#) - Camila Cabello

[27] [I Wanna Be Your Slave](#) - Maneskin

[28] [Quiet](#) - Camila Cabello

[29] [Shameless](#) - Camila Cabello

[30] [Easy](#) - Camila Cabello

[31] [Shameless - Camila Cabello](#)

[32] [Used To This - Camila Cabello](#)

[33] [Índios - Legião Urbana](#)

[34] [Índios - Legião Urbana](#)

[35] [Can I Be Him - James Arthur](#)

[36] [Lover - Taylor Swift](#)

[37] [marjorie - Taylor Swift](#)

Document Outline

- [Sumário](#)
- [Nota](#)
- [Playlist](#)
- [Sinopse](#)
- [Prefácio](#)
- [Prólogo](#)
- [Capítulo 1](#)
- [Capítulo 2](#)
- [Capítulo 3](#)
- [Capítulo 4](#)
- [Capítulo 5](#)
- [Capítulo 6](#)
- [Capítulo 7](#)
- [Capítulo 8](#)
- [Capítulo 9](#)
- [Capítulo 10](#)
- [Capítulo 11](#)
- [Capítulo 12](#)
- [Capítulo 13](#)
- [Capítulo 14](#)
- [Capítulo 15](#)
- [Capítulo 16](#)
- [Capítulo 17](#)
- [Capítulo 18](#)
- [Capítulo 19](#)
- [Capítulo 20](#)
- [Capítulo 21](#)
- [Capítulo 22](#)
- [Capítulo 23](#)
- [Capítulo 24](#)
- [Capítulo 25](#)
- [Capítulo 26](#)

- [Capítulo 27](#)
- [Capítulo 28](#)
- [Capítulo 29](#)
- [Capítulo 30](#)
- [Epílogo](#)
- [Bônus](#)
- [Nota](#)
- [Contatos da autora](#)